



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Lais Carvalho da Silva Machado

**Ciberativismo e Processos Decoloniais Articulados pelas *Youtubers* Negras:**  
contribuições para uma formação universitária antirracista

Duque de Caxias

2023

Lais Carvalho da Silva Machado

**Ciberativismo e Processos Decoloniais Articulados pelas *Youtubers* Negras:**  
contribuições para uma formação universitária antirracista

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Velloso da Silva Seixas

Duque de Caxias

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

M149  
Tese

Machado, Lais Carvalho da Silva  
Ciberativismo e Processos Decoloniais Articulados pelas Youtubers  
Negras: contribuições para uma formação universitária antirracista - 2023.  
143 f.

Orientador(a): Luciana Velloso da Silva Seixas.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Ciberativismo negro - Teses. 2. Ciberpesquisa-formação - Teses. 3.  
youtubers negras – Teses. 4. cotidianos – Teses. 5. Multirreferencialidade.  
I. Seixas, Luciana Velloso da Silva Seixas. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 378:323.14

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7 6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,  
desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Lais Carvalho da Silva Machado

**Ciberativismo e Processos Decoloniais Articulados pelas *Youtubers* Negras:**  
contribuições para uma formação universitária antirracista

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 14 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Velloso da Silva Seixas (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Pires Alves  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Cristiane Cardoso Campos  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Terezinha Fernandes Martins de Souza  
Universidade Federal de Mato Grosso

Duque de Caxias

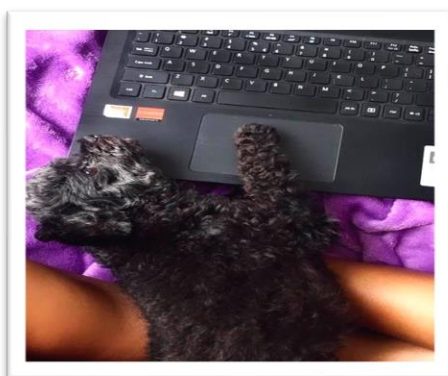
2023

## DEDICATÓRIA

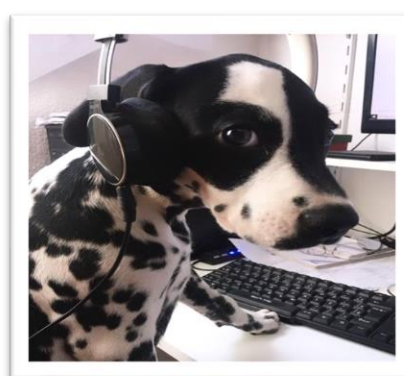
Aos meus pais, que com muito amor me criaram, dedico não apenas esses escritos, mas toda minha vida. Vocês que me trouxeram ao mundo, ensinaram-me os caminhos que deveria andar, lutaram para que pudesse chegar até aqui, acolhendo-me sempre com carinho. Tudo que sou hoje devo a vocês, e cada passo que eu der é para vocês e por vocês, que sempre tiveram muito cuidado, afeto e depositaram todas as fichas e todo esforço em mim. Sem vocês, nada disso seria possível, razão pela qual dedico a vocês, este trabalho, minha mãe Marcia e meu pai Aluisio!

A você, Bruno Machado, que me incentivou, como amigo, namorado, noivo e, hoje, marido. Um companheiro de luta, ‘*aprendizagemensino*’ de vida, que me apoiou e incentivou para que eu escrevesse mais uma página, ou somente uma linha. Respeitou, meu processo, mesmo em meio as crises, de modo compreensivo, com sensibilidade, generosidade e escuta sensível encorajando-me a conhecer mais sobre a luta antirracista e decolonial. Nessa perspectiva, abraçou a minha causa, ajudando-me a desbravar tantos pontos que atravessaram meu caminhar, tantas lutas. Sempre disposto a fazer da nossa casa um espaço de consciência social, você sonhou meu sonho. Cada conquista, cada vitória obtida nessa caminhada tem você ao meu lado, de mãos dadas.

Ah! Não posso esquecer de Berenice e Laika, filhas de patas que, com toda energia acumulada, deitavam a meus pés ou em meu colo e, nos momentos mais difíceis, acalmavam-se, deixando-me ler e escrever. Ainda existem pessoas que dizem que cachorro não entende!



Berenice



Laika

Afirmo que entendem, pois cada vez que abaixava a tela do *notebook*, levantavam e logo toda aquela energia e alegria estavam de volta.

**Gratidão por tanto!**

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de uma polifonia de vozes que a tornaram uma produção coletiva, envolvendo pessoas importantes, saberes diversos, relações de amizade e afetos postos em prática, ao longo do tempo, e aquecidos no coração, em forma de lembranças. Acredito que ninguém caminha sozinho. E, sozinha, nada faria.

Gratidão,

À ancestralidade que orienta e ilumina meus caminhos. A Deus, a essa força maior - cujo nome pode ser variado, a esse ser de luz, obrigada pela vida.

Ao meu companheiro de vida, que, em um momento muito difícil, incentivou-me a permanecer e terminar o mestrado.

A minha mãe e a meu pai, que são minha base, meus exemplos de vida, que dedicaram suas vidas a zelar pela minha, agradeço até mesmo pelas críticas, que só me deram força para seguir em frente.

A toda minha família - madrinha, afilhado, tia, tio, primo, prima, que são parte do meu processo de formação na casa do meu avô, grata. Levo um pouquinho de cada um comigo.

A minha querida UERJ, por esses anos de estudo e formação, ensinando-me o que é, na prática, a luta por uma educação pública emancipatória e de qualidade, movendo e resignificando minha vida.

A minha orientadora, Luciana Velloso, que me acolheu, acreditou em mim. Uma mulher que de pequena só tem o tamanho, pois é gigante: enorme no carinho, na dedicação, na capacidade de ouvir o outro e lhe estender a mão; inteligência, garra, determinação, facilidade em lidar com diversas situações são características que lhe são peculiares. Uma pessoa de alma pura e caridosa como nunca imaginei existir na vida. Admiro-a muito como ser humano; uma pessoa que não apenas incentiva com palavras, mas com atitudes. Agradeço a vida por permitir tê-la ao meu lado. E que venham muitas outras!

À professora Mirian Amaral, uma mulher que dedica grande parte de seu tempo a expressar seu amor à educação e às pessoas, não apenas por meio da palavra escrita ou falada, mas, também, pelos exemplos de vida, compartilhando seus '*fazeressaberes*' com alegria e bom humor. Agradeço sua acolhida, sua capacidade de transmitir confiança e acreditar no potencial de seus alunos, reacendendo a '*esperança freiriana*' em cada um de nós.

Aos amigos do Programa LCD em movimento, que me abraçou e me deu a mão, o que me impulsionou a estar aqui.

As minhas 'uerjanas e febfanas', nome dado aos grupos do *WhatsApp*, dois grupos de amigas que a universidade me presenteou e tenho o privilégio de compartilhar cada experiência, vivência, textos, ideias.

Aos colegas dos grupos de pesquisa EduCiber - Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura, SoCib - Sociabilidades, Cibercultura e Educação, e do Geimec - Grupo de Estudos Infância, Mídia, Educação e Cultura e ao Projeto Ações. Nunca vou esquecer de cada encontro, pois mudaram minha vida!

Enfim, a tantas pessoas que esbarrei nessa itinerância e assim me formaram e formo a cada dia, levando um pouquinho de cada uma delas comigo.

A todos vocês, só tenho que agradecer e dizer, meu mais sincero e humilde muito obrigada. Sem cada um de vocês não chegaria aqui. Obrigada por tanto aprendizado! Palavras não vão dar a real dimensão de meu sentimento de alegria e gratidão.

A alegria não chega apenas no encontro do achado,  
mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode  
dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

*Paulo Freire*



## RESUMO

MACHADO, Lais Carvalho da Silva. **Ciberativismo e processos decoloniais articulados pelas youtubers negras**: contribuições para uma formação universitária antirracista. 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2023.

A partir da atuação de mulheres negras no âmbito dos movimentos sociais, o feminismo negro, no Brasil, vem sofrendo grandes transformações, alcançando, na atualidade, novas formas de resistência e de mobilização, nas redes sociais. Nessa perspectiva, objetivamos, neste estudo, compreender como os discursos articulados pelas ativistas brasileiras negras, nos canais de vídeos *YouTube*, podem favorecer uma formação universitária antirracista, ao darem visibilidade e protagonismo às mulheres negras, com vistas a ressignificar suas próprias experiências e criar novos conhecimentos. Ancoradas nas contribuições de ativistas negras como Conceição Evaristo, bell hooks, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Kilomba Grada, Gabi Oliveira, Xan Ravelli e Ana Paula Xongani, entre outras, e com base no paradigma da complexidade, dialogamos com a etnografia digital, que legitima a experiência e o acontecimento como elementos estruturantes desse processo (Macedo, 2016), optando por brincar a ciberpesquisa-formação (Santos, E., 2014; 2019), aos princípios da multirreferencialidade (Ardoino, 1998; Macedo, 2020) e à pesquisa com os cotidianos (Alves, 2008; Andrade, Caldas e Alves, 2019; Certeau, 2013). Desse modo, a pesquisa foi realizada tanto nas plataformas digitais quanto na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica em Ciências Sociais e Educação – turma PPP II/2022, do curso de Pedagogia da UERJ, Campus Maracanã. Para seu desenvolvimento, utilizamos dispositivos diversos (Ardoino, 1998; Santos, E. 2020), como: o *Google Forms*, o Diário de campo, o *WhatsApp*, a roda de conversa e os canais do *YouTube*, que também assumimos como campo de estudo. Ao longo do processo de investigação, vimos que descolonizar o pensamento, (re) conhecendo as trajetórias e lutas de ativistas negras, implica conflito e negociações, mas também produz novas formas de ‘*fazersaber*’ e estar no mundo. Desse modo, ao produzirem conhecimentos críticos e emancipatórios sobre as questões raciais no Brasil essas ciberativistas negras têm contribuído para uma educação universitária antirracista, desconstruindo estereótipos raciais, trazendo novas perspectivas e experiências, antes invisibilizadas, desenvolvendo reflexão e crítica, e oferecendo suporte emocional e intelectual, por meio de redes de apoio.

**Palavras-chave:** Ciberativismo negro, ciberpesquisa-formação, *youtubers* negras, cotidianos, multirreferencialidade.

## ABSTRACT

Machado, Lais Carvalho da Silva. **Black cyberactivism and decolonial training processes articulated by black youtubers: contributions to a feminist and anti-racist education.**

2023. 144 f. Dissertation (Masters in Education) - Faculty of Education of Baixada Fluminense, State University of Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2023.

From the participation of black women in the realm of social movements, black feminism in Brazil has undergone significant transformations, currently achieving new forms of resistance and mobilization through social media. In this perspective, the objective of this study is to understand how the discourses articulated by Brazilian black activists on YouTube video channels can promote an anti-racist university education by giving visibility and protagonism to black women, aiming to redefine their own experiences and create new knowledge. Anchored in the contributions of black activists such as Conceição Evaristo, bell hooks, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Kilomba Grada, Gabi Oliveira, Xan Ravelli, and Ana Paula Xongani, among others, and based on the complexity paradigm, we engage with digital ethnography, which legitimizes experience and events as structuring elements of this process (Macedo, 2016). We choose to engage in cyber-research formation (Santos, E., 2014; 2019) with the principles of multireferentiality (Ardoino, 1998; Macedo, 2020) and research with everyday life (Alves, 2008; Andrade, Caldas, and Alves, 2019; Certeau, 2013). Thus, the research was conducted both on digital platforms and in the discipline "Research and Pedagogical Practice in Social Sciences and Education - PPP II/2022 class," in the Pedagogy program at UERJ, Maracanã Campus. For its development, we used various tools (Ardoino, 1998; Santos, E., 2020), such as Google Forms, field diaries, WhatsApp, roundtable discussions, and YouTube channels, which we also consider as a field of study. Throughout the investigative process, we found that decolonizing thought, (re)acknowledging the trajectories and struggles of black activists, involves conflict and negotiation, but also produces new ways of 'knowing-doing' and existing in the world. By producing critical and emancipatory knowledge about racial issues in Brazil, these black cyber-activists have contributed to an anti-racist university education, deconstructing racial stereotypes, bringing forth new perspectives and previously invisible experiences, fostering reflection and critique, and offering emotional and intellectual support through support networks.

**Keywords:** Black cyber-activism, cyber-research and formation, black youtubers, daily life, multireferentiality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem do grupo de pesquisa SoCib .....	18
Figura 2 - A importância da presencialidade “física” .....	20
Figura 3 - Aula remota.....	21
Figura 4 - UERJ, 2022 .....	22
Figura 5 - Chegada dos alunos da Pedagogia no primeiro dia de aula e conhecendo outros andares da UERJ.....	23
Figura 6 - Letra da Canção - “Girassol” (2019) .....	24
Figura 7 - Bricolagem Epistemometodológica.....	36
Figura 8 - FEBF/UERJ.....	42
Figura 9 - UERJ, campus Maracanã .....	42
Figura 10 - Praticantes-motrizes.....	44
Figura 11 - Praticantes antenados .....	45
Figura 12 - Dispositivos da pesquisa .....	51
Figura 13 - Diário de Campo (DC).....	52
Figura 14 - Tour pelo meu rosto (2008).....	55
Figura 15 - Texto 1: questionário exploratório.....	56
Figura 16 - O que mudou? (2023) .....	72
Figura 17 - Agressão em ato (2023) .....	73
Figura 18 - Não à escravidão!!!!.....	74
Figura 19 - Texto 2: excerto da canção.....	75
Figura 20 - Casais felizes, médico e chefes.....	80
Figura 21 - Tranças bonitas.....	82
Figura 22 - Tranças feias.....	82
Figura 23 - Nunca me sonharam (2017) .....	88
Figura 24 - Explorando a Universidade - percepções.....	89
Figura 25 - Trocando ideias, dialogando, interagindo .....	90
Figura 26 - A verdadeira história do cabelo crespo.....	91
Figura 27 - Poema ‘Me gritaram negra’ (2014) .....	94
Figura 28 - Escrevivências (2017).....	95
Figura 29 - A falta de representatividade negra na literatura infantil (2022).....	97
Figura 30 - Blogueiras Pretas X Marcas (2022).....	98
Figura 31 - Nova linha Seda Boom (2018) .....	99

Figura 32 - Aula na Concha Acústica Marielle Franco, na UERJ.....	102
Figura 33 - Meme (1).....	103
Figura 34 - Meme (2).....	104
Figura 35 - Roda de conversa com Marcelle Medeiros .....	105
Figura 36 - Negro drama, por Edi Rock (2013) .....	106
Figura 37 - O racismo velado .....	108
Figura 38 - A mulata que nunca chegou .....	109
Figura 39 - Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam (2019) .....	112
Figura 40 - Texto 3: transição capilar .....	113
Figura 41 - Tudo sobre meu cabelo – volume e aceitação (2018).....	115
Figura 42 - Tudo sobre o Seda by Gabi (2021) .....	116
Figura 43 - O perigo de uma história única (2011).....	118
Figura 44 - Papel da escola e da comunidade no combate ao racismo (2022).....	121
Figura 45 - Comparação de Marielle a uma cadela .....	123
Figura 46 - Previsão do tempo.....	123
Figura 47 - Boa Esperança (2016).....	126

## SUMÁRIO

<b>PELAS ESTRADAS DA VIDA, O DESPERTAR DE UMA CIBERPESQUISADORA NEGRA, EM FORMAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>LEVANTANDO O VÉU DO COTIDIANO: ‘SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES’ .....</b>	<b>25</b>
<b>1 NO CAMINHAR SE CONSTRÓI O CAMINHO .....</b>	<b>32</b>
1.1 A arte da bricolagem em busca de <i>um rigor outro</i> na pesquisa qualitativa .....	35
1.2 A inter-relação entre o contexto e o campo de pesquisa .....	40
1.3 Os praticantes culturais e a ética na pesquisa em educação .....	43
1.4 Atos de currículo, narrativas e noções subsunçoras.....	47
1.5 Dispositivos de pesquisa potencializando atos de currículo.....	50
<b>2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA .....</b>	<b>57</b>
2.1 Racismo estrutural e interseccionalidade de identidade, gênero e raça .....	58
2.2 Cibercultura, sociabilidade e subjetividade .....	64
<b>3 (DE) COLONIALIDADE E O PENSAMENTO DE FRONTEIRA NA DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES, CONCEITOS E PERSPECTIVAS IMPOSTOS À POPULAÇÃO NEGRA: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA E (RE) EXISTÊNCIA....</b>	<b>70</b>
3.1 O desafio da descolonização de currículos em favor de uma educação democrática, antirracista e intercultural .....	77
3.2 A formação de professores numa perspectiva decolonial .....	84
<b>4 ATIVISMO FEMINISTA NEGRO NO DIGITAL EM REDE: SOBRE O QUE NOS MOVE, INSPIRA E MOTIVA NA VIDA.....</b>	<b>93</b>
<b>5 A EMERGÊNCIA DE ‘SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES’ NO PROCESSO DE PESQUISA .....</b>	<b>100</b>
5.1 Descolonização do pensamento: uma forma de resistência e (re) existência .....	102
5.2 Identidade estética como propulsora de empoderamento negro .....	107
5.3 Formação de professores para uma educação antirracista, democrática e intercultural ..	119
5.4 Ambiências <i>online</i> impulsionam autorias em formatos e níveis diversos.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>142</b>

## PELAS ESTRADAS DA VIDA, O DESPERTAR DE UMA CIBERPESQUISADORA NEGRA, EM FORMAÇÃO

Deixa me apresentar  
Que eu acabei de chegar  
Depois que me escutar  
Você vai lembrar meu nome

É que eu sou dum lugar  
Onde o céu molha o chão  
Céu e chão gruda no pé  
Amarelo, azul e branco

Eu não sei  
(Não sei)

Não sei diferenciar você de mim  
Eu não sei  
(Não sei)  
Não sei diferenciar  
*AnaVitória*<sup>1</sup>

*Este capítulo apresenta os caminhos por mim percorridos, nos quais acontecimentos, incertezas, conquistas e mudanças movimentam minha vida e emergem em meus escritos.*

Falar de si mesmo é sempre uma tarefa árdua. Pensar nossas itinerâncias, conforme citado no parágrafo acima, é como voltar a remexer os guardados que fizeram ser quem você é. É olhar para dentro e para fora, ao mesmo tempo. É como ler um livro começando do final. É teleológico na essência. Mas é um teleológico bom, que faz refletir e entender um dos conceitos mais singulares da existência humana, presente na sabedoria popular, e do qual muito ouço falar; uma frase que diz: “eu sei quem eu sou, porque nunca esqueci de onde vim”, como nos fala essa canção: “*Ao meu passado / Eu devo o meu saber, e a minha ignorância / As minhas necessidades / As minhas relações / A minha cultura e o meu corpo [...]*”. Não esqueci das pessoas, dos objetos, dos acontecimentos e eventos que fazem parte de minha história e memórias afetivas, que foram determinantes para que eu chegasse até aqui, e pudesse, então, compartilhá-las com vocês, pois “*meu caminho é novo, mas meu povo não*”.

---

<sup>1</sup> Canção lançada em 2021, sob o título ‘Amarelo, azul e branco’, de autoria de Ana Vitória, duo formado por Ana Clara Caetano Costa e Vitória Fernandes Falcão consiste num tributo ao Estado de Tocantins, terra natal das cantoras. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/anavitória/amarelo-azul-e-branco.html>. Acesso em: 04 mar. 2022.

Ao longo da história, o negro tem sido estudado em diferentes perspectivas e, ainda hoje, não são raras as vezes que é tratado como objeto, como se não tivesse uma história e não fosse capaz de pensar e de produzir conhecimentos válidos. Nesse cenário adverso, pessoas negras aprenderam a ser resilientes e resistentes, quebrando barreiras e ocupando espaço e visibilidade.

Nessa perspectiva, entendo a negritude como vida e afirmação sociocultural; não apenas como objeto de pesquisa, e abordar a temática é como dar um grito em prol da valorização da cultura negra. Trabalhar a questão racial e suas interseccionalidades constitui, ainda, um processo político de reafirmação de identidade, na medida em que este estudo fala de mim, de minhas itinerâncias e experiências, hoje me descobrindo como mulher preta e periférica, na relação com o outro.

Chegou a vez de contar minha história. Logo eu, que até agora me achava ser desinteressante para os outros. *“Que espaço meu passado deixa pra minha liberdade, hoje? Não sou escrava dele”*.

Como Giovana Xavier<sup>2</sup> afirma “Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: Sou uma mulher NEGRA”. Nasci no morro, na verdade, nasci na ladeira. Fui criada num lugar que ora era chamado de morro, por conta da inclinação, ora era chamado de condomínio, já que os moradores organizados fecharam uma das entradas com um portão. Quando recebíamos visitas, e elas reclamavam do cansaço da subida, minha mãe sempre dizia que subir ladeira fazia bem. Desse modo, *“Eu vim pra te mostrar / A força que eu tenho guardado / O peito tá escancarado / E não tem medo não [...] A minha voz é meu império / A minha proteção”*.

Cresci correndo entre uma rua e outra; não havia um espaço destinado para brincarmos de “pique-pega”, “pique-esconde”, “pique-alto”, “pique-bandeirinha” - tudo isso entre carros parados, postes e galhos de árvores. Vez-ou-outra ralávamos os joelhos nas ruas de paralelepípedo, caíamos, levantávamo-nos, e a brincadeira continuava. Dessa época, fica minha lembrança, mais forte, que é a importância do brincar como espaço de construção social.

Lembro-me, ainda de minha mãe dizendo que eu precisava ingressar no mercado de trabalho para saber o que ia fazer da vida, e meu pai afirmando que trabalharia mais, para que eu pudesse ir para uma universidade. Em 2017, após ter sido apresentada a diferentes profissões,

---

<sup>2</sup> Historiadora e professora da Faculdade de Educação da UFRJ que, a convite do projeto Celina, escreve carta à filósofa francesa, Simone de Beauvoir, refletindo sobre a atualidade de "O segundo Sexo", 70 anos depois de seu lançamento. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/celina/giovana-xavier-se-quer-o-definir-me-sou-obrigada-inicialmente-declarar-sou-uma-mulher-negra-23642932>. Acesso em: 02 mar. 2022.

escolhi o curso de Nutrição, sem saber, exatamente, do que se tratava. Logo depois, pedi transferência para a área de Serviço Social; mas, de novo, equivocava-me, achando que era semelhante aos estudos de psicologia. Como não dava mais para mudar; lá permaneci e me formei. Nessa ocasião, meu pai, que sempre trabalhou com vendas, “quebrou”, momento esse em que ingressei, como estagiária, no Serviço Social do Comércio - SESC Madureira, atuando, especificamente, no TSI - Trabalho Social com Idosos, em Madureira, e nas Redes Comunitárias, o que me possibilitou terminar os dois anos restantes de graduação e, posteriormente, voltar a trabalhar e ter a oportunidade de cursar uma pós-graduação em “Elaboração e Gestão de Programas e Projetos Sociais”, em nível de especialização. Assim, estudei, trabalhei, estagiei e concluí a Universidade Castelo Branco, diferentemente da maioria de meus amigos, tendo sempre meu pai e minha mãe ao meu lado, como grandes incentivadores. Sempre com a casa cheia de descartáveis, entregávamos muitas “quentinhas” e guaraná para restaurantes; porém, unidos e com um objetivo único - a formação. Lembro-me que, ao ingressar no curso de serviço social, não tinha ideia do que iria estudar; mas ao término de meu estágio, no SESC, tinha a certeza de que queria trabalhar como assistente social com foco em empresas e projetos. Mas a vida deu muitas voltas!

Em 2014, fui selecionada para um projeto-piloto, no SESC, no qual tive a oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que havia aprendido, tendo sido convidada a gerenciar o Polo do Conhecimento, na Vila Kennedy - Bangu, meu lugar de origem, projeto esse que funcionava no Ccik – Centro Comunitário Irmãos Kennedy - estrutura que existe até hoje. Como a carga horária de trabalho era muito puxada, tranquei a matrícula, na especialização, faltando pouco para concluí-la. Nessa ambiência, conheci um Bangu *outro*: o chão da favela - e percebi que o meu morro não se comparava ao dia a dia de quem reside entre becos e vielas.

Quase três anos depois de muito trabalho e conquistas, o projeto foi encerrado, e o Sesc saiu da favela, voltando para Unidade, algo que no olhar de quem conviveu anos ali, não fazia mais sentido. Aproveitei, então, para concluir minha especialização. Comecei, então, a trabalhar em uma casa de repouso que precisava ser regularizada, fiz o estudo social, regularizei a situação da instituição e candidatei-me novamente ao Sesc.

Hoje percebo que nossa visão tende a ser muito fechada, limitada, como se não fossemos capazes de almejar algo maior. Até aqui não descobrira a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o mundo de possibilidades que com ela viria. Sempre parecia não me encaixar, sentia-me deslocada e desanimada. Hoje, ao me debruçar sobre a história da mulher negra, posso compreender o porquê de não ter sido selecionada para cargos, até mesmo para lojas de roupas com marcas mais famosas, sendo graduada e possuindo uma especialização no currículo.



Mas, “*Meu coração de fogo vem do coração do meu país (...)*” e, sem perder de vista a realidade que me circunda, “*o meu eixo, a minha raiz*”, resolvo investir em vendas *online*, e crio a marca “Coisas da Lalá Carvalho”. Mas, como nos ensina Zeca Pagodinho, na canção “Quando a gira girou”<sup>3</sup>,

Quando tudo parece estar perdido  
É nessa hora que você vê  
Quem é parceiro, quem é bom amigo  
Quem tá contigo, quem é de correr.

Incentivada por meu companheiro, ingressei, em 2018, no curso de Pedagogia da UERJ, um “divisor de águas em minha vida”. Nessa ambiência, a cada disciplina, um mundo de possibilidades emergia, para além do que já havia vivenciado. Tornei-me uma das melhores alunas nos períodos iniciais; tentei bolsas de estudo, que, até, então, nem sabia que existiam; fui selecionada para duas delas: numa como bolsista e na outra como voluntária, pois ansiava por aprender mais, saber cada vez mais. “Lu”, e “Tuca” não sabem o diferencial que fizeram na minha vida ao me concederem essa oportunidade, sem ao menos me conhecerem ou saberem o que estava passando no momento.

Sempre tentando ser dedicada, tive a oportunidade de ganhar uma bolsa de estudos para Aperfeiçoamento em Ações Afirmativas e Políticas Públicas, na própria UERJ, com o querido professor “Molina” que, juntamente com o professor do curso “Gabriel”, incentivaram-me a concorrer a uma vaga no mestrado, pois não havia conseguido aprovação anteriormente. Com efeito, a universidade virou minha casa: estudava pedagogia, pela manhã, fazia estágio no laboratório de comunicação, ou participava do grupo de pesquisa, à tarde e, à noite, cursava a pós-graduação, o que me fez entender todo meu processo de vida, minha história, a história de meus ancestrais, de meu povo, de minha comunidade e de minha zona oeste.

Mas o que contribuiu, efetivamente, para a escolha de meu tema de pesquisa foi a participação, como estagiária, num Programa vinculado ao Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD) da UERJ, chamado “LCD em Movimento”, uma parceria entre a Faculdade de Educação e a Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse Programa objetivava práticas de transmissão, ao vivo, com o uso de recursos digitais (*streaming*), nas quais diferentes convidados conversavam sobre temas relacionados aos movimentos sociais, por meio de vídeos, gravados e, posteriormente, disponibilizados em rede. Interessante ressaltar que, ainda que essas produções acontecessem

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.lettras.com/zeca-pagodinho/833759/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

no âmbito da Universidade, notamos que o Programa alcançava uma abrangência nacional, evidenciada pelo aumento significativo de mensagens, questionamentos, curtidas nas redes que nos chegavam de todas as partes do país, sobre o que se discutia nas pautas, ao longo do processo de vivência.

Durante essa experiência, emergiram algumas inquietações acerca das potencialidades e contribuições das tecnologias digitais em rede, como um dispositivo de organização política e interação entre grupos, por meio do acesso a debates realizados especialmente, nos canais do *YouTube*<sup>4</sup>.

Na crença de que a pesquisa se concretiza, a partir das inquietudes e das ações promovidas pelo pesquisador, na busca de respostas as suas indagações, e com vista a uma formação mais consistente para melhor compreensão do fazer pedagógico, participei e fui aprovada no processo seletivo ao mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ/ FEBF, em 2021. Como Professora-pesquisadora, tenho vivenciado uma diversidade de *‘fazeressaberes’*<sup>5</sup>, que me possibilitam (re)pensar minha proposta de estudo, de forma responsiva e responsável, na participação em diferentes redes educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – PPGEC – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), espaços de interação e diálogo.

Nesses tempos de pandemia, a ‘presencialidade’, fundamental nos processos de *‘aprenderensinar’*, normalmente atrelada à ideia de estar junto, num mesmo *‘espacotempo’* físico (Figura 1, adiante), vem sendo ressignificada, dando lugar à construção de “redes de aprendizagem virtuais”, nas quais professores e alunos aprendem juntos, interagem e cooperam entre si. Nesse contexto, as aulas passaram a ser realizadas, de modo *online*, bem como os encontros semanais do Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura – EduCiber<sup>6</sup>, ambiência formativa, liderada pelas professoras Rosemary dos Santos<sup>7</sup> e Luciana Velloso<sup>8</sup>.

Participando desse grupo, de forma tímida, ficava com olhos e ouvidos muito atentos a todas as narrativas e conceitos que ali eram apresentados, muito novos em minha caminhada; o

---

<sup>4</sup>Vídeos disponíveis no site do programa: <https://www.YouTube.com/playlist?list=PLXiXI9c8yeknUY9eIkqB90zD51kTWRjS>

<sup>5</sup> Esse termo e tantos outros que ainda aparecerão neste texto, estão assim grafados porque, há muito, percebemos que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos. Com isto passamos a grafar deste modo os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas simples, indicando que buscamos criar novos modos de *‘prácticasteorias’* (Alves, 2019; Andrade; Caldas; Alves, 2019).

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: <https://www.educiber.pro.br/>. Acesso em: 26 set. 2021.

<sup>7</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9464170521679409>. Acesso em: 26 set. 2021.

<sup>8</sup> Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5854415485261255>. Acesso em: 22 ago. 2021.

que me fez perceber, quando a professora Rosemary começou a conversar sobre as letras de Emicida, e sobre Carolina de Jesus, que é possível o diálogo entre saberes científicos e saberes do homem comum. Em fevereiro de 2021, devido ao número elevado de integrantes, o Grupo se dividiu, sendo criado o Grupo de Pesquisa Sociabilidades, Educação e Cibercultura - SoCib<sup>9</sup> (Figura 1), um ‘*espaçotempo*’ privilegiado de formação, aberto à inovação, e liderado pela professora Luciana Velloso, no qual é possível questionar certezas pretensamente conclusivas, e manter acesa a chama da curiosidade e da criatividade, oportunizando transgredir práticas opressivamente racionalistas. Como membro desse novo grupo de pesquisa, na medida em que incorporava os etnométodos, ou seja, “modos, jeitos de compreender e resolver interativamente as questões da vida, para todos os fins práticos” (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009, p. 82), compartilhava situações de aprendizagem e tecia o conhecimento, de forma contínua, agregando-me aos seus componentes, permitindo fazer-me reconhecer e ser aceita, como nos ensina Coulon (1995).

Figura 1 - Imagem do grupo de pesquisa SoCib



Fonte: Instagram @grupodepesquisasocib<sup>10</sup>

Nessa ambiência formacional, na qual a relação com os conhecimentos ganha o sentido do cuidado com o *outro* e com o ambiente, emergem contradições e antagonismos, minimizados ou solucionados por meio do diálogo. Para Maffesoli (1998), a “socialidade” - termo, cada vez mais empregado no debate sociológico, significa que a vida social não pode ser reduzida às relações racionais ou mecânicas que, em geral, definem as relações sociais. A socialidade possibilita a integração de outros parâmetros, como o sentimento, a emoção, o

9 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/692833>. Acesso em: 22 ago. 2021.

10 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNnm719Li3F/>. Acesso em: 26 set. 2021.

imaginário, o lúdico, presentes na vida de nossas sociedades. Enquanto as “sociabilidades” são construções caracterizadas por relações institucionalizadas a socialidade faz referência a um conjunto de práticas que escapam ao controle social rígido, diz respeito a um estar-junto que independe de um objetivo a ser atingido.

Nessa perspectiva, o grupo de pesquisa SoCib, cujo lema é “ninguém solta a mão de ninguém”, além do compartilhamento de *‘fazeressesaberes’* e experiências, objetiva despertar em seus integrantes o sentimento de “pertença”, que se intensifica, a cada dia e nos torna, verdadeiramente, um grupo acolhedor, colaborativo, que respeita e valoriza as singularidades. A confiança é o elemento-chave que garante a “pertença” e as redes de sociabilidade entre os membros do grupo, tornando-o uma comunidade solidária e sólida. Nessa perspectiva, o grupo nos faz sentir protegidos e nos convoca a proteger o outro. Por sua vez, o sentimento de lealdade constitui o fundamento da proteção, dando-nos a sensação de segurança em fazer parte.

O termo socialidade, portanto, significa que a vida social não pode ser reduzida às relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais. Ele permite, como acentua Maffesoli (1998), integrar na análise parâmetros, tais como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, cuja eficácia multiforme não se podem negar, na vida de nossas sociedades.

Uma das coisas que a educação tem me ensinado é que precisamos, e podemos caminhar, crescer, tomar outra direção, continuar, parar para descansar, seguir, conquistar, coexistir juntos. Nesse processo percebo que o *‘aprenderensinar’* se traduz verdadeiramente como o Ubuntu: "sou, porque nós somos" - e sinto que assim se dá o poder do afeto, do afetar e do se deixar afetar, que acontece entre tantos grupos em diferentes de locais e pessoas de diversas idades e experiências, que seguem com um único objetivo: deixar o seu melhor, nesse curto *‘espaçotempo’* de nossa existência.

A resiliência e a resistência também deixaram suas digitais, como, por exemplo, a luta por Políticas de Ações Afirmativas, que resultou na implementação da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Brasil, 2012), também denominada, Política de Cotas ou Lei das Cotas, projeto pensado e viabilizado pelo movimento negro, objetivando combater as desigualdades sociais e raciais, e atuando no sentido de garantir, mediante reserva de vagas, o acesso de pessoas pretas, pardas, indígenas, e com deficiência, às instituições públicas de ensino superior.

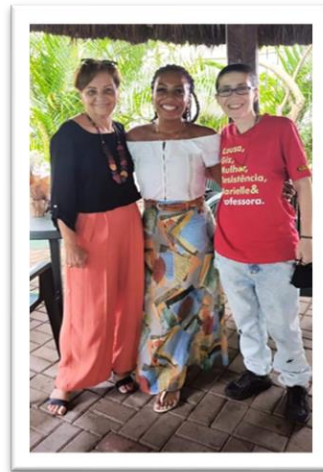
Hoje, podemos afirmar que essa Lei alterou um espaço de poder e de oportunidades, anteriormente dominado pelas elites brancas, e que, de forma inequívoca, vem demonstrando que a condição socioeconômica não necessariamente interfere na capacidade intelectual dos estudantes. Essa mudança tem trazido, cada vez mais, a diversidade para o interior das

universidades, multicolorindo seus *'espaçotempos'*. De fato, são pessoas negras, indígenas, quilombolas, transgêneros, deficientes e estudantes oriundos de escolas públicas, entre outros, que agregam suas visões de mundo, a partir de seus lugares de fala.

O ano de 2021, marcado pela pandemia do novo coronavírus, um acontecimento que atravessou nossas vidas, de modo devastador, amplificou problemas sociais e trouxe muita tristeza e revolta. Mas também nos possibilitou alguns aprendizados, como: a chegada da vacina, que nos trouxe a esperança de que re(encontros) eram possíveis, os Jogos Olímpicos, em Tóquio, com suas arquibancadas, praticamente vazias, que nos emocionaram, reconectando-nos com um mundo em “suspense”. Nesse contexto, a cultura se reinventou e a luta contra os preconceitos em seus diferentes matizes segue cada vez mais afirmativa; o que nos permitiu mudar o cenário político, com a eleição de um novo Presidente da República.

Com efeito, após esse período e, já vacinados, pudemos sair das telas dos computadores/celulares, e experienciar, para além de ouvir as vozes e ver rostos por um quadradinho, o abraço, o cheiro, o calor do toque, a risada espontânea, o olho no olho, a troca fora do computador ou celular, momento mágico, que já faz parte de nossas histórias (Figura 2).

Figura 2 - A importância da presencialidade “física”

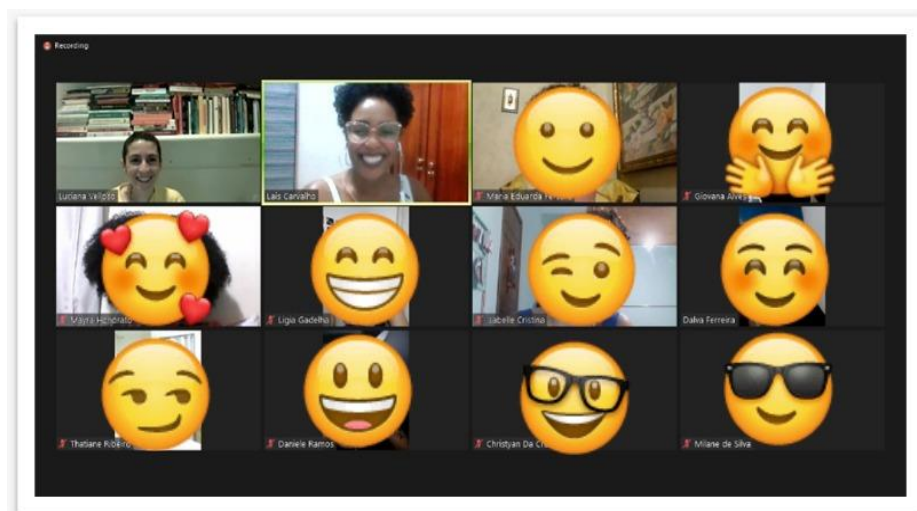




Fonte: a autora, 2021.

No entanto, o fantasma da COVID 19 continuava (e ainda continua) a nos assustar. Assim, nossos encontros, em 2022, continuaram ocorrendo, de forma remota, por meio do Zoom, como nos mostra a Figura 3:

Figura 3 - Aula remota



Fonte: a autora, 2022.

Como em 'Esquadros', canção de autoria de Adriana Calcanhoto,

Eu ando pelo mundo prestando atenção  
 Em cores que eu não sei o nome  
 Cores de Almodóvar [...]
   
 Pela janela do quarto  
 Pela janela do carro  
 Pela tela, pela janela  
 Quem é ela, quem é ela  
 Eu vejo tudo enquadrado  
 Remoto controle!

Nesse contexto e, com determinação e coragem, procuramos, em nossos amigos, a alegria, o amor, o abraço, o acolhimento. Mesmo sabendo que, em decorrência do distanciamento físico, não havia ninguém ao nosso lado, não perdemos a esperança - do verbo esperar, como entende Freire (2020) -, de um mundo mais justo e fraterno, e “ninguém largou a mão do outro”, pois, juntos, éramos mais fortes.

No entanto, vivemos tempos incertos, entre pandemia, desastres ambientais, crise econômica, desemprego e a ameaça de uma guerra mundial. Tempos caracterizados pela superficialidade, o imediatismo e a competitividade predatória; ou, como define Bauman, (2021), tempos de “amores líquidos”, nos quais as relações humanas se tornam cada vez mais frágeis, gerando altos níveis de insegurança. Há muito medo e preocupação, não apenas sobre o futuro, mas sobre o aqui e agora.

Ainda assim, voltar à UERJ – Maracanã, após dois anos afastados devido à pandemia, e pisar naquele chão, no qual a vida em sociedade sempre flui, de forma dinâmica, e onde tudo se relaciona e se imbrica, encheu-nos de alegria (Figura 4). Isso só foi possível, pois as internações por Covid-19 baixaram, daí a flexibilização e retorno das aulas, após avaliação de uma comissão que identificou se o espaço se encontrava nos padrões sanitários requeridos pela Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>11</sup>.

Figura 4 - UERJ, 2022



Fonte: a autora, 2022.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/reitoria-da-uerj-anuncia-liberacao-de-atividades-presenciais-a-partir-de-16-de-fevereiro/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

Com suas portas abertas<sup>12</sup> à comunidade, a Universidade democratiza a ciência, de forma prazerosa, instigante, criativa e reflexiva. Um exemplo disso é o projeto “UERJ Sem Muros”, evento anual que representa seu compromisso permanente de produzir resultados e socializar o patrimônio cultural, científico e tecnológico da instituição com aqueles a quem, de fato, o saber acadêmico é destinado: instituições públicas e privadas, em todos os níveis e indivíduos de todas as classes. Desse modo, rompe com a noção reducionista e fragmentada da ciência moderna, que estabelece distinção entre o conhecimento científico e o conhecimento do cotidiano, elegendo a cientificidade como critério único de verdade, e a universidade e os seus intelectuais como os legítimos representantes desse saber.

A Universidade vazia e seus corredores silenciosos contrastando com o burburinho de seus alunos e o vai-e-vem das pessoas que, num passado recente, circulavam por suas instalações, por pouco tempo nos deixavam pensativos e inseguros quanto ao futuro. Mas, a beleza de seus jardins, aquele ipê amarelo que floresce a cada dia, com seu viço e capacidade de surpreender, atestam a resiliência e a resistência, de seus professores, funcionários técnicos e alunos, afastando qualquer tipo de dúvida ou preocupação.

E, é nesse cenário que, pouco a pouco os estudantes vão chegando e, com eles, a alegria própria da juventude, que acredita que sempre haverá uma nova oportunidade, um novo objetivo, um novo sonho. Aqueles jovens, ainda que usassem máscaras, deixavam transparecer o brilho no olhar e o riso aberto. O retorno ao ensino presencial possibilitou-lhes conhecer novas pessoas, rever os companheiros antigos e colocar o ‘papo em dia’, devolvendo àquele ‘*espaçotempo*’, a vida que flui de forma dinâmica, como mostra a Figura 5.

Figura 5 - Chegada dos alunos da Pedagogia no primeiro dia de aula e conhecendo outros andares da UERJ



Fonte: a autora, 2022.

<sup>12</sup> Comunicação de retorno dado pela UERJ, Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/uerj-retoma-aulas-totalmente-presenciais-com-uma-serie-de-atividades-para-a-recepcao-dos-alunos/>. Acesso em: 13 jun. 2022.



No entanto, apesar de toda a animação reinante, ao iniciarmos o encontro (aula) fez-se um silêncio sepulcral. Indagados sobre o motivo, a praticante disse:

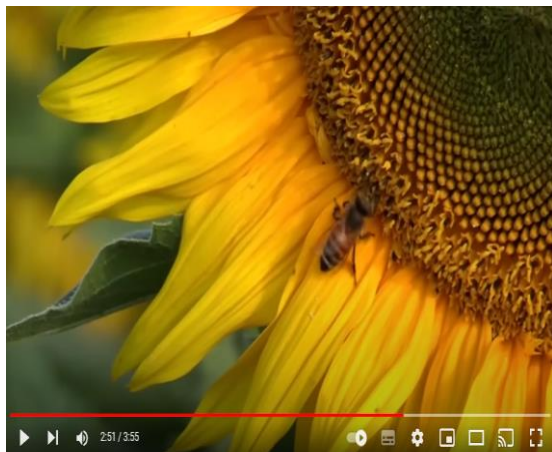


**Praticante H:** *“Parece que a gente não sabe mais conversar, pois ficamos tanto tempo online, muitas das vezes com a câmera desligada, ouvindo apenas as vozes um do outro, ou acompanhávamos o chat”.* E é preciso refletirmos sobre isso!

Impossível mensurar nosso caminhar, de forma linear, haja vista que cada indivíduo é subproduto singular de um conjunto de circunstâncias, num espaço único de tempo, e das decisões tomadas nesses momentos. Assim, nossas vidas vão se compondo num leque de conquistas, coragem, fraquezas afetos e esperança, e novas facetas vão surgindo com inúmeras possibilidades.

É imperativo, portanto, questionarmos o sentido da vida, pois não existe uma história única. É preciso refletirmos sobre o que somos, o que queremos e o que é esperado de nós, diante dos desafios que vivemos. Nessa ótica, do mesmo modo que o girassol, que gosta de luz e de espaço, estou sempre em movimento, em busca da rota solar, procurando harmonizar luz e sombra, a fim de enfrentar os desafios cotidianos, como nos sugere o vídeo/canção, a seguir (Figura 6).

Figura 6 - Letra da Canção - “Girassol” (2019)



#### **Girassol**

Se a vida fosse fácil como a gente quer  
Se o futuro a gente pudesse prever  
Eu estaria agora tomando um café  
Sentado com os amigos em frente à TV.

Eu olharia as aves como eu nunca olhei  
Daria um abraço apertado em meus avós  
Diria eu te amo a quem nunca pensei  
Talvez é o que o universo espera de nós.

Eu quero ser curado e ajudar curar também  
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui  
Fazer o que eu posso pra me ajudar  
Ser justo e paciente como era Jesus

Eu quero dar mais valor até ao calor do Sol  
Que eu esteja preparado pra quem me conduz  
Que eu seja todo dia como um girassol  
De costas pro escuro e de frente pra luz

Fonte: *YouTube*, 2022<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://youtu.be/LxYu6bYtc7s>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Viver, portanto, não cabe no *Lattes*. Histórico escolar e titulações não nos definem. Somos muito mais do que nosso *curriculum vitae*. Somos nossas escolhas.

## LEVANTANDO O VÉU DO COTIDIANO: ‘SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES’

[...] E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

*Conceição Evaristo*

*Este capítulo apresenta nossa proposta de pesquisa e sua relação com o campo da educação. Nele, inserimos o problema, objeto de nosso estudo, no contexto da produção do conhecimento em educação, particularmente no que se refere à discussão do ciberativismo negro e suas implicações na sociedade em geral, e, na educação universitária, em particular, a partir da apropriação da rede social YouTube, dialogando com questões atuais e relevantes. Apresentamos o objetivo geral e as questões de estudo a serem respondidas ao longo da pesquisa, bem como a forma como foram estruturados seus capítulos e seções.*

O ciberativismo consiste no uso das tecnologias digitais, especialmente a *Internet*, na promoção de ações políticas, sociais e culturais. Trata-se de um modo de ativismo baseado na conectividade global e no potencial dessas tecnologias para mobilizar pessoas, disseminar informações, possibilitando que os ativistas expressem suas opiniões, organizem movimentos e alcancem um público mais amplo em tempo real, facilitando, dessa forma, a participação cidadã.

Silveira (2010, p. 1) define o ciberativismo como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na *Internet*”.

Essa prática tem sido utilizada com diferentes objetivos, como, por exemplo: (a) para conscientizar um maior número de pessoas sobre questões sociais, políticas e ambientais, mediante o uso de *blogs*, vídeos, campanhas em redes sociais, além do compartilhamento de informações relevantes; (b) para mobilizar pessoas e organizar ações coletivas, como protestos, boicotes e campanhas de pressão política, petições *online*; (c) como prática *hacker*, a partir do uso de habilidades técnicas promotoras de causas políticas ou sociais; (d) para divulgar casos de corrupção, violações dos direitos humanos e outros abusos, exigindo, dessa forma, de governos e instituições, a prestação de contas à população; (e) para assegurar o acesso à informação e à liberdade de expressão, como forma de evitar tentativas de censura e restrições governamentais.

Apesar de seu potencial de democratização e empoderamento, o ciberativismo tem enfrentado desafios significativos, como a censura *online*, a vigilância governamental, a desinformação, *fake news* e a polarização. Lemos (2003, p. 2) afirma que:

Alguns discursos acadêmicos, políticos ou artísticos acreditam que as formas de comunicação eletrônica da cibercultura possam efetivamente favorecer a ação social engajada, os movimentos sociais legítimos e romper com a apatia e o narcisismo contemporâneos. A Internet não serve hoje apenas como forma de expressão do “mundo da vida”. Diversas ações ao redor do mundo mostram que formas de expressão política engajada (a partir de problemas globais e locais) surgem, são suportadas e expandem-se na internet. Estamos falando de diversas expressões do que se chama hoje de ciberativismo.

Almeida (2021, p. 152-153), em sua tese de doutorado, enfatiza a necessidade de que todos estejam envolvidos no processo de reconquista do lugar da verdade, mobilizando letramentos individuais e coletivos que permitam identificar como, onde e quando os discursos são produzidos. Uma forma resistência voltada para a “lógica de aprender, de cocriar e reproduzir uma infinidade de projetos (outros), em que cada intencionalidade, cada discurso político e ideológico, crie e propague os usos que inovem, visando garantir que se autorizem os sujeitos, que se potencialize o sentimento de pertença, de colaboração e de cidadania”.

Sob essa ótica, discute a temática das *Fake News*, tendo como método e opção política uma prática de pesquisa que promove uma imersão e ação de coautoria no campo, formando e se formando no intercâmbio com os praticantes culturais<sup>14</sup>. Para compreender o contexto da

---

<sup>14</sup> Praticantes culturais, ‘*praticantespensantes*’, ou somente praticantes, são os indivíduos que realizam uma prática com determinado grupo, envolvendo-se com certo sentimento de identidade coletiva ao se relacionarem com os outros, por meio de um padrão de sociabilidade que os une (Santos, 2014; 2019).

emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade, cria o dispositivo de pesquisa **Reglus** como proposta de prática pedagógica na cibercultura e ato de currículo na formação de professores. Da partilha de *'fazeressaberes'* novos letramentos são desenvolvidos, deixando explícitos a importância do ato de ler; do ciberativismo como práxis da liberdade e inteligência coletiva: um reencontro com a inteligência artificial, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente e as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas.

A transposição das relações sociais do espaço físico para o ambiente *online* vem conferindo novas formas de reivindicação ao movimento de mulheres negras, na luta por dar visibilidade as suas pautas. A realidade brasileira, do mesmo modo que a africana e a latino-americana, tem sido marcada por uma desigualdade estrutural relacionada a sua formação social escravocrata e patriarcal, que tem reproduzido e amplificado questões étnico-raciais, de gênero e de classe, contribuindo para o enraizamento da cultura de ódio, da violência e do autoritarismo. A visão europeia de mundo, impressa pela expansão colonial, provocou mudanças sociais significativas por meio do *eurocentrismo* - que entendia a cultura e a sociedade europeias como superiores às outras, e celebrava a autoafirmação de sucessos intelectuais, refletida até hoje na sociedade como um legado imposto; e da *colonialidade* - que rejeitava outras formas de saber e excluía todos os que não se encaixavam no padrão europeu de conhecimento "racional e universal"; uma lógica que é reproduzida deixando seus vestígios nos dias atuais. Mesmo com o fim do colonialismo como política de dominação dos Estados europeus, a colonialidade se propagou e se propagou e manteve sua lógica de relações subalternizantes entre os saberes e os mais diversos modos de vida.

Se, como afirma Mignolo (2003, p. 30) "a colonialidade é o lado obscuro e necessário da modernidade", sendo "sua parte indissociavelmente constitutiva", a proposta decolonial não somente denuncia a colonialidade, como propõe a construção de um movimento insurgente que aposta na crítica construtiva e responsável à modernidade, sem que se rompa com a base epistêmica moderna. É preciso, portanto, trabalhar com a reconstrução natural do conhecimento científico, e analisar todo o processo da ciência, do ponto de vista lógico, trazendo como referência as bases linguísticas, sociológicas, interdisciplinares, políticas, filosóficas e históricas, enfatizando outras questões que visem ao indivíduo como um todo; em outras palavras, para além dessa relação imposta durante anos, trabalharmos com o outro, "junto", em contraponto à lógica de "ranqueamento" dos saberes superiores e subalternos, que sustentou essa hierarquização, quebrando com a centralidade de uma visão europeia – excludente e racista – sobre os outros saberes no mundo - periféricos e afro-latinos.

Nessa perspectiva, ativistas negras (denominadas *youtubers* e/ou influenciadoras digitais) vêm se apropriando da cibercultura – cultura contemporânea, mediada pelas tecnologias digitais em rede, em interação com a cidade e o ciberespaço (Santos, 2019),

ganhando lugar de destaque, nessa ambiência, em que a hipervelocidade e o hiperacesso às informações são centrais. Nesse contexto, criam seus próprios canais de comunicação, na plataforma *YouTube*, com vistas à construção de uma rede de interação não hierárquica, promotora de discussões sobre suas subjetividades, alimentando um debate interseccional que contribui para alterar a estrutura de dominação social, na qual as vozes das mulheres negras foram silenciadas, até, então, dando início a um processo de disseminação e compartilhamento de conteúdo, que traz nova perspectiva em relação às práticas do cotidiano.

Com efeito no Brasil, esse movimento pode ser compreendido sob duas perspectivas: como prática social, a partir das experiências das *youtubers* negras, em seus respectivos canais, com vistas à mobilização e à intervenção de outras mulheres nesses ‘*espaçostempos*’; e, como objeto de pesquisa, para construção de um saber universitário, comprometido com a formação, com vistas a uma educação feminista e antirracista, o que, por si só, desponta “como um campo profícuo para outras pesquisas engajadas, que devem incluir as questões da interseccionalidade com classe, raça/etnia, sexualidade, geração, entre outros marcadores sociais” (Farias, 2015, p. 87).

Essa interseccionalidade, produtora e reprodutora de desigualdades sociais no Brasil, condiciona, estruturalmente, determinados grupos, em especial as mulheres negras, que se revelam de diferentes formas nas relações sociais, culturais e políticas no país. Apesar disso, o *YouTube* tem se revelado um ‘*espaçostempo*’ propício ao ativismo feminista negro, dado que a mídia hegemônica praticamente o ignora.

Dado que os temas abordados pelas *youtubers* negras são os mais diversos, desde como se exercitar até assuntos relacionados à política, direcionaremos nosso foco para a questão do “feminismo negro”, elemento central para análise nos discursos das *youtubers* nas redes. Não se trata de debater somente as questões das mulheres – o chamado feminismo tradicional – mas, abordar, assim como o fez Ângela Davis, principalmente em sua obra *Mulheres, Raça e Classe* (2016), ao chamar atenção para a importância de se levar em conta a interseção de raça e classe no debate de gênero. Da mesma forma, temos consciência de que mulheres negras e brancas têm demandas diferentes em seus espectros de luta, que refletem as disparidades de suas histórias, como nos alerta Djamila Ribeiro, e, ainda, que existam relações dicotômicas no próprio movimento, como por exemplo, a questão da “necessidade de acesso ao mundo do trabalho”, que foi tradicionalmente colocada como universal a todas as mulheres, deixando de lado diferenças como se nem todas as mulheres fossem brancas, liberais e donas de casa abastadas. Na realidade, na maioria das vezes, essas mulheres eram negras e já trabalhavam há bastante tempo para garantir o sustento de suas famílias, em trabalhos subalternos nas casas

de feministas brancas-liberais, para que as mesmas pudessem militar pelo seu direito de entrar no mundo do trabalho.

É bem perceptível que as grandes transformações demográficas, econômicas e sociais enfrentadas pelo Brasil, em seu percurso constitutivo, refletiram na estrutura e no funcionamento da sociedade e de suas instituições sociais, como, por exemplo, na redefinição do papel da mulher no trabalho.

Nos dias atuais ainda percebemos uma imposição eurocêntrica cultural, econômica e de produção de conhecimento, que confere a países subdesenvolvidos um papel inferior, nos quais a educação não é prioridade. No entanto, a partir da ascensão dessas ativistas negras, nas redes, já podemos perceber algumas mudanças, como a desnaturalização do imaginário depreciativo sobre mulheres negras, que se cristalizou historicamente, no Brasil, ainda que enfrentem o machismo, o mito da democracia racial, a violência, entre outros.

Com efeito, a perspectiva decolonial em contraponto à colonialidade, constitui um movimento de renovação epistemológica voltado a situações de opressão, ainda presentes na América latina; a ruptura com o eurocentrismo; a superação da colonialidade do poder, do ser e do saber; a busca de uma nova civilidade e novas formas de organização espacial; e a inter/intraculturalidade como alternativas para uma educação crítica; um importante dispositivo para um novo projeto de sociedade.

Considerando a atualidade, a relevância e a complexidade da temática eleita neste estudo, uma questão nos desafia a pensar: *Como, numa perspectiva decolonial, crítica e humanista, o ciberativismo feminista negro tem contribuído para uma educação universitária antirracista?*

Dessa forma, a pesquisa tem em seu objetivo geral “compreender como *youtubers* brasileiras negras podem contribuir para uma formação universitária feminista antirracista.

Assim, as questões de estudo, formuladas, a seguir, decorrem da necessidade de responder ao objetivo geral, constituindo pequenos passos a serem dados; uma espécie de roteiro, na busca por alcançá-lo.

- Que percursos epistemometodológicos, críticos e plurais, podem ser tecidos ao longo da pesquisa, em busca de um rigor científico *outro*?
- Como ocorre a construção social da mulher negra, no contexto brasileiro, considerando sua condição histórico-política atravessada pelo racismo?
- Como descolonizar o currículo eurocêntrico presente em diferentes ‘*espaçostempos*’ educativos, tendo em vista o desenvolvimento de uma educação universitária democrática e antirracista?

- Como temáticas e narrativas veiculadas nos canais do *YouTube* pelas ativistas negras têm reverberado e mobilizado processos formativos na educação universitária?
- Que *'sentidossignificações'* emergem das conversas e narrativas dos praticantes da pesquisa, ao longo do processo investigativo?

Para melhor estruturar nosso pensamento, a pesquisa é estruturada em seis capítulos interdependentes e complementares.

O capítulo inicial, intitulado **PELAS ESTRADAS DA VIDA, O DESPERTAR DE UMA CIBERPESQUISADORA NEGRA, EM FORMAÇÃO** é dedicado às itinerâncias, enfatizando aspectos relevantes que justificam a escolha do tema de nossa pesquisa – o ciberativismo negro.

Em seguida, no texto introdutório, denominado **LEVANTANDO O VÉU DO COTIDIANO: 'SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES' EM CONSTRUÇÃO**, procuramos oferecer ao leitor, uma visão objetiva do estudo realizado, na busca por despertar-lhe o interesse para a leitura do material subsequente.

A fundamentação teórico-metodológica é desenvolvida nos seguintes capítulos:

O **Capítulo 1 – NO CAMINHAR SE CONTROI O CAMINHO**, é composto dos seguintes subcapítulos - 1.1 A arte da bricolagem em busca de um rigor *outro* na pesquisa qualitativa; 1.2 A inter-relação entre o contexto e o campo de pesquisa; 1.3 Os praticantes culturais e a ética na pesquisa em educação; 1.4 Atos de currículo, narrativas e noções subsunçoras; e 1.5 Dispositivos de pesquisa. Nele discutiremos sobre o uso de metodologias mais abertas, flexíveis e criativas, em busca de um rigor *outro*, numa perspectiva ética e política mais apropriada para o estudo colocado em questão, valorizando diferentes culturas e conhecimentos existentes.

O **Capítulo 2 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA**, estruturado nos três subcapítulos, a saber: 2.1 Racismo estrutural e interseccionalidade de identidade, gênero e raça; e 2.2 Cibercultura sociabilidade e subjetividade, trata da forma como marcadores sociais, tais como gênero/raça, identidade, sexualidade, entre outros, interagem entre si e influenciam o modo como a mulher negra experencia a vida em sociedade.

No **Capítulo 3 - O DESAFIO DA DESCOLONIZAÇÃO DE CURRÍCULOS EM FAVOR DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**, e seus subcapítulos 3.1 Descolonizando currículos para uma educação democrática; e 3.2 A formação de professores numa perspectiva decolonial, discutimos as tensões entre o currículo hegemônico e a necessidade de descolonizar currículos, para uma educação democrática, na contemporaneidade, mediante o diálogo entre diferentes culturas.

O **Capítulo 4 - ATIVISMO FEMININO NEGRO NA CIBERCULTURA: SOBRE O QUE NOS MOVE, INSPIRA E MOTIVA NA VIDA**, e seus subcapítulos 4.1 *youtubers* negras e lugar de fala: interseccionalidade, representação, representatividade e feminismo negro e, 4.2 *YouTube: ‘espaçotempo’* de construção de narrativas audiovisuais de mulheres negras e mobilização de processos formativos, aborda o conceito de ‘lugar de fala’, defendido pelas ativistas, ressaltando a importância de a mulher negra falar por si mesma, tornando-se protagonista de sua luta e movimento, além de discorrer sobre o potencial do *YouTube* na construção de narrativas, que emergem em múltiplas linguagens, e mobilizam processos formativos na educação universitária.

O **Capítulo 5 - A EMERGÊNCIA DE ‘SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES’ NO PROCESSO DE PESQUISA** apresenta as descobertas obtidas no processo de investigação, mediante a triangulação dialógica entre empiria/teoria/autoria do pesquisador, com base nas conversas e narrativas dos praticantes.

Finalmente, em **CONCLUSÃO**, elaboramos algumas considerações sobre o trabalho realizado, resgatando resultados parciais obtidos no desenrolar da pesquisa, e respondendo ao problema gerador do estudo, além de oferecermos recomendações para pesquisas futuras.



## 1 NO CAMINHAR SE CONSTRÓI O CAMINHO

Ninguém caminha sem aprender a caminhar  
Sem aprender a fazer o caminho caminhando,  
Refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.  
*Paulo Freire, 1992*

*A partir da questão de estudo “que percursos epistemometodológicos, críticos e plurais, podem ser tecidos ao longo da pesquisa, em busca de um rigor científico outro?”, discorreremos sobre o modo como tecemos nossa pesquisa, utilizando metodologias mais abertas, flexíveis e criativas, a partir de uma proposta curricular que enfatiza não apenas o que ensinar, mas, também, por que ensinar, como ensinar, para que ensinar, juntamente a um projeto educativo que abrange o conjunto das práticas educativas. Finalmente, trazemos os dispositivos de pesquisa que apoiam os atos de currículo, ao longo da investigação, possibilitando a emergência de conversas e narrativas com seus ‘sentidossignificações’.*

Sob esse olhar, entendemos a pesquisa, numa perspectiva curricular formacional. Um ‘*fazersaber*’ experiencial, singular e (in) tensamente relacional, o que nos possibilita: (a) romper com dicotomias, como homem/natureza, homem/mulher, teoria/prática ou sujeito/objeto, tão relevante do ponto de vista educacional e social; (b) ir para além da concepção de conhecimento como o produto da investigação, conferindo aos sentidos e significações um papel de destaque na manutenção da unidade do pensamento vivido, e expressão da complexidade de cada situação investigada; e (c) a aproximação e a parceria com nossos praticantes.

Com efeito, a implicação do pesquisador com seu objeto de pesquisa e a compreensão de que o saber da experiência ilumina o fazer, são signos fundamentais, nesse processo. Sob esse olhar, procuramos assegurar a qualidade de nossas investigações e da formação, com base em um rigor *outro* (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009), que leva em conta diferenças, ambiguidades, ambivalências, desigualdades, diversidades - enfim, a heterogeneidade, contrapondo-nos à concepção burocrática, prescritiva e producionista, presente nos currículos universitários.

A ciência moderna, ao criar padrões rigorosos para a produção e validação de conhecimentos, valoriza somente o que é visível, classificável e quantificável, subestimando ou ignorando outros tipos de saberes. Estabelece, dessa forma, distinções entre os saberes científicos e aqueles provenientes da cultura, dos cotidianos, das mídias e das tecnologias, entre outros. Deste lugar, derivam duas assertivas: (a) conhecer significa quantificar o que é aferido pelo rigor das medições. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante; e (b) o método

científico assenta na redução da complexidade, na presunção de que a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer, portanto, significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. Sob esse olhar, o autor assevera que o que o conhecimento ganha em rigor, acaba perdendo em riqueza, dado que a retumbância do cientificismo esconde os limites de nossa compreensão do mundo, reprimindo a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido

A adoção desse rigor *outro* (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009) tem amparo no paradigma da complexidade (Morin, 2015), que propõe a religação dos saberes e a superação da fragmentação e da reprodução do conhecimento, possibilitando-nos adequar os saberes escolares aos desafios contemporâneos, que são complexos, multidimensionais, globais, planetários e transdisciplinares, como acentua o autor.

Com efeito, desde o primeiro encontro presencial com a turma, criamos atos de currículo, objetivando melhor conhecer nossos praticantes culturais e criar uma ambiência formacional mais acolhedora, na qual o afeto, o diálogo, a colaboração e a interatividade possam ser exercitadas. Com essa intencionalidade, propusemos as seguintes atividades: (a) um passeio pelos diferentes espaços da UERJ, observando o todo e registrando, de algum modo, tudo que lhes chamasse a atenção; (b) relatassem essa experiência, na volta à sala de aula, e elaborassem um mural sobre suas impressões, para deixarmos exposto no andar da Pedagogia, a fim de que todos pudessem ler, sentirem-se abraçados e dar continuidade a esse processo.

Primeiras impressões:



**Praticante F<sup>15</sup>:** “Caramba! Só tem homem branco nas fotos!”.

Esta colocação expressa a inquietação em relação às questões relacionadas à cor e a gênero, pelo fato de não haver negros nas fotos dos formandos expostas nos corredores da faculdade de Direito. Algo curioso, pois vem ao encontro desta proposta de trabalho.

No entanto, esse cenário vem mudando, de forma significativa, a partir da Lei das Cotas (2012), trazendo a diversidade e o colorismo para seu interior. A par de todo o avanço educacional para a população negra, é preciso enfatizar que a desigualdade racial continua presente em nossos dias. Pretos e pardos representam 55,8% da população brasileira e, por mais

---

<sup>15</sup> Para não infringir o Código de ética, optamos por utilizar apenas a inicial do nome escolhido pelos praticantes, a partir dos autores presentes nesse estudo, com quem mais se identificassem ao longo do processo de pesquisa.

que sejam maioria nas universidades públicas – cerca de 50,3%, o número de negros no ensino superior ainda é reduzido (IBGE, 2019)<sup>16</sup>.



**Praticante G:** *Só nesse andar ficam fotos expostas? Achei legal, poderiam fazer isso em outros cursos e ambientes”.*

Ângela Davis, em conferência que lotou o Auditório Ibirapuera, em São Paulo, em 2019, exalta a representatividade de cantoras negras, como Margareth Menezes, Clara Nunes e Elza Soares, no cenário brasileiro, ressaltando que é comum associarmos a história do povo negro à violência inenarrável da escravidão. No entanto, ressalta que não devemos nos esquecer de que nas lutas pela sobrevivência e pela superação da violência sempre estiveram presentes a criação de alegria, de beleza e de prazer- esses são os presentes do povo negro para o mundo. De modo similar, a fala de nossa praticante cultural reafirma a necessidade de levantarmos nossas vozes, fazendo-as ecoar em diferentes ‘*espaçostempos*’ e em diferentes formatos, acreditando na sutileza da cultura, como forma de literaturizar a ciência, por meio de imagens, sons e textos, numa aproximação da arte com a educação.



**Praticante L:** - *“Que exista amor para recomeçar!”*

Esta fala, reproduzida do cancionário popular<sup>17</sup>, inspirou o título do Mural ‘Novos Recomeços’, que criamos - um convite para que mergulhássemos na realidade, em busca de um novo olhar, novas descobertas.

Quantos ‘*sentidossignificações*’ estão contidos nas falas autorizadas de nossos praticantes culturais? Que sentimentos e inquietações se escondem por detrás desses relatos, plenos de esperança, sonhos, empatia, estranheza, reconhecimento, num momento em que vivemos uma pandemia, o negacionismo e a ameaça de uma guerra mundial?

Seja “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”<sup>18</sup>, ‘*fazeressesaberes*’, cortados pelos acontecimentos, vão sendo construídos pelo homem comum. Produtor de efeito

<sup>16</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>. Acesso em: 15 maio 2023.

<sup>17</sup> Canção disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=QObiI3Ur6YQ>. Acesso em: 20 jul. de 2022.

<sup>18</sup> Letra de autoria de Hyldon, cantada por Kid Abelha. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/kid-abelha/447611/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

e, conseqüentemente de histórias, o acontecimento faz emergir novos personagens em ação, altera dados da realidade ou dá lugar a outros, constituindo um momento-chave nos processos de transformação social, em que a pesquisa deve ser vivida e experimentada.

Como enfatizam Alves (2008) e Silva, M. (2010), nada pode ser desprezado. É preciso mergulhar, com todos os sentidos na realidade estudada, tendo em vista levantar o véu do cotidiano; desvelar, revelar, descobrir, ‘desencobrir’ e, a exemplo de um escultor, dar à matéria-prima uma nova forma, que contemple a diversidade, as diferenças e o inesperado, exercitando a empatia e a ‘escuta ativa’ para “descobrir, nas narrativas dos praticantes, o subentendido, nexos não explicitados, silêncios e silenciamentos (Amorim, 2004).

Mas, como fazê-lo? Como pensar a pesquisa? Que caminhos percorrer se “o acontecimento não cessará de nos desafiar, nos provocar, de nos impor aporias e a necessidade de superá-las, porque os encontros não marcados continuarão a acontecer enquanto pesquisas sejam necessárias?”, como nos alerta Macedo (2016, p. 113).

### **1.1 A arte da bricolagem em busca de *um rigor outro* na pesquisa qualitativa**

Dado que o ato de pesquisar consiste numa ‘aventura pensada’, deve ser valorado, compreendido, experienciado e inventado. Sua construção vai se processando, à medida que se caminha, e sua materialização acontece no processo de produção do conhecimento. Nesse contexto, e fundamentadas no paradigma da complexidade (Morin, 2015), tomamos como inspiração alguns princípios dos estudos etnográficos, particularmente no que se refere à observação-participante e à escrita narrativa, nas redes sociais, tendo como desafio epistemológico a busca de um rigor *outro* - um modo de pesquisar que aceita, o desafio de conhecer os praticantes que elaboram e mobilizam etnométodos (maneiras de fazer) para dar sentido e, ao mesmo tempo, realizar as suas ações, comunicando-se, refletindo e tomando decisões (Macedo, 2010). Bricolamos, então, a pesquisa-formação no contexto da cibercultura (Santos, E., 2014; 2019), aos princípios da multirreferencialidade (Ardoino, 1998; Macedo, 2012), e à abordagem da pesquisa com os cotidianos (Alves, 2008; Andrade, Caldas e Alves, 2019; Certeau, 2013), no entendimento de que a formação humana ocorre em múltiplos ‘*espaçostempos*’ que se relacionam e se interconectam continuamente.

Mas o que significa fazer uma bricolagem metodológica?

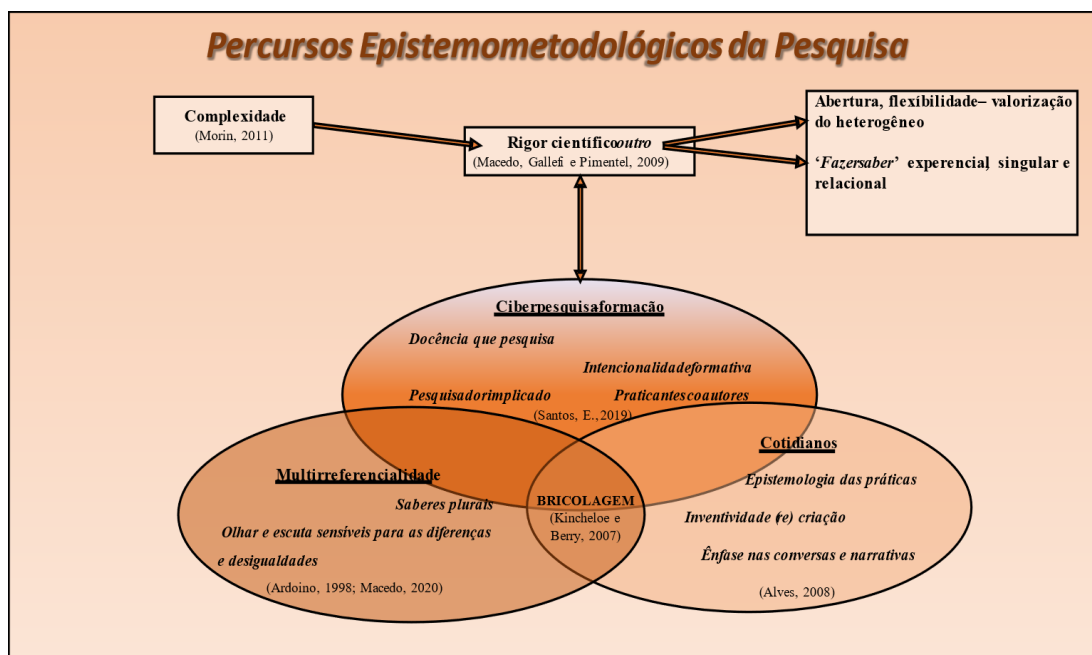
Ao contrário dos que muitos pensam, o termo ‘bricolar’ utilizado nesta pesquisa não consiste em unir, misturar, ou mesmo combinar alguns elementos de outras teorias que nos pareçam apropriados. Provém de *bricoleur*, termo cunhado por Lapassade (1998), que

considera diferentes contextos, ao inserir a pesquisa no âmbito da complexidade e da multiplicidade do mundo social.

Kincheloe e Berry (2007) afirmam que, para os *bricoleurs*, a interação dos pesquisadores com os objetos de suas investigações é sempre complicada, volátil, imprevisível e, certamente, complexa. Desse modo, dificulta, ou mesmo impede qualquer planejamento antecipado das estratégias de pesquisa. Em lugar desse tipo de racionalização do processo, “os *bricoleurs* ingressam no ato de pesquisa como negociadores metodológicos, respeitando as demandas da tarefa que têm pela frente.

Por meio da bricolagem metodológica podemos abordar o objeto de pesquisa sob diversos ângulos, o que possibilita sua melhor compreensão, considerando a multiplicidade de leituras que podem ser feitas sobre um mesmo fenômeno. Seguir nessa direção, como nos lembra Reis (2021, p. 43), distancia-nos dos pressupostos teórico-positivistas, herdados da ciência moderna, baseados em referenciais apresentados como ‘verdades absolutas’ sobre a realidade, como representado na Figura 7, a seguir.

Figura 7 - Bricolagem Epistemometodológica



Fonte: a autora, a partir Reis (2021, p. 44).

Assumimos, desse modo, uma posição política, na medida em que, ao nos inspirarmos em estudos etnográficos e bricolarmos a pesquisa-formação multirreferencial aos cotidianos, no contexto da cibercultura, reconhecemos a complexidade e a heterogeneidade, próprias do campo das ciências humanas, caracterizadas pela coexistência temporal de várias perspectivas teóricas, abordagens e paradigmas inerentes às práticas educativas, recusando-nos às amarras dos modelos hegemônicos, que privilegiam o pensamento linear, unitário e simplificador, o que

exige dos pesquisadores uma pluralidade de olhares e linguagens, com vistas à compreensão dos fenômenos investigados.

Sob esse olhar, valemo-nos da etnografia digital e, mediante observação e interação, enfatizamos e registramos diferentes nuances do comportamento de um grupo pré-selecionado de usuários, no ambiente *online*, relacionadas a crenças, práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados. Nessa ambiência, a escrita narrativa, a partir da descrição densa dos fenômenos emergentes, assume grande importância para compreendermos as compreensões, pois “a formação se faz de forma densa e (in) tensa como acontecimento” (Macedo, 2016, p. 51), o que nos exige um novo olhar que nos possibilite focar as diferenças (ou aproximações) culturais e aquilo que não tem visibilidade, para “explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significado” (Polivanov, 2013, p. 2), assumindo, desse modo, a cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz, 1978, p. 15).

A partir desses pressupostos - mas não subjugados a eles, e alinhados às abordagens que fundamentam a ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos, abrimo-nos ao devir, mergulhando com todos os sentidos na realidade investigada, para que o campo se revelasse, em todas as suas nuances.

Com efeito, acreditamos que aí resida a tranquilidade de termos sido abraçados por essas opções metodológicas – a ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos e a etnografia digital, dado que onde uma fala, a outra diz um pouco além, onde uma vê, a outra provoca ainda mais, como num balé em que, mesmo com passos diferentes, os dançarinos compõem um belo espetáculo.

A recursividade, presente no movimento multirreferencial que empreendemos em nossas pesquisas, de ir aqui e lá e, eventualmente, pelo desvio, obtermos aquilo que não podemos alcançar, de forma direta (Ardoino, 1998), não significa falta de rigor, mas a adoção de um rigor *outro* - diferente do cartesiano (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009), que comporta a incompletude as borras, as faltas, que nos configuram e identificam como seres inacabados, ao mesmo tempo que nos constituem.

Na ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos o compromisso e a implicação do pesquisador com suas práticas, assume grande relevância, na medida em que o pesquisador intervém na realidade social investigada, interagindo com os praticantes, seus coautores da pesquisa. Nesse contexto, o pesquisador aprende ao mesmo tempo em que ensina e pesquisa, e pesquisa e ensina enquanto aprende, estabelecendo a articulação entre a produção do saber

científico e a do saber cotidiano, pois o “pesquisador coletivo” é composto por todos os sujeitos que participam da pesquisa, dialogando entre si. Essa implicação também se estende durante a escrita do estudo, na relação “professora-orientadora/professora-pesquisadora”, seja no presencial ou no *online*, mediante conversas diversas, como a mostrada, a seguir, realizada no *WhatsApp* durante a pesquisa:

**Orientadora:** [20:24, 01/03/2022] *“Veja esse parágrafo. Não o entendi. Penso que esteja faltando alguma palavra. Veja esse parágrafo.”*

*A intersecção condiciona estruturalmente determinados grupos, em especial as mulheres negras, a produção e reprodução de desigualdades sociais no Brasil. Essa segregação se revela de diferentes formas nas relações sociais, culturais e políticas no país. De tal modo, ocorre também dentro do digital em rede, particularmente ao analisarmos o YouTube como o ‘espaçotempos’ propício ao ativismo feminino negro, dado que a mídia hegemônica praticamente o ignora.”*

[20:26, 01/03/2022]. *“Penso que, independentemente dessas mensagens, é necessário que vc fale diretamente comigo”.*

[21:02, 01/03/2022]. *“Antes de escrever, leia, para se inspirar, não copiar, as dissertações de seus colegas de grupo. Veja como elas vão desenvolvendo suas ideias. É preciso certo encadeamento, ou o povo não vai entender. Quando falo em subcapítulo, estou me referindo ao contexto da pesquisa, aos participantes e aos dispositivos.”*

**Professora-pesquisadora:** [23:37, 05/03/2022]. *“Ok. Vou mexer nesses pontos que vc tocou aqui e reenvio; e caso não fique claro, a gente conversa”.*

[23:38, 05/03/2022]. *” Abordarei os itens ponto por ponto, destacando cada em um ou dois parágrafos e reenvio.”*

[23:40, 05/03/2022]. *“Então nos falamos à noite, amanhã, ou na segunda, mas até amanhã reenvio com as modificações que destacamos aqui”.*

Para Santos (2007, p. 13-14),

Pesquisador não é aquele que constata o que ocorre, mas também aquele que intervém como sujeito de ocorrências. Ser sujeito de ocorrências no contexto de pesquisa e prática pedagógica implica conceber a pesquisa-formação como processo de produção de conhecimentos sobre problemas vividos pelo sujeito em sua ação docente.

No movimento ‘*prácticateoriaprática*’, a pesquisa vai se concretizando, podendo trazer mudanças, deslocamentos, interferências, protagonismos, entre outros. Nesse fluxo, afirmam Pineau (1998) e Macedo (2020), a formação acontece mediante a capacidade de o sujeito (a) aprender consigo mesmo - autoformação; (b) aprender na relação com o outro, mediante o

exercício do olhar e da escuta sensível (Barbier, 2007) – heteroformação; (c) aprender com os objetos, com a cidade e seus dispositivos - ecoformação; (d) aprender a olhar para si, para sua própria formação, refletindo sobre o próprio processo de aprendizagem – metaformação; e (e) aprender com alegria, prazer e paixão, pois, como enfatiza Macedo (2020), ‘sem tesão não há criação’, fazendo uma alusão à obra de Roberto Freire, publicada em 2004, sob o título ‘Sem tesão não há solução’.

Com efeito, ao longo da pesquisa, vivenciamos inúmeras situações, que nos levam a refletir sobre nosso fazer pedagógico, além de registrar nossos sentimentos, interpretações, atos falhos, hipóteses e preocupações em relação às ações praticadas, como podemos observar nas notações, feitas no meu Diário de Campo (DC):

**Professora-pesquisadora:** *“Tenho lido tanto! Mas de nada adianta minhas leituras sem que eu faça os fichamentos, sem que exponha minhas ideias no papel para que possa construir com meu texto, pois foi um baque achar q tinha feito um bom trabalho e ver que não. Mas é bom, pois me fez repensar isso tudo, pois eu quero acertar e quero, sim, aprender a escrever”* (DC, 06/03/22).

O ato de dialogar com nossas experiências, por meio dos diários, afirmam Barbosa, Santos, E. e Ribeiro (2018, p. 118) ensinam “não somente um processo de autoria na escrita de textos acadêmicos, de uma reescrita de nós mesmos, das nossas ideias e sentimentos, transformando-os continuamente a cada vez que reescrevemos nossas narrativas”.

Como enfatiza Josso (2004), o que mais interessa nesse contexto é que os praticantes da pesquisa produzam conhecimentos que tenham ‘*sentidosignificações*’ para eles, e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos. Para tanto, é imprescindível compreender, como nos alerta Certeau (2013), que os cotidianos são espaços de reinvenção, nos quais processos híbridos, nômades, rizomáticos e plurais são vivenciados pelos sujeitos ao tecerem seus conhecimentos em rede.

Para Alves (2012, p. 1), a exemplo de uma ‘colcha de retalhos’, a rede educativa se configura na multiplicidade de tantas outras redes, cujas tramas se entrelaçam em linhas tão tênues, difíceis de se perceber, com nitidez, onde se iniciam as características de uma e onde terminam as de outras.

Em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de ‘*espaçotempos*’ diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos, etc. Alves (2012, p. 1).



A participação nessas diversas redes permite, aos indivíduos, não apenas desenvolver e compartilhar ideias contidas em suas redes específicas, mas também associá-las, entre si. Dessa forma, enfatiza Alves (2008, p. 3):

[...] a incorporação dessas redes do que se aprende fora da escola e que é trazido para escola como experiências vividas externamente, que passam a ser vividas internamente, é que movimenta o ensino, renova o ensino. Porque o ensino não é renovado por decreto, ele é efetivamente renovado no concreto dele, no cotidiano dele, na compreensão daquele conjunto de professores de uma determinada escola, com o acesso que eles começam a ter às múltiplas redes educativas e, dessa forma, começam a fazer transformações. (...). Então são essas tais redes das quais nós participamos e que não estão fora da escola, elas estão dentro da escola, porque vão dentro das pessoas que vão à escola fazer a escola.

Esses atravessamentos cotidianos - afirma Amaral (2014), presentes na diversidade de redes educativas permeiam o processo de aprendizagem, ainda que inibidos pelo peso imposto pelo currículo formal e pelos conhecimentos considerados “válidos”, que acabam dissociando elementos que, em sinergia, poderiam aprimorar os processos cognitivos.

## **1.2 A inter-relação entre o contexto e o campo de pesquisa**

Pensar o contexto de uma pesquisa implica considerar o momento em que foi produzida e a que situação externa ela se refere direta ou indiretamente - isso é, sobre o conjunto de informações históricas, ambientais, sociológicas, culturais, literárias, políticas, entre outras.

Desse modo, não podemos esquecer que fomos surpreendidos com um acontecimento que abalou o mundo – a pandemia do coronavírus e suas variantes que, ainda hoje nos ameaça. Para piorar esse quadro de instabilidade, ainda convivemos com o perigo iminente de uma guerra mundial e, em nível nacional, experienciamos uma profusão de informações que nos libertam, mas que também nos colocam diante de muitas armadilhas,

[...] uma grande turbulência, com o fortalecimento de ações e movimentos de natureza conservadora e reacionária em diferentes áreas das atividades humanas, particularmente, no campo da educação, a partir da implantação de um modelo de desenvolvimento político, econômico e social referenciado no modelo capitalista neoliberal, que acaba por fragilizar o ensino público; o que exige compreender esses movimentos, e suas motivações ideológicas, organizacionais e financeiras, a fim de buscarmos alternativas para os crescentes desafios impostos à educação (Amaral; Santos; Barbosa, 2020, p. 9).

Essas questões influenciam diretamente o processo educativo, alterando nossos modos de pensar, sentir, julgar, agir, o que exige dos professores-pesquisadores a valorização da diversidade cultural, o combate a toda forma de desigualdade, intolerância e discriminação racial, étnica e de gênero, bem como a reinvenção da vida, do outro e de si próprio.

Sob esse olhar, o contexto da pesquisa é abordado, numa perspectiva sistêmica e ecológica, para apreender a realidade, de forma abrangente, o que requer um olhar multidimensional para captarmos todas as situações que pretendemos analisar, levando em conta as interações que acontecem entre todos os praticantes da pesquisa, de forma contínua, atentos a tudo e a todos, tendo em vista buscarmos referências de sons, variedades de gostos e odores, tocando pessoas e objetos, e nos deixando por eles tocar, para melhor compreensão da complexidade e da rede de saberes, poderes e fazeres tecidas nos cotidianos, como nos ensina Alves (2008), levando em conta sua inter-relação com o campo de pesquisa, para ver muito além do que é posto.

Outro aspecto a considerar é que, representando a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF, criada em 1962 (Figura 8), materializa as necessárias políticas de interiorização vinculadas aos papéis das universidades públicas estaduais, reconhecendo as desigualdades econômico-sociais presentes nessa região e privilegiando as características geográficas e culturais da diferença, concebidas como expressão do devir utópico de se instalar como um (entre outros) polo de produção de conhecimento e de intervenção no social.

Não há dúvidas de que essa Instituição, na qual realizo meu Mestrado, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, ao enfatizar o ensino público de qualidade e socialmente referenciado, e voltado para a formação de professores, por meio das Licenciaturas, assume grande relevância em minha formação, contribuindo significativamente no desenvolvimento de minha pesquisa.

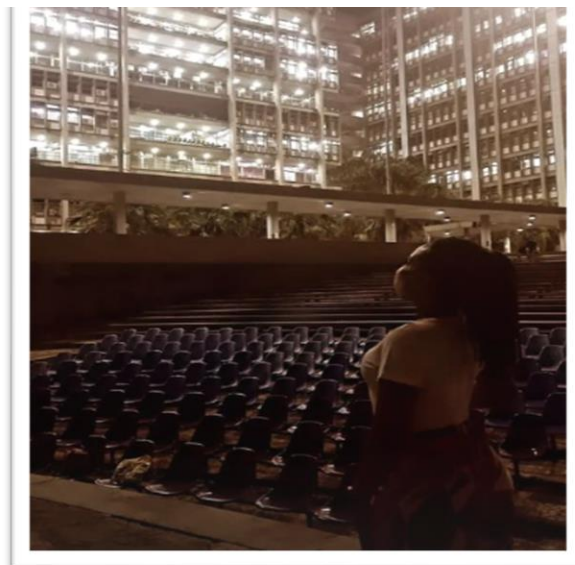
Figura 8 - FEBF/UERJ



Fonte: a autora, 2022.

Como professores-pesquisadores implicados com nosso fazer pedagógico e, no movimento *'prácticateoriaprática'*, definimos, como campo de investigação, duas ambiências distintas, mas que se alinham e se inter-relacionam: (a) três canais do *YouTube*; e (b) a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Figura 9), *campus* Maracanã-RJ, na qual realizamos nossa pesquisa, na turma de Pedagogia, da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica em Ciências Sociais e Educação (PPP – 2022.1), ministrada pela professora Luciana Velloso, orientadora desse estudo, em busca de respostas para as nossas indagações.

Figura 9 - UERJ, campus Maracanã



Fonte: a autora, 2022.

Dado o compromisso da Faculdade com a defesa de uma educação pública de qualidade para todos, além de uma prática pedagógica reflexiva, autônoma e criativa, contribuindo, desse modo, para uma educação que prioriza a ética, a cidadania e a manutenção da democracia e dos direitos humanos, atuar nessa ambiência vai ao encontro de nossos propósitos de estudo.

### 1.3 Os praticantes culturais e a ética na pesquisa em educação

“Mergulhar com todos os sentidos” (Alves, 2008) na realidade que investigamos possibilita-nos perceber que os praticantes culturais, em suas operações cotidianas, inventam outras lógicas, sentidos, conhecimentos e significações, instituindo múltiplas redes de colaboração e compartilhamento. Desse modo, o estudo das práticas ou das “artes de fazer” cotidianas implica, como enfatiza Certeau (2013), interrogar as operações desses usuários dos produtos culturais, buscando compreender o que fabricam com os usos que fazem do que recebem ou do que lhes é imposto, dado que nossos praticantes não são ‘idiotas culturais’ ou ‘objetos’ de análise, mas protagonistas e autores coletivos no contexto da pesquisa; não são meros informantes, mas sujeitos que produzem culturas, saberes e conhecimentos (Santos, E. 2019).

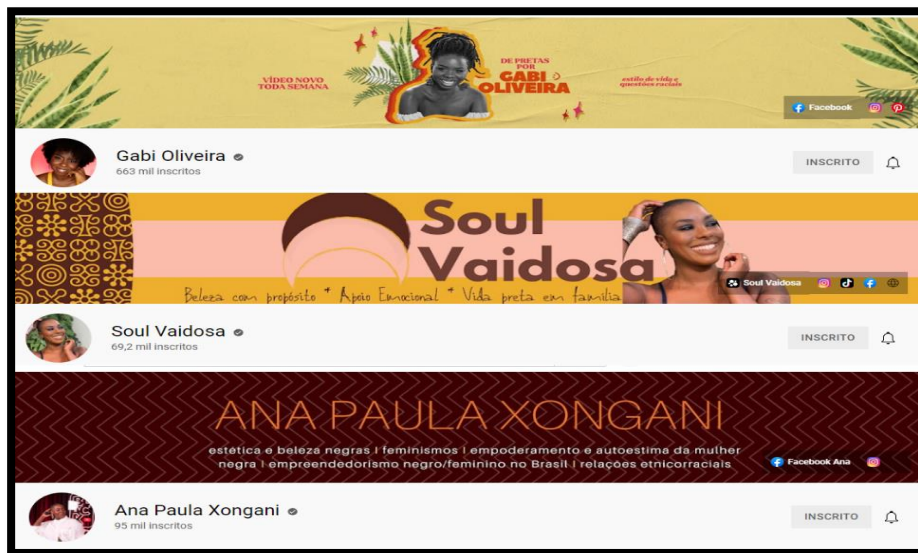
Nessa perspectiva, sem qualquer intenção de hierarquizar ou de fazer juízos de valor, mas objetivando organizar os dados apresentados e melhor operar nossas ideias, categorizamos nossos praticantes em três grupos distintos, que nomeamos, como: (a) **praticantes-motrizes** – constituem o ponto de partida, os impulsionadores de um movimento, cujo sucesso não se faz de forma isolada, mas pressupõe a compreensão da necessidade das equivalências e os acréscimos relevantes de seus esforços em relação ao desempenho conjunto; e (b) **praticantes antenados** – *receptores e emissores de informações*, não importa se por meio de jornais, revistas ou *Internet*, pois o que vale é estar antenado com tudo de relevante no mundo; e (c) **praticantes sociais** (coletivos)

(a) **Praticantes-motrizes** – constituem o ponto de partida, aqueles que impulsionam um movimento, cujo sucesso não se faz de forma isolada, mas pressupõe a compreensão da necessidade das equivalências e os acréscimos relevantes de seus esforços em relação ao desempenho conjunto. Neste estudo, refere-se a um grupo de mulheres negras - *influencers*, que debatem, em seus canais na plataforma *YouTube*, a questão do feminismo negro e suas ramificações (Figura 10). Essas *youtubers* e os conteúdos que apresentam serviram de gatilho, fazendo emergir as primeiras inquietações desta pesquisa. Desse modo, delas nos aproximamos

e, após mapearmos esses canais de comunicação, elegemos o canal “De Pretas”<sup>19</sup>, de Gabi de Oliveira, Xan Ravielli, do canal “Soul Vaidosa”<sup>20</sup> e o canal Ana Paula Xongani<sup>21</sup>.

Como critérios de seleção dessas *youtus* levamos em conta: (a) o tempo de permanência na plataforma, com um significativo número de seguidores; (b) a pertinência e a relevância dos conteúdos apresentados nesses canais, no que se refere a temas ligados à estética, à raça e a gênero, que retratam situações cotidianas; (c) por serem influencers acessíveis, caso haja necessidade de contato; e (d) por terem sido escolhidas para fazer parte do “Fundo Vozes Negras”, que é uma iniciativa da plataforma que vai apoiar 35 brasileiros que receberão recursos para investir em produção de conteúdo em seus canais<sup>22</sup>.

Figura 10 - Praticantes-motrizes



Fonte: a autora, 2023.

(b) **Praticantes antenados**, receptores e emissores de informações, não importa se por meio de jornais, revistas ou *Internet*, pois o que vale é estar antenado com tudo de relevante no mundo. Representado por aproximadamente 33 alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Campus Maracanã (Figura 11), na faixa etária entre 18 e 51 anos. Trata-se de jovens que estão informados ou demonstram interesse em conhecer o que acontece ao seu redor, que cursam a disciplina Pesquisa e Prática

19 *YouTube*. Disponível em: <https://www.YouTube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iILiJ1kng>. Acesso em: 14 mar. 2022.

20 *YouTube*. Disponível em: <https://www.YouTube.com/c/SoulVaidosa/about>. Acesso em: 14 mar. 2022.

21 *YouTube*. Disponível em: <https://www.YouTube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iILiJ1kng>. Acesso em: 14 mar. 2022.

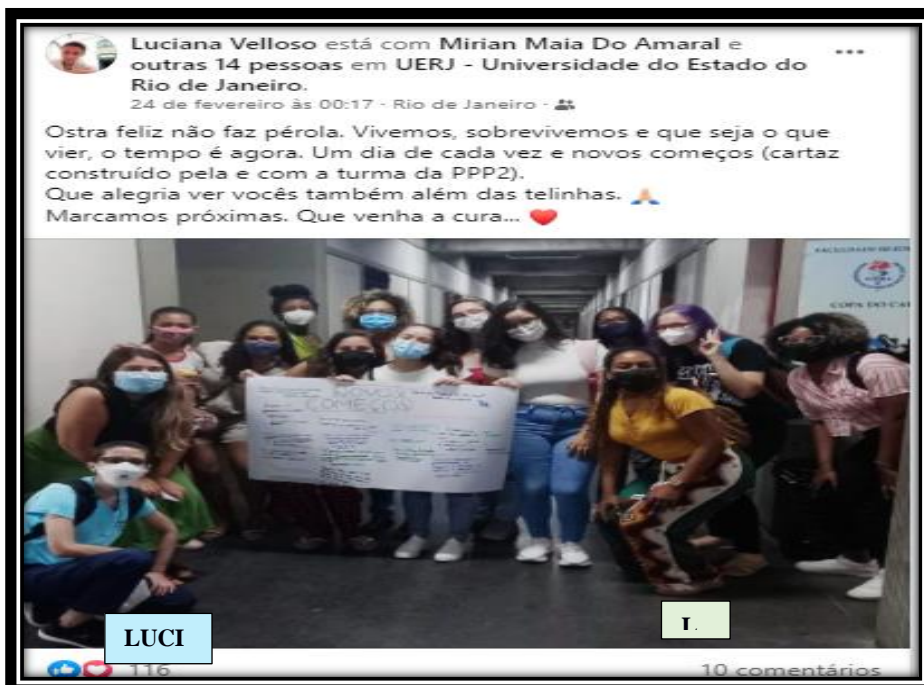
22 Disponível em: <https://blog.YouTube/intl/pt-br/creator-and-artist-stories/conheca-turma-2021-de-criadores-brasileiros-do-fundovozesnegrasdoYouTube/>. Acesso em 16 mar. 2022.

Pedagógica em Ciências Sociais e Educação – PPP II – 2022.1, ministrada pela professora Luciana Velloso, que objetiva a escrita do projeto de pesquisa, reconhecendo os recursos audiovisuais como dispositivos pedagógicos de grande relevância no processo de ‘*aprenderensinar*’. Para Santaella (2004), esses jovens caracterizam o perfil cognitivo do novo leitor ou usuário da hipermídia, que utilizam diferentes mecanismos e habilidades de leitura, muito distintos dos que são empregados pelo leitor de textos impressos tradicionais, como livros, revistas ou jornais.

Desse grupo também fazem parte – nós, professores-pesquisadores que, ao contrário da lógica imperativa tecnicista dos anos 60, que objetivava a preparação de mão-de-obra necessária ao desenvolvimento do país, exercitamos a prática docente nas diferentes esferas do ‘*saberfazersentir-se*’ professor, adequando-nos às demandas educacionais da sociedade atual, como nos ensina Alves (1998).

Isso requer uma mudança de mentalidade e a consciência de que somos seres em construção, pois como enfatiza Freire (2020, p. 154), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (Amaral, 2014, p. 61).

Figura 11 - Praticantes antenados



Fonte: a autora, 2023.

(c) *Praticantes sociais* - Fazem parte desse grupo as ativistas negras - figuras públicas nacionais e internacionais, que lutam contra o racismo e a discriminação em todo o mundo, liderando movimentos sociais e políticos. Seus escritos, presentes nas mídias, de um

modo geral – livros, artigos, *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros, assumem um caráter coletivo, e buscam promover a igualdade racial e de gênero, e combater a violência policial e outras formas de opressão.

A organização de diferentes *posts*, conversas e narrativas, em nossas redes ou nos canais anteriormente citados, permitiram-nos acompanhar também outros usuários que comentavam, curtiam ou compartilhavam esses *posts*. Santos (2006, p. 126) argumenta que o professor-pesquisador é, sobretudo, “aquele que aprende enquanto ensina e que ensina enquanto aprende”. Desse modo, os aprendizados tecidos com e entre esses praticantes, suas narrativas, suas práticas e táticas cotidianas nos formam e nos trazem elementos que favorecem nossa compreensão da realidade investigada.

Se considerarmos a intencionalidade formativa que caracteriza a ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos, bem como a perspectiva construtivista que a envolve, podemos afirmar que não há neutralidade na pesquisa, nem pesquisadores neutros, dado que nesses ‘*espaçostempos*’ transitam interesses que nem sempre coincidem com os dos sujeitos investigados. Desse modo, ao pesquisarmos ‘com’ os praticantes, estabelecemos uma relação horizontal, dialógica e interativa. Nesse processo, acabamos invadindo suas vidas, observando seus etnométodos e, às vezes, esquadrinhando a intimidade conceitual e emocional das pessoas, deparando-nos com múltiplas vozes, silêncios e silenciamentos.

Como afirma Bakhtin (2011), na medida em que, nossos discursos estão impregnados da presença do Outro, a interação verbal constitui um palco de lutas, que se evidencia na forma como nos expressamos, na entonação que damos ao que é dito, na composição dos elementos semânticos, ou mesmo nas palavras que escolhemos para dialogar com nossos interlocutores.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva. [...] toda compreensão é preche de respostas [...] o ouvinte se torna falante, sendo importante que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter dialógico, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas (Amorim, 2004, p. 98-9).

Isso nos alerta para a questão da ética na pesquisa, pois dependendo de como o pesquisador se apropria das informações que emergem dos relatos e narrativas dos praticantes, pode beneficiá-los, prejudicar sua imagem pública, ou até pôr em risco sua integridade física. Por isso, é fundamental que o pesquisador se interrogue, continuamente sobre *porque*, *para que*, *o que*, *como* investigar e *como* divulgar os achados da pesquisa.

Com efeito, a, a dimensão ética é parte integrante de uma pesquisa e se refere às relações de boa convivência, respeito aos direitos do outro e ao bem-estar de todos, o que requer alguns cuidados por parte dos pesquisadores, como por exemplo:

(a) **o consentimento dos sujeitos em participar da pesquisa**, como pode ser visto no Apêndice 1, deste documento, o que exigiu lhes informar sua finalidade, os modos de produção dos conhecimentos e como as informações seriam utilizadas e divulgadas pelo pesquisador. Nesse sentido, objetivávamos, a exemplo de Amaral (2014, p. 119),

a concordância e o consentimento dos praticantes quanto ao uso, em nossos estudos, de seus nomes, imagens e informações, considerando conhecimentos e significações que tecíamos nas diversas redes educativas e seus múltiplos contextos, dado que registrávamos conversas informais e narrativas durante as aulas, analisávamos suas produções nos diferentes ambientes de aprendizagem, participávamos dos debates em fóruns de discussão *online* e alimentávamos nossos diários [...].

Desse modo, nosso estudo assume uma concepção relativa ou dialógica da ética, entendida por Spink *et al.* (2014, p. 43), como “algo que é coconstruído, negociado, ressignificado por diferentes vozes” (p. 43), tendo como princípio básico a transparência.

(b) **preservação da identidade e integridade dos praticantes**, omitindo-se seus verdadeiros nomes, usando pseudônimos escolhidos pelo pesquisador ou pelos próprios informantes. Nesse caso e, para evitar problemas futuros, é recomendável que, antes de publicar um artigo ou defender seu estudo, o pesquisador compartilhe o texto final, obtendo dos praticantes a aprovação e autorização para divulgá-lo.

[...] um procedimento consensual, passível de revisão, sendo que a possibilidade de desfazer o acordo é cláusula fundamental do consentimento informado. (...) Pensada na perspectiva da colaboração, a informação é essencial para que haja compreensão dos procedimentos, assim como dos direitos e deveres de cada um. (Spink *et al.*, 2014, p. 48-9).

(c) **interferência mínima do pesquisador no ambiente de pesquisa**, para não perturbar as atividades. Em nosso caso, docentes e discentes são parceiros, buscando desenvolver, de modo conjunto e intencional, o trabalho de investigação. Nessa perspectiva, não há liderança e, sim, emergências. A mediação é partilhada com os praticantes. Desse modo, o uso de dispositivos diversos, como gravador e câmera fotográfica são valiosos, devendo ser acordados, previamente.

(d) **divulgação dos resultados da pesquisa**, respaldada no compromisso que o pesquisador deve ter para com a todos os atores que cooperaram para a realização do estudo. Esses, a rigor, deveriam ser os primeiros a receber o retorno da investigação realizada. Isso pode ser feito por meio de um texto ou, de preferência, mediante uma palestra ou seminário.

#### **1.4 Atos de currículo, narrativas e noções subsunçoras**



Pensar o currículo, a partir das práticas pedagógicas cotidianas, pressupõe entender esses espaços como decorrentes das interações que os praticantes culturais estabelecem, ao longo de seu processo formativo, relacionadas a *'fazeressaberespoderes'* que nem sempre, ou raramente, consistem num todo coerente e organizado como os propostos nos currículos oficiais, vistos pelas organizações educacionais, em geral, como um conjunto de conhecimentos e atividades eleitas como formativas.

Esse entendimento opõe-se diametralmente ao pensamento de Macedo (2012) que, em face de sua concepção e implementação nada ou pouco democrática, presente até os dias atuais, o percebe como mandatório. Para o autor, a noção de currículo se revela como uma pauta na qual interesses se encontram ou não, e um território polêmico e de disputas, de onde emergem alter (ações), e intimidades e negociações, que se encontram em outras redes de *'sentidosignificações'*.

Nessa perspectiva, assevera Oliveira (2003), a tessitura do conhecimento acontece a partir de redes de crenças e convicções, de possibilidades e limites, de regulação e emancipação. Daí a necessidade de a escola valorizar as diferentes culturas e os diferentes conhecimentos existentes no espaço escolar e não apenas os que são propostos pelos documentos curriculares.

A rede, não como uma imagem acabada, mas como conhecimento que vai sendo tecido a partir de certos fios que vão sendo trançados, de outros fios que vão sendo deixados provisoriamente de lado, de outros tantos que vão sendo destrançados, qual míticas penélopes que trançam a trama de dia para desmanchá-la á noite, mas não necessariamente nessa ordem (Azevedo, 2008, p. 74).

Desse modo, nos currículos que praticamos em nossas atividades cotidianas compreendemos o valor social das narrativas textuais, imagéticas e sonoras, entendendo que *'conhecimentossignificações'* surgem em diferentes *'espaçostempos'*, a partir de múltiplas e complexas relações humanas, como nos ensinam Andrade, Caldas e Alves (2019, p. 22). Nessa ótica, as autoras reconhecem que

[...] o mais importante nas pesquisas com os cotidianos é identificar e incorporar os *'praticantespensantes'* com as memórias de suas tão diferentes criações culturais e curriculares, tratando dos *'conhecimentossignificações'* que produzem em suas tantas narrativas, como respostas às suas necessidades cotidianas, com seus modos de compreender o mundo e nele agir, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam.

Para Oliveira (2005), isso contraria a lógica de ordenação e linearidade da construção do conhecimento - característica dos currículos oficiais, que valoriza um único saber, na medida em que propostas formais e organizadas se misturam às possibilidades de implantá-las, de

acordo com a dinâmica de cada turma, os saberes prévios dos alunos e as circunstâncias de cada dia de trabalho.

No movimento ‘*prácticateoriaprática*’ e, à luz da concepção de aprendizagem significativa como um processo dinâmico no qual uma nova informação se ancora em conceitos preexistentes na estrutura cognitiva do sujeito, atualizando-se quando um novo conceito é significado (Ausubel, 1968 *apud* Moreira; Masini, 1982), atos de currículo, apoiados em dispositivos diversos, vão sendo criados com vistas ao surgimento de narrativas dos praticantes, em diferentes formatos.

Essas narrativas constituem histórias de vida que, no entrelace do passado, presente e futuro trazem memórias conscientes ou não, plenas de significados e afetos permitindo-nos ressignificar a própria experiência, não podendo ser vistas somente como "fontes" ou "recursos metodológicos", compartilhados eventualmente. Não são “restos descartáveis” das redes educativas. Consistem em “personagens conceituais”, necessários aos processos que realizamos; modos de tecer ‘*conhecimentossignificações*’ cotidianas, que nos ajudam compreender nosso objeto de pesquisa, reforçam Andrade, Caldas e Alves (2019).

Na medida em que a linguagem, como um conjunto de signos articulados, ou escritos, que possibilita a comunicação entre as pessoas, constitui uma representação da realidade, o processo narrativo tem a ver tanto com a linguagem oral que conta, como com a linguagem escrita que reconta.

É preciso, pois, que eu incorpore a ideia que ao narrar uma história, eu a faço e sou um *narrador* [...] [*praticantepensante*] ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até mim, neles inserindo, sempre, [...] [os fios dos meus modos de contar]. Exerço, assim, a *arte de contar histórias*, tão importante para quem vive [...] [os cotidianos dos tantos atos de ‘*aprenderensinar*’]. Busco acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato da pertinência do que é científico (Alves, 2008, p. 33).

Com efeito, a articulação das narrativas produzidas ao quadro teórico-metodológico desenvolvido na pesquisa possibilita que professores-pesquisadores construam sua própria escrita autoral, com base na análise minuciosa dos dados que emergem ao longo do processo investigativo, na busca por compreender o sentido das ações, gestos, palavras e discursos dos praticantes e questionar a relevância desses dados e das informações produzidas pelas questões que orientam a pesquisa, a fim de verificar sua pertinência, consistência e relevância para análise e interpretação final do *corpus* empírico. A partir desse ponto faz-se necessário codificá-las sob o ponto de vista cognitivo, afetivo-relacional e conotativo, criando, dessa forma, ‘unidades de significados’, reagrupando-as em categorias analíticas – as noções subsunçoras, a

fim de sistematizar o conjunto das informações e interpretações elaboradas; isso é, o *corpus* analítico escrito por meio de relações.

Essas operações cognitivas, obtidas a partir da análise, descrição, interpretação e compreensão do outro e de seu modo de ‘*conhecerfazersentir*’, afirma Amaral (2014, p. 112), podem ser sintetizadas nas seguintes etapas:

- Seleção dos fenômenos significativos e não significativos
- Exame minucioso desses elementos
- Codificação dos elementos avaliados
- Criação de categorias analíticas – noções subsunçoras
- Sistematização textual do conjunto
- (Re) interpretação do fenômeno estudado
- Produto final aberto

Como alertam Macedo, Galeffi e Pimentel (2009), nessa construção, o professor-pesquisador deve exercitar um olhar mais amplo para essas análises, evitando sua fragmentação; o que requer mobilizar suas competências teórico-analíticas e hermenêuticas.

### **1.5 Dispositivos de pesquisa potencializando atos de currículo**

Considerando os processos de formação de nossas subjetividades, em diferentes ‘*espaçostempos*’, procuramos nos apropriar, juntamente, com nossos praticantes, de *dispositivos* diversos, definidos por Ardoino (2003, p. 80), como “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, que se afastam da ideia de ‘pesquisa aplicada’ como estratégia de conhecimento”, tendo em vista ir ao encontro de nosso objeto de pesquisa. Esse conceito também é entendido por Santos (2020) como o pensamento pedagógico que se atualiza em rede. Nesse sentido, a autora o define como inteligências pedagógicas materializadas em atos de currículo mediados por tecnologias em rede, nas relações interativas *online*, na interface cidade-ciberespaço.

Nessa perspectiva, sua utilização não tem a intencionalidade de produzir dados, mas compreender como os conhecimentos de nossos praticantes são tecidos e compartilhados em rede. Entre os dispositivos utilizados, destacam-se: o Diário de Campo, o *YouTube*, o *WhatsApp* e a Roda de conversa, como podemos visualizar na Figura 12, a seguir:

Figura 12 - Dispositivos da pesquisa



Fonte: a autora, 2023.

- *O Google Forms*, consiste num aplicativo de gerenciamento de pesquisas, lançado em 2018, pelo *Google*. Trata-se de um software de colaboração e compartilhamento, que possibilita, aos usuários, realizarem pesquisas e coletar informações sobre outras pessoas. Também podem ser usados para questionários e formulários de registro. As informações e os resultados obtidos são transmitidos automaticamente.

- *O Diário de Campo (DC)*, diário *online*, diário de bordo e jornal de pesquisa são algumas nomenclaturas utilizadas para indicar a “descrição minuciosa e intimista, portanto densa, de existencialidade, que alguns pesquisadores despojados das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo (Macedo, 2000, p. 195). Os diários, asseveram Medrado, Spink e Mélo (2014), constituem práticas discursivas, cujos contextos de produção definem o gênero de linguagem a que pertencem e lhes dão conotações específicas, podendo ser de grande relevância para quem os escreve, na medida em que produzem efeitos e mobilizam afetos.

Geralmente, de uso pessoal, constitui um rico dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação (Santos; Weber, 2013), permitindo ao pesquisador, analisar seu processo de ‘*aprenderensinar*’, e registrar suas ações e reações, sentimentos, inquietações, impressões, preocupações, atos falhos, entre outros, como o criado pela professora-pesquisadora, mostrado na Figura 13.

Figura 13 - Diário de Campo (DC)



Fonte: a autora, 2023.

Como alerta Ferrazo (2008), considerando que a pesquisa nos cotidianos, ao expressar o entrelace das relações presentes em diferentes redes vividas pelos praticantes, exige o compromisso do pesquisador de nelas se inscrever, para conhecê-las melhor e poder transformá-las, “ao narrar, despojada e minuciosamente, seu vivido de pesquisador, o sujeito se constitui também”, na medida em que o diário lhe possibilita refletir sobre seu agir pedagógico, identificando as dificuldades enfrentadas, bem como os encaminhamentos e estratégias para superá-las (Macedo, 2006, p. 134).

**Professora-pesquisadora:** *“Interessante a fala de um praticante ao pensar sobre a o retorno aos prédios da UERJ, em que diz: “A gente não sabe mais conversar”. Fico aqui matutando sobre a ideia que eles fazem de “conversa”. Obviamente que eles sabem o que é uma conversa, mas como estavam utilizando o digital em rede para fazê-lo, nos últimos dois anos, ficou a sensação de que a conversa só podia acontecer no presencial” (DC, 09/03/22).*

Esse dispositivo também permite que o pesquisador questione como se percebe como ator e autor na ciberpesquisa-formação, e quais realizações e avanços vêm sendo alcançados, no desenvolvimento de sua pesquisa. Ainda que seja um dispositivo intimista, é sempre desejável o compartilhamento de sentidos com os demais praticantes, com vistas a reflexão das práticas desenvolvidas no processo de investigação.

- O *WhatsApp* consiste num aplicativo gratuito de mensagens instantâneas, chamadas por voz e vídeo para *smartphones*; um dispositivo de interação social no digital em rede, utilizado em diferentes âmbitos da sociedade e por diversos públicos. Entre as suas potencialidades, afirma Barbosa (2018), podem ser citadas: a possibilidade de digitalização, a hipertextualidade, a plasticidade, a indexação e a interatividade. Por seu intermédio, novas formas de interação, de autoria e de produção vão se instaurando, transformando processos comunicacionais, modos de ‘*aprenderensinar*’, além de práticas de leitura e de expressão escrita, como em uma das conversas que uma praticante relatou que utilizou o *YouTube* para pesquisar profissionais que trabalhassem com o *Yoga*.

Conforme mencionado, assistimos, surpresos, a emergência da pandemia do novo coronavírus. Compreendê-lo, exigiu-nos “participar dele acontecendo” (Galeffi, 2016, p. 13). Desse modo, com a instituição do Ensino Remoto Emergencial (ERE), apropriamo-nos deste dispositivo, cada vez mais utilizado no processo de ‘*aprendizagemensino*’, para dialogar, interagir e compartilhar informações com os praticantes, tendo em vista a emergência de narrativas, em múltiplas linguagens – textual, sonora e imagética, como o fez a praticante M., ao refletir sobre a utilização da plataforma *YouTube*.



**Praticante M** - “O *YouTube* é uma ferramenta muito interessante, onde conseguimos encontrar de tudo. Ajuda muito os alunos que querem relembrar ou até aprender um conteúdo novo. O principal, é que é gratuito. Sendo assim, de fácil acesso a todos que possuem Internet”.

- As **Rodas de Conversa** sempre exerceram um papel relevante nas transformações da sociedade. Como um dispositivo de pesquisa, utilizado num momento de partilha, de escuta, de conversa e de formação, as rodas vão para além de sua dimensão técnica. Constituem um caminho para o aprendizado da convivência, possibilitando encontros dialógicos, que acolhem todos os pontos de vista de seus participantes, mesmo que antagônicos. Favorecem, desse modo, a produção e ressignificação de ‘*sentidosconhecimentos*’, uma vez que se pautam na horizontalização das relações de poder, permitindo a seus participantes se assumirem como atores históricos e sociais, críticos e reflexivos em relação à realidade (SAMPAIO *et al.*, 2014).

A associação pesquisa-roda-conversa nos permite pensar, não de forma linear, mas, numa perspectiva mais ampla, aberta “à diferença, aos questionamentos e a narrativas, em suas diversas perspectivas, no encontro das singularidades; um processo profundamente marcado

pela escuta, pelas falas e pela utilização de outras linguagens”, como afirma Nascimento (2021). Essa ambiência formacional, definida por Santos, R. (2015), como:

situações de aprendizagem cocriadas nos ‘*espaçostempos*’ híbridos em que se articulam os ambientes físicos e digitais (sala de aula presencial, ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais). Uma ambiência formativa é o complexo enredamento onde se dinamizam diversas possibilidades de produção intelectual, de invenção, de constituição de rastros onde um coletivo assume, explícita e reinventa seu processo de formação (Santos, 2015, p. 43).

Como um dispositivo da pesquisa, utilizado num momento de partilha, de escuta, de conversa e de formação, as rodas de conversa privilegiam o que faz sentido para as pessoas, os significados atribuídos por elas, os seus aprendizados. Nesse sentido, buscam compreender o outro, refletir sobre as experiências compartilhadas, como enfatiza Warschauer (2017, p. 107):

A Roda tem o diálogo como eixo. O que em si propõe aprendizados a serem realizados ou aprimorados, através do treino de algumas habilidades: saber falar, inserindo-se na malha de conversa; saber escutar o que o outro está falando, e não o que achamos que ele está dizendo; colocar-se no ponto de vista do outro, para analisar as situações de perspectivas diferentes e, também paciência e tolerância.

Não importa se realizada presencialmente, ou de forma online, a roda de conversa pressupõe um clima de informalidade, propício a elaborações diversas, enfatiza Nascimento (2021), no qual a interatividade e a partilha ganham papel central, quer seja para complementar, ou para divergir, negociar sentidos, refletir e ressignificar o contexto das práticas.

- O **YouTube**, plataforma que possibilita a construção de narrativas por meio dos vídeos, muito mais que uma mídia social, consiste num dos ‘*espaçostempos*’ mais democráticos da *Internet*, seja em relação aos conteúdos disponibilizados, seja em relação aos seus criadores, o que pode ser observado quando falamos, por exemplo, dos canais de *youtubers* negras que tratam de moda, beleza e questões sociais. Apresentados de modo mais pessoal, esses vídeos são amplamente consumidos pelos brasileiros.

Ainda que muitas dessas *youtubers* não possuam milhões de seguidores, seus nomes são citados como referências, na medida em que enfatizam a importância da autoestima, não apenas do ponto de vista estético, mas, e sobretudo, na capacidade de as pessoas se amarem, pois o amor faz, transforma, empodera e promove a evolução. Desse modo, ampliam, significativamente, a heterogeneidade discursiva e racial da mídia nacional, especialmente quando são convidadas para participações em outros ‘*espaçostempos*’ de poder midiático, como palestras, programas de televisão, revistas, jornais, rádios e, na publicidade em geral, sob o patrocínio de grandes marcas. Um exemplo disso é mostrado na Figura 14, a seguir.

Figura 14 - Tour pelo meu rosto (2008)



Fonte: YouTube, 2008<sup>23</sup>

Considerada uma das principais influenciadoras negras do Brasil, Gabi Oliveira ou como é mais conhecida, Gabi de Pretas, uma das *youtubers* selecionadas para esta pesquisa, é ativista social. Seu canal conta hoje com mais de 628 mil inscritos, e seus vídeos abordam temas relacionados às questões raciais, beleza, *fake news*, estética, educação financeira, indicações de filmes e séries, e desigualdade social, entre outros, ao qual abordaremos em outros capítulos.

Diante do exposto e, numa perspectiva exploratória, antes mesmo de entrarmos no campo de pesquisa, utilizamos o *Google Forms*, pois queríamos saber se eles já tinham alguma familiaridade como a plataforma *YouTube*, como mostra o Texto 1 (Figura 15).

---

23 Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>. Acesso em: 22 mar. 2022



Figura 15 - Texto 1: questionário exploratório (2022)

Você assiste ou já assistiu o youtube? Quais canais? Em que momentos?

Sim, já assisti de tudo. Blogueiras, vídeos de utilidades, vídeos de receitas. Atualmente consumo mais o canal da Jaqueline Guerreiro, uma jornalista que traz para o canal casos criminais reais que aconteceram. Na minha época de escola, assistia vídeo aulas que me auxiliavam a absorver o conteúdo.

Assisto o tempo todo.

Sim. Felipe Neto (infância), 5inco minutos (infância), Cauê Moura (infância), gabbie fadel (infancia), lubatv (pre adolescência), canal das bee (pré adolescência), diário de planducci (préadolescencia), euficoloko (pré adolescência), Nunca te pedi Nada (pré adolescencia), jout jout prazer (adolescencia), Garagem de Unicornio (adolescencia), Nataly Neri (adolescência), Pipocando (adolescência), Nostalgia (adolescência), Vai uma mãozinha ai (adolescência), Louie Ponto (adolescência), Ana Paula Xangoni (adolescência), Gabi Oliveira (adolescencia), Luci Gonçalves (adolescencia)

Antigamente eu assistia bastante, bem mais que hoje. Via muitos vídeos de jogos, curiosidades, mas uma pessoa que eu gostava bastante era a Joutjout (acho que é assim que escreve)

Sim, de pretas, herdeira da beleza, poddelas, ei nerd, imaginago. Durante as refeições.

Assisto, canais relacionados a músicas, comida, jogos e maquiagem em sua maioria

Fonte: *Google Forms*

Dos 33 integrantes da turma PPP II, 23 responderam a esse questionário exploratório. A partir das respostas obtidas podemos concluir que muitos não tinham familiaridade com o tema; quadro que foi evoluindo, ao longo da investigação, em decorrência dos atos de currículo engendrados, que permitiram que os praticantes refletissem sobre diferentes temáticas relacionadas ao racismo negro, e conseqüentemente desenvolvessem o pensamento crítico, diante dessas questões.

## 2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA

A voz de minha bisavó  
 ecoou criança  
 nos porões do navio.  
 Ecoou lamentos  
 de uma infância perdida.  
 A voz de minha avó  
 ecoou obediência  
 aos brancos-donos de tudo.  
 A voz de minha mãe  
 ecoou baixinho revolta  
 no fundo das cozinhas alheias  
 debaixo das trouxas  
 roupagens sujas dos brancos  
 pelo caminho empoeirado  
 rumo à favela  
 A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha  
 recolhe todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.  
 A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 O eco da vida-liberdade.  
*Conceição Evaristo*

*Com base em nossa segunda questão de estudo, “Como ocorre a construção social da mulher negra, no contexto brasileiro, considerando sua condição histórico-política, atravessada pelo racismo estrutural?”, discutimos, neste capítulo, como as teorias raciais moldaram a sociedade atual, dando destaque à interseccionalidade de gênero, raça, sexualidade, entre outros, que, influenciam o modo como a mulher negra experencia a vida em*

*sociedade. Refletimos então sobre a importância da cibercultura que, ao modificar os modos como os indivíduos pensam e agem no mundo, cria novas formas de sociabilidades.*

## **2.1 Racismo estrutural e interseccionalidade de identidade, gênero e raça**

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (Brasil, 2008), que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A par da importância dessa Lei, é preciso reconhecer que o racismo estrutural existe, inclusive, no ambiente escolar. Nessa perspectiva, qualquer reflexão sobre racismo estrutural passa pela compreensão de como se constroem, numa sociedade, as instituições e as pessoas. Exige, ainda, pensar nas influências da ciência na construção de lugar de prioridade da população negra, bem como na condição de vida que é atribuída ao corpo negro, entre outras questões que, praticamente superadas desde o século 18, ainda povoam o imaginário social. Mas, como as práticas dessas crenças se desdobram, na contemporaneidade?

Ao longo da história, o negro tem ocupado um lugar, à margem, na construção da sociedade brasileira, decorrente de diversas construções sociais, provenientes, em particular, do regime escravocrata; o que resulta em sua desumanização, mediante a intensificação do preconceito de cor.

A par das semelhanças, diferenças e intersecções, as mulheres brasileiras nunca receberam um tratamento semelhante ao conferido aos homens, que sempre ocuparam o topo da pirâmide social. Desse modo, como herança da colonização portuguesa, o racismo e o machismo estrutural e institucional perpetuam privilégios do grupo hegemônico, notadamente branco, cristão, heteronormativo e patriarcal, traduzidos, por meio de costumes ou padrões culturais, como se observa, pela insuficiência de políticas públicas de promoção de equidade, precarizadas e quase extintas, na atualidade, que amplia as desigualdades sociais e aprofunda o racismo estrutural.

O racismo consiste na manifestação de todo ou qualquer pensamento, ou atitude que segrega raças humanas, categorizando-as, de forma hierárquica, como superiores e inferiores; um preconceito em relação a uma ascendência étnica, combinado com ação discriminatória. Tema recorrente em pesquisas em educação e nas redes sociais, a temática do racismo estrutural diz respeito à maneira como a educação, a política, a polícia, a economia, a segurança pública,

o Estado e, até as famílias, estão imbricadas em uma história de violência racial. O modo como se exprime e desenvolve depende de seu contexto histórico, dado que não existe um racismo único, como se fosse uma causa natural, assevera Bethencourt (2018). Desse modo, vincula-se diretamente a alguns períodos da história, desencadeado por projetos políticos que buscam monopolizar recursos econômicos, sociais e políticos.

No poema, em epígrafe, a temática da memória, presente na escrita negra de Conceição Evaristo, traz como proposta uma revisão da história, contribuindo para afirmação da identidade afro-brasileira, dado que, como enfatiza Almeida (2019, p. 43), a abolição da escravatura não resultou igualdade e liberdade para negros escravizados.

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (Almeida, 2019, p. 43)

No Brasil, em particular, sua característica marcante diz respeito ao seu caráter não oficial. Compreendê-lo, ajuda-nos a enxergar como a violência racial, expressa por meio de opiniões, ideologias, ações individualizadas ou coletivas, ou mesmo, institucionais, está enraizada na formação e no funcionamento das sociedades contemporâneas. Isso demanda, segundo o autor, uma análise histórica mais profunda do racismo, pois como um fenômeno relacional, que sofre alterações, ao longo do tempo, não pode ser apenas compreendido em sua totalidade por meio de um estudo único e segmentado de breves períodos.

Bethencourt (2018) afirma que nas sociedades-colônias<sup>24</sup>, o racismo toma duas vertentes que, apesar de diferentes, são complementares: a *discriminação*, que na lógica colonial diz respeito a uma distinção prejudicial que reduz a possibilidade, ou que impede, a determinadas categorias da população, o acesso a certas posições, profissões ou ocupações; e a *segregação* que, por sua vez, estabelece a separação física ou o isolamento de grupos étnicos ou raciais específicos da maioria da população, ou de estruturas sociais essenciais.

O autor afirma que, nas Américas, em geral, o projeto britânico e espanhol apontava na direção de uma segregação espacial<sup>25</sup> entre nativos, negros e europeus, com a criação de barreiras físicas que apartavam a convivência entre esses grupos. Já o projeto português de colonização não tinha uma política explícita de separação física. Dessa forma, o Brasil desenvolve uma relação entre os povos que não se estrutura sobre a significado da separação

---

24 Consistem em sociedades totalmente escravistas.

25 A divisão socioespacial é um importante conceito da geografia, hoje, refletido nas periferias, pelas favelas, com a divisão social do espaço.

espacial e, sim, sobre a discriminação sistemática e cotidiana que, apesar de permitir a convivência entre negros, nativos e europeus impõe, de maneira sórdida, a separação social, estruturada em violências simbólicas e físicas.

Paralelamente à abolição da escravatura, no século XX, o governo começou a incentivar a vinda de europeus para o Brasil, com vistas à miscigenação e ao ‘clareamento’ da população. Nesse contexto, estrangeiros eram contratados para o trabalho livre e assalariado, restando à população negra, a marginalização, tanto no que se refere ao mercado de trabalho como, também, em relação à perspectiva territorial e urbanística. Com o crescimento das cidades e do latifúndio - concentração das propriedades nas mãos de poucos proprietários rurais, essa população foi se instalando nas margens dos tecidos urbanos, transformando as paisagens das cidades e dando origem às favelas. Freyre (2015), aborda essas dinâmicas de urbanização ao tratar das mudanças da casa-grande para os cortiços e das senzalas para os quartos de empregada, baseando sua teoria na construção de um país que apesar das crueldades da colonização consegue montar uma sociedade pluralizada onde convivem “as três raças” de forma não conflituosa e integradas (Democracia Racial), rompendo com o racismo científico e o determinismo geográfico das ciências sociais dos anos de 1930.

Quando a paisagem social começou a se alterar entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quase a quartos de criado, as moças namorando das janelas para a rua, as aldeias de mucambos, os ‘quadros’, os cortiços crescendo ao lado dos sobrados, mas quase sem se comunicarem com eles, [...] aquela acomodação quebrou-se e novas relações de subordinação, novas distâncias sociais, começaram a desenvolver-se entre o rico e o pobre, entre o branco e a gente de cor, entre a casa grande e a casa pequena. [...]. Maiores antagonismos entre dominadores e dominados (Freyre, 1936, p. 14-15).

Essa ideia, considerada constitutiva da identidade nacional brasileira e que, durante anos, pautou e permeou, em grande parte, os debates de negritude e racismo no Brasil, foi criticada por Fernandes (1960, p. XIV), que afirma que a obra freyriana ilustra a fantasia de um passado nacional glorioso de coexistência harmônica entre contrários, que jamais existiu no Brasil ou em qualquer outra colônia.

Não existe democracia racial efetiva, onde o intercâmbio entre indivíduos pertencentes a ‘raças’ distintas começa e termina no plano da tolerância convencionalizada. Esta pode satisfazer às exigências do bom-tom, de um discutível ‘espírito cristão’ e da necessidade prática de ‘manter cada um no seu lugar’. Contudo, ela não aproxima realmente os homens senão na base da mera coexistência no mesmo espaço social e, onde isso chega a acontecer, da convivência restritiva, regulada por um código que consagra a desigualdade, disfarçando-a e justificando-a acima dos princípios de integração da ordem social democrática. (Fernandes, 1960, p.14)

Um projeto financiado pela UNESCO sobre as Relações Raciais no Brasil, em 1951, revelou um país profundamente racista e preconceituoso<sup>26</sup>. Abria-se então um debate que abandonava as bases culturalistas exaltadas por Freyre (2015) e evidenciava um processo de formação de uma sociedade de classes, que mantinha mecanismos discriminatórios criados ainda durante a colonização.

Fernandes (1972) aponta a existência de uma forma particular de racismo no Brasil, ou seja, a tendência do brasileiro de continuar discriminando, apesar de considerar tal atitude afrontosa (para quem sofre) e degradante (para quem a pratica). Tratava-se, então, de um racismo “envergonhado”, criado à sombra de uma moral cristã, que exigia de seus fiéis o compromisso público de entender que “todos eram iguais diante dos olhos do criador”. Portanto, a discriminação racial não poderia ser praticada em público e nem de forma explícita, mas cotidianamente inundava as relações entre os indivíduos e fomentava estratificações sociais aparentemente intransponíveis. Nessa perspectiva, o racismo brasileiro perde o caráter social, já que era amplamente condenado por toda sociedade, sem, contudo, desaparecer; torna-se individualizado, e exclusivamente apropriado no interior do lar, quase como um estilo de vida que regia as atitudes cotidianas de toda uma população.

Segundo o autor a “miscigenação brasileira” trazia consigo um legado histórico de um sistema enraizado de hierarquização social que estruturou as relações sociais brasileiras, introduzindo nuances e matices de prestígio com base em critérios, como: a classe social, a educação formal, a localização regional, o gênero e a origem familiar que, por vezes, substituíam o tal “preconceito de cor”, tornando ainda mais escorregadios os argumentos e mecanismos de compreensão da discriminação (racismo estrutural). Assim, os processos brasileiros de exclusão social se desenvolveram a ponto de empregar termos como preto ou negro, que formalmente remetem à cor da pele, em lugar da noção de classe subalterna; um movimento que, com frequência, apaga o conflito e a diferença, afirma Schwartz (2012).

Almeida (2019, p. 15-16) parte do princípio de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade, de forma inescapável: algo que está normalizado em nossa sociedade, enfatizando que “[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”. Desse modo,

---

26 Autores como Costa Pinto para o Rio de Janeiro e de Roger Bastide e Florestan Fernandes para São Paulo, apontam as falácias do mito da *Democracia Racial*: em vez de democracia surgiam indícios de discriminação, em lugar da harmonia, o preconceito.

compreendemos que tudo o que vêm atrelado ao estereótipo da mulher negra, como a construção de sua identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa, é algo que está enraizado, em sua estrutura, inserido na sua base, em seu cotidiano nos pequenos detalhes da vida. Com efeito, as principais reivindicações do movimento negro feminino resumem-se na elaboração de políticas públicas afirmativas, como medida de reparação histórica - social, econômica e cultural, dado que vemos até hoje pessoas sendo expostas, diariamente, a situações de humilhação, 'aprendendo', desde cedo, mediante mecanismos de reprodução ideológica, que as características identitárias valorizadas, positivamente, são as do branco, cabendo-lhes não mais que a reprodução do ideal branco-europeu para poderem ser socialmente aceitas.

Del Priore (2014), em seus estudos sobre a história das mulheres no Brasil, trata dos corpos pretos de ontem e de hoje, discutindo a sexualidade e o gênero, de uma forma viva. Pensar o corpo feminino negro pressupõe compreender, minimamente, que, até 'ontem', o negro estava alijado do corpo social. Preso às malhas da cultura, trava, ainda hoje, uma luta diária para se configurar como indivíduo, que faz parte de um coletivo. Em princípio, seu corpo o exclui dos atributos morais e intelectuais associados ao corpo branco, vivendo a experiência cotidiana de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade.

Com efeito, esse corpo se insere, historicamente, numa condição sub-humana. Coisificado, alimentava todo o tipo de abuso sexual de seus senhores. Vistas como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente, as mulheres negras funcionavam apenas como máquinas reprodutoras, cujos filhos quase sempre eram vendidos. Desinvestidas de sua feminilidade, exercitavam a maternidade, em geral, como amas de leite do filho do senhor. Quando, com a Lei do Ventre Livre, na fase pré-abolicionista, foi-lhes concedido o direito de ficarem com seus filhos, sem muita opção, tornaram-se 'chefes de família', exercendo a um só tempo, os papéis de mãe e pai, a exemplo do que, por outras razões, acontece nos dias atuais.

Ainda que sob outras condições de vida, e aparentemente mais assimilados pela cultura brasileira, sair desse 'lugar' na sociedade, não é tarefa simples, particularmente no que se refere à sexualidade. Os negros, em especial as mulheres negras, veem-se aprisionadas a categorias como: a sambista, a mulata, a doméstica, herdadas desse passado histórico.

Envolvida na escrita desse texto, uma manchete, na mídia, sobre o aborto e sua legalização, tratando do corpo da mulher e do feminismo desperta minha atenção. Imediatamente me vem à memória o relato de uma amiga de infância de que faria uma ligadura urgente, pois já não era mais necessário o consentimento do companheiro. E, pensar que, há quase 10 anos, outra conhecida me contou que não conseguiu fazer sua ligadura, pois, no

momento de seu parto, o médico precisaria da autorização do marido, que não a deu. Estamos falando de 2022, e esse tema continua sendo de extrema relevância ao movimento feminista. Como um fantasma antigo, esse tema, ligado aos direitos das mulheres, emerge com força nos debates políticos, especialmente à época das eleições, dado que o público feminino representa quase 52% dos eleitores do país.

No século XVIII, era muito comum a ingestão de ervas abortivas, vendidas de porta em porta pelas ruas da cidade. Outras manobras também eram utilizadas na tentativa de evitar a gravidez indesejada, mais temida do que a morte por infecção. Até o século XIX, assevera Del Priori (2014), a Igreja tinha certa tolerância em relação ao aborto, acreditando “que a alma só passava a existir no feto masculino, após quarenta dias da concepção, e no feminino, depois de oitenta; o que acontecesse antes da ‘entrada da alma’ não era considerado nem crime nem pecado” (p. 1). Era aceitável, nas relações consideradas extraconjugais, se os homens tivessem filhos com outras mulheres, principalmente as de cor, mediante o uso de receitas abortivas à base de ervas, que eram anunciadas nos jornais locais. Discussões acerca da intencionalidade ou não do aborto tomavam vulto. Curiosamente, em 1890, assevera Del Priore (2014), o Código Penal da República passa a punir a mulher que provocasse o aborto. Durante o Estado Novo valorizou-se a ideia de coesão social exercida pela mulher para fortalecer a pátria e a família, na qual era responsável por cuidar de sua prole e ser mantenedora da família, o que culminou na mudança do Código Penal, em 1940. Desde, então, a mulher que abortasse poderia sofrer reclusão. Assim, as decisões sobre o corpo da mulher, ao longo da história, não pertenceram a elas mesmas e sim ao Estado, ao marido ou aos saberes médicos majoritariamente dominados por homens brancos.

De acordo com o autor, “apesar da pobreza material que caracteriza a vida diária no Brasil-colônia, a preocupação feminina com aparência não era pequena, porém, controlada pela Igreja” (p. 186). Ornar-se ou se embelezar era visto como um instrumento de pecado, pois tal ato, ligado ao desejo e à sexualidade, despertava o interesse dos homens e os levava a pecar. Entretanto, essa regra nem sempre era obedecida; por isso, a necessidade de sempre incluir nos sermões discursos moralizantes voltados aos excessos femininos.

Observamos que, a partir do século XIX, as mulheres brancas e burguesas começam a sair de casa, colocando seus corpos em movimento, como por exemplo, em esportes específicos, voltados a crianças, ou como ocorreu com a natação, praticada nos clubes privados (o que já delimitava quem poderia exercer), pois era algo considerado higiênico. Assim, um corpo magro, claro, sedoso, cheiroso era considerado belo, um corpo delicado; e o que fosse contrário a isso,



não. Esse padrão de beleza que ainda hoje povoa o imaginário brasileiro, e que determina a aceitação ou não do corpo feminino, vem sendo, cada vez mais, quebrado pelas mulheres.

Todo o processo histórico das mulheres brasileiras no período colonial forjou a mulher moderna, inclusive alguns estereótipos de mulher perfeita, criados naquele período, que sobrevivem até hoje, como por exemplo, a matéria publicada pela Revista *Veja*<sup>27</sup>, em 2016, sob o título “Bela, recatada e do lar”, atribuído à Marcela Temer, 43 anos mais nova que seu marido Michel Temer, ex-Presidente da República, objeto de memes satíricos na *Internet*.

Sob este olhar, torna-se fundamental educar para a liberdade, como nos ensina Freire (1967), desconstruindo dicotomias totalizantes e excludentes, que forjam a ideia propagada ao longo do tempo sobre o que é ser mulher, o que é ser feminina, o que é ser mulher negra; colocando em ‘caixinhas fechadas’, o feio e o bonito, o recatado e o libertino, o pobre e o rico, o branco e o negro, entre outros, de modo a romper com os discursos que buscam consensos ou coerções ativas por meio da violência simbólica e física, a fim de que possamos ler o mundo e nele intervir, positiva e efetivamente, libertando-nos de tudo o que nos aprisiona.

## 2.2 Cibercultura, sociabilidade e subjetividade

Na atualidade, tecnologias digitais em rede, possibilitadas pela convergência de mídias estruturadas por múltiplas linguagens, alteram os modos como produzimos comunicamo-nos e nos relacionamos. Seja no âmbito econômico, político ou pessoal, a vida cotidiana é afetada pelo fenômeno da cibercultura, definida por Santos, E. (2019) como “a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface na cidade-ciberespaço” (p. 20), possibilitando novos arranjos ‘*espaçotemporais*’ e com eles, novas práticas educativas.

Para Certeau (2013), a cultura se transforma e se recria, alterando as relações entre os homens, estabelecidas nos diferentes ‘*espaçostempos*’ de compartilhamento, vivência e experiências, ou seja, de socializações. Nesse sentido, também de acordo com Laraia (2009, p. 45),

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Consultado atualmente ao voltarem com os memes na *Internet* e levantarem a questão aqui debatida nas redes sociais. Acesso em: 20 mai. 2022.

antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções.

Desse modo, a cibercultura desvela o movimento social, cultural e comunicacional que emerge do ciberespaço, no que se refere às tecnologias digitais em rede como dispositivos comunicacionais, interativos e incubadores de práticas cotidianas (Lévy, 1999). A partir de telas, interfaces e funcionalidades, revela traçados de sociabilidade, cultura e interação, o pensamento em rede, a ubiquidade das práticas socioculturais e uma possibilidade de navegabilidade (Lemos, 2004) que, sem excluir culturas anteriores - oral, escrita, impressa, de massas e midiática (Santaella, 2003), as reorienta e condensa em um novo fluxo de fenômenos que se imbricam na *Internet* sob diferentes matizes com ênfase em sujeitos, identidades, coletividades, práticas e devir.

Pensar a relação entre cibercultura, sociabilidade e subjetividade pressupõe compreender que “o sujeito, como ator social, produz e reproduz sua vida cotidiana, ou seja, microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras” (Maffesoli, 2009, p. 48), além de sua cultura, ‘*dentrofora*’ de sua área de domínio, influência e vivência. Pluraliza, desse modo, os espaços compartilhados, fundamentais para a configuração da cena contemporânea, a partir do cotidiano.

Morin (2015) nos convida a refletir sobre como sujeito possui um caráter existencial único, de acordo com sua subjetividade, um processo em construção que (des) organiza seu mundo interno e externo, facilita e dificulta o desenvolvimento e o crescimento pessoal, resgata o passado que interfere no aqui e agora, prospectando o futuro, desvelando e distinguindo o singular e o especial. A subjetividade, portanto, elucida os modos de ser, estar e agir no mundo. Envolve, portanto, a produção de sentidos, por meio da história de vida, das emoções que não são deixadas de lado; é portadora de novidades e está sempre em construção e em mudança. Para Certeau (2013) esse é o lugar no qual se organizam, às vezes de modo incoerente e contraditório, a pluralidade da vivência social, sinalizando que é a relação social que determina o indivíduo e não o inverso; por isso, só se pode apreendê-lo a partir de suas práticas sociais.

Santos(2014) afirma que esse sentimento de identidade coletiva é que une os indivíduos na relação com o outro, por meio de padrões de sociabilidade. Assim, podemos dizer que os sujeitos se constituem, mutuamente, seja por meio de grupos menores ou maiores. Ao se relacionarem, estão em movimento e marcam suas histórias. E, como Josso (2004, p. 40) cita: “Essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas

identidades e da minha subjetividade”, como pode ser observado no vídeo mencionado anteriormente, intitulado “Tour pelo meu rosto”<sup>28</sup>, no canal de Gabi de Pretas.

No vídeo, assistido em um dos encontros na PPP, a *youtuber* nos conta um pouco sobre sua experiência com o corpo. Sua narrativa, como uma “atividade psicossomática que pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio de recurso a *recordações-referências*” (*idem*, p. 39) nos ajuda a compreender seus processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. A construção da narrativa de formação como uma “atividade psicossomática que pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio de recurso a *recordações-referências*”.

Convidada a fazer uma *Tag Tour* pelo corpo, a *youtuber* comenta que, durante muito tempo, não se sentiu à vontade de fazê-lo, dado que suas características negroides, fugiam aos padrões, se comparadas às de outras *youtubers*. Foi um longo processo de aceitação, enfatiza Gabi. E, diante da câmera dá início a sua narrativa, como relatado a seguir.

Por ter nariz largo e, ao sorrir, as narinas se abrirem, deixou de sorrir. Como forma de se adequar, na infância, usou pregador para afiná-lo, reconhecendo por muito tempo seu nariz como traço de dor, como um peso, uma humilhação, tendo, por muitas vezes se perguntado: “o que faz um estilo de nariz ser feio e outro ser bonito?”

Continuando o *tour* pelo corpo, diz amar seus olhos, o formato, a sua cor de pele, citando que: “*olhos escuros são tão pouco valorizados!... afinal quem nunca ouviu?*” Afirma que teve sorte de puxar os olhos verdes do avô. Mas, imediatamente, corrige: “*Sorte? Não seria só mais uma característica? (...). Me digam: o que faz olhos claros estarem no topo do que é considerado bonito? Vocês já se perguntaram isso?*”. Mostra, então, como os seus olhos sorriem, o que nos faz lembrar que, devido a pandemia da Covid-19, durante o distanciamento físico<sup>29</sup>, nossos narizes e bocas ficaram escondidos, por detrás de máscaras cirúrgicas, de diferente estampas e tecidos, que cumpriam a função de nos proteger do vírus. Nessas condições, nossos olhares sobressaíram, ficaram de fora. Quando cumprimentar tornou-se impossível, pois não chegávamos perto, uns dos outros, apenas os olhos falavam por si, e de modo prazeroso.

Sobre sua boca, como a de muitos brasileiros, diz ter a arcada dentária proeminente, os lábios avantajados e carnudos, mais escuro em uma parte e mais claro em outra, característica

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=CEOvcHPvvijs>. Acesso em: 31 mai. 2022.

<sup>29</sup> Aqui utilizo a expressão “distanciamento físico” e não “distanciamento social” por compreender que o distanciamento social não se deu, pois pudemos fazer uso das tecnologias para isso. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1183/medidas-de-distanciamento-social-para-o-enfrentamento-da-covid-19-no-brasil-caracterizacao-e-analise-epidemiologica-por-estado>. Acesso em: 23 dez. 2021.

fácil de se encontrar em pessoas retintas. A *youtuber* ainda tece comentários sobre seu queixo, sua pele, que identifica como meio manchada, e seus dentes.

Ressalta que, apesar de as fotos serem muito importantes em seus trabalhos, pois seu corpo é seu produto de divulgação, muitas vezes foi impedida de tirá-las de perfil, por exemplo, por seus dentes serem mais saltados, e não se enquadrarem no padrão estético do que as marcas consideram ser beleza. No entanto, como forma de resistência, não se dobra, nem se sujeita a essas imposições; rompe essa barreira e começa a postar fotos de lateral, com diversos batons, maquiagens, uma infinidade de pontos que, outrora, não era aceitável, nas redes.

Adilson Moreira<sup>30</sup>, professor doutor pela Universidade de Harvard em Direito Antidiscriminatório afirma que, por ser estrutural, o racismo manifesto em forma de ‘humor’ reforça os vieses inconscientes construídos pela sociedade, ao longo do tempo, e colabora para legitimar uma agressão travestida de brincadeira. Para o autor, o humor racista, direcionado às minorias raciais, nas redes sociais, é um tipo de discurso de ódio, um tipo de mensagem que revela desprezo, que comunica condescendência por minorias raciais. Expressões como ‘nega maluca’, ‘cabelo bombril’, ‘nariz de batata’, entre outros, microagressões inicialmente vistas como inofensivas, e que, por muito tempo, passaram quase que despercebidas, na realidade, são símbolos do racismo recreativo.

Sob esse olhar, Gabriel Pensador reflete sobre essas questões, em sua música<sup>31</sup>

[...] E de pai pra filho o racismo passa, em forma de piadas que teriam bem mais graça  
Se não fossem o retrato da nossa ignorância, transmitindo a discriminação desde a infância, e o que as crianças aprendem brincando,  
é nada mais nada menos do que a estupidez se propagando, qualquer tipo de racismo não se justifica, ninguém explica, precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural [...].

A descolonização dessas práticas racistas naturalizadas é muito bem trabalhada pelo professor Moreira, que afirma que o humor racista é um tipo de discurso de ódio, é um tipo de mensagem que comunica desprezo, que comunica condescendência por minorias raciais. Assim, o autor se propõe a discutir o humor como uma política de hostilidade direcionada às minorias raciais; e isso se dá nas redes sociais, nesses veículos de comunicação.

Gabi pontua que, ao olhar seu rosto, sua pele, sua cor, seus traços, gosta do que vê; que recebe mensagens de seguidores relatando que gostariam de ter uma pele escura como a dela,

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ninguem-nasce-odiando-para-ser-racista-e-preciso-ter-o-aprendizado-do-odio/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

<sup>31</sup> Letra completa da música, disponibilizada em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/72839/> Acesso em: 29 jun. 2022

por ser lisa, retinta, frisando que “*a pele escura, ainda é a mais temida*”, levando-nos a refletir sobre como o colorismo afetou, e ainda afeta a vida em sociedade.

Gabi enfatiza que, o fato de nos aceitarmos como somos não evita que o racismo estrutural nos afete, pois vivemos em um país altamente racista, que impõe o que é bonito ou feio, o que aceitável ou não, e tudo o que vem com esse estereótipo e rótulos. É preciso, portanto, entender que essas referências não são inatas; são aprendidas, cabendo-nos questioná-las para que o racismo estético não se perpetue. Isso nos reporta à Nelson Mandela, ao afirmar que “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”<sup>32</sup>.

Assim, no vídeo, Gabi Oliveira se interroga: “*Imagina se eu parasse de sorrir porque não coloquei aparelho, ainda? Ou, se parasse de gravar vídeo, porque achei minha cara torta?*”.

Ao mesmo tempo em que o vídeo é um disparador para que outras pessoas alcançadas possam se aceitar e naturalizar o corpo preto, faz-nos refletir sobre quantas pessoas deixaram de gravar vídeos ou fazer alguma coisa, por medo de exporem o seu corpo.

A *youtuber* ressalta como foi importante para ela perceber que essa exposição estética ajudou de alguma forma outras mulheres a se aceitarem como são. Eu mesma, coloquei tranças, pela primeira vez, assistindo esse canal, influenciada por essa *youtuber*. Não só reconheci o valor das tranças na história afro, como, ainda, esse vídeo, por sua relevância, despertou-me o interesse de abordar essa temática com outros.

Nos atos de currículo criados e apoiados no uso de vídeos, propusemos, aos praticantes, que relatassem com se reconhecem com relação a sua cor. Entre as respostas, alguns se dizem brancos, outros negros. Mas, algumas das praticantes disseram estar num processo de (des) construção desse reconhecimento, como podemos verificar em uma das atividades *online*, para além dos encontros que aconteceram presencialmente, com o uso do *Google Forms*.



**Praticante H:** “*Ainda estou em um processo de construção desse reconhecimento. Atualmente me reconheço como parda*”.

---



**Praticante M:** *“Pela sociedade sou considerada ‘morena’, mas na minha opinião isso não existe, pois não é uma cor. Na minha certidão sou reconhecida como branca; fico bem confusa em relação a isso”*

Assim, na perspectiva de uma aprendizagem significativa (Ausubel, 1968 *apud* Moreira; Masini, 1982), ao iniciarmos nossas atividades no campo, rompemos com a forma de produção de conhecimento, fundamentada na transmissão de conhecimentos e informações, e adotamos um rigor metodológico *outro*, que considera o contexto, os praticantes culturais e suas histórias de vida, para, como nos ensina Macedo (2010) melhor compreendermos, seus modos de *‘fazerpensar’*, expressos em suas narrativas. Uma fonte de aprendizagem, cuja riqueza e diversidade caminha na direção de uma *formação em ato*.

### **3 (DE) COLONIALIDADE E O PENSAMENTO DE FRONTEIRA NA DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES, CONCEITOS E PERSPECTIVAS IMPOSTOS À POPULAÇÃO NEGRA: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA E (RE) EXISTÊNCIA**

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro vida.

*Guerreiro Ramos*<sup>33</sup>

*Para responder, neste capítulo, à questão, “como descolonizar o currículo eurocêntrico presente em diferentes ‘espaçotempos’ educativos, tendo em vista o desenvolvimento de uma educação universitária democrática e antirracista?” e, levando em conta que a cibercultura constitui um campo de disputa na área da educação no qual atos de currículo ganham sua maior expressão, no processo de ‘aprenderensinar’, trazemos ao debate as tensões entre o currículo hegemônico e a necessidade de descolonizá-lo em direção a educação democrática e antirracista, a partir do diálogo entre diferentes culturas.*

Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente espaços nos quais as diferenças são reinventadas. São também lócus enunciativo gerador de conhecimentos, a partir das perspectivas, visões de mundo ou experiências dos sujeitos subalternos. Desse modo, a perspectiva decolonial propõe fronteiras, ou entrelugares, como espaços não binários, que rompem com a lógica de um único mundo possível, tão a gosto da modernidade capitalista, e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos. Estar neste lugar, assevera Grosfoguel (2009), é assumir o compromisso ético-político ao elaborar um conhecimento contra-hegemônico.

Como afirma Ballestrin (2013), essa renovação crítica e utópica das ciências sociais, na América Latina, ganha relevância a partir do final da década de 1990, com a formação do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C). Composto por diversos intelectuais latino-americanos, de diversas universidades das Américas, esse grupo questiona e critica as concepções dominantes de modernidade; a opressão vivenciada pelo povo latino-americano decorrente do colonialismo; o conceito de raça como um dispositivo de dominação europeia; a ruptura com o eurocentrismo, a superação da colonialidade - do poder, do ser e do saber; e

---

<sup>33</sup> Do livro ‘Sociologia do negro brasileiro’, publicado, originalmente, em 1950, pelo sociólogo Guerreiro Ramos (1915-1982), no qual o autor analisa a questão racial no Brasil, sob diferentes perspectivas.

a interculturalidade crítica e a transculturalidade - importantes instrumentos para a criação de um novo projeto de sociedade. O que esse movimento reivindica não é a ruptura, mas a busca pelo direito à diferença e à abertura para um pensamento *outro*, questionando outras bases científicas, em especial, a ideia de neutralidade.

Gomes (2020) defende a descolonização dos currículos, a partir de uma teoria educacional com base numa perspectiva negra. Desse modo, empresta seu olhar como partícipe do processo decolonial, sobretudo no espaço hegemônico da academia, ressaltando a importância de alguns personagens na história do povo negro, que nos deram a oportunidade de pensar criticamente, na atualidade, sobre a questão racial brasileira, além da questão africana, do colonialismo, do racismo, do machismo, da situação da mulher negra, das questões religiosas de matriz africana, dos aspectos culturais, educacionais e políticos dos direitos reprodutivos, da sexualidade, entre outras temáticas.

Desse modo, assevera que a inserção de intelectuais negros, na academia, não como objetos de estudo, mas como sujeitos que possuem e produzem conhecimento, faz parte da história das lutas sociais em prol da superação do racismo e do direito à educação. Nesse contexto, esses intelectuais ganham visibilidade. Suas reflexões decoloniais enfatizam o movimento negro<sup>34</sup> que, juntamente com o feminismo negro dão visibilidade às histórias de vida de lideranças femininas negras brasileiras, tais como: Dandara, Maria Firmina dos Reis, Lélia González, Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus, Mãe Stella de Oxossi, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, entre outras. Quem são, e de onde viveram? Quais são as suas lutas? Nos estudos universitários, referentes a gênero e currículo, elas aparecem como protagonistas que possibilitaram que o campo educacional compreendesse as inter-relações entre raça, gênero e poder?

Por décadas, a existência de Carolina Maria de Jesus foi ignorada. Uma mulher preta, favelada, catadora, que teve sua vida atravessada pela escassez, pela miséria, pela fome ... e era escritora. Carolina escrevia sobre sua vida, em meio às mazelas do seu dia a dia. Suas palavras são instrumentos de denúncia social, um grito real de uma parcela significativa da população que ainda vive entre os becos das favelas. Hoje é reconhecida como uma das primeiras autoras negras publicadas no Brasil - o que parecia, e ainda parece assustar, uma da sociedade, que não a valorizava/valoriza, ainda que sua obra, “Quarto de Despejo” (2014) tenha se tornado um *best seller* devido ao seu grande número de vendas.

---

<sup>34</sup> Entendido como uma forma de organização, um grupo articulador politicamente organizado contra por racismo diante de suas lutas históricas para valorização de sua cultura. Suas produções não nascem na academia, mas em suas vivências, nas experiências cotidianas em sociedade.



Com efeito, contribuições multiculturais e pragmáticas apresentadas pelas feministas decoloniais podem ser vistas como epistemologias de práticas científicas (Alves, 2008; Macedo, 2020); um diálogo possível entre a epistemologia da ciência moderna e outros sistemas de conhecimentos alternativos à ciência, que questiona a neutralidade da ciência, evidenciando a necessidade de alinhamento entre a atividade da pesquisa científica e as escolhas temáticas, os problemas, as metodologias, os quadros teóricos, as linguagens textuais, imagéticas e sonoras, bem como as argumentações; isso é, a pesquisa científica é contextualmente localizada e subjetivamente produzida.

A partir das contribuições desses intelectuais, fronteiras vêm sendo quebradas, desconstruindo padrões, anunciando, alertando, denunciando, fazendo-nos refletir sobre alguns pontos que nos tem atravessado, apontando-nos outras perspectivas e nos convidando, como forma de resistência, a olhar com mais cuidado para o que nos é imposto e, muitas das vezes, naturalizado. Exemplo disso é o vídeo inserido, a seguir, (Figura 16), que indaga sobre “o que as crianças de hoje e as crianças da época do seu avô aprenderam sobre a África nas escolas?”, concluindo que, “se você parar pra pensar, o ensino sobre a temática não mudou”.

Figura 16 - O que mudou? (2023)



Fonte: *Facebook*, 2023<sup>35</sup>

Hoje, encontramos muita literatura negra disponível nas diferentes redes física ou virtual. No entanto, o reconhecimento desses autores não necessariamente significa que estão sendo trabalhados no ambiente escolar, como relata uma praticante em um de nossos encontros.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=147155471649401>. Acesso em: 20 abr. 2023.

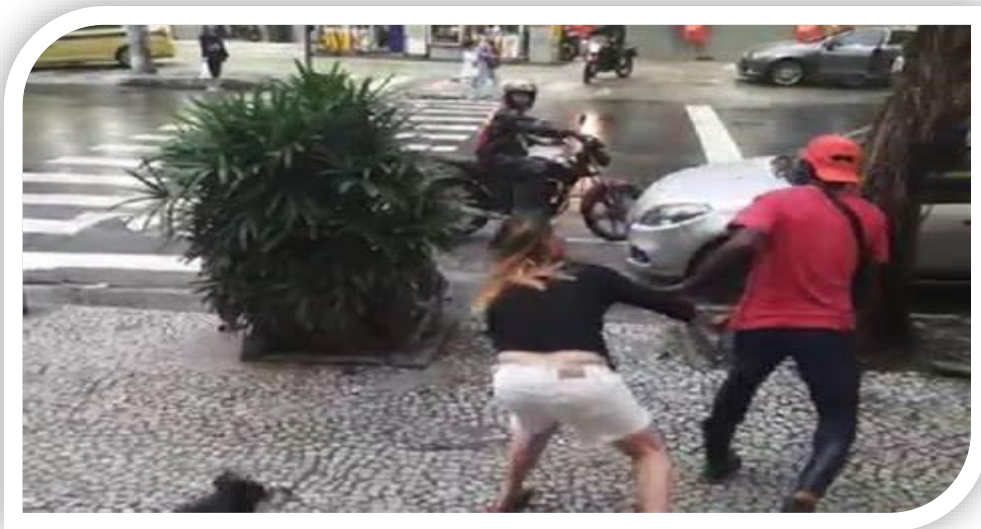


**Praticante M** - “Faço estágio de pedagogia em uma escola na zona sul do

Rio de Janeiro. Noto que a literatura negra está praticamente ausente das atividades, leituras e reflexões propostas às crianças durante as aulas”; o que nos faz pensar que mesmo com todo avanço, ainda há certa resistência em relação à divulgação da cultura negra.

O colonialismo, que permanece enraizado em nossa sociedade, é entendido como uma *estrutura de dominação ou padrão de poder sustentada por um conjunto de atitudes políticas, econômicas e militares, que visa a aquisição de territórios coloniais mediante conquista e estabelecimento de colonos*. Do mesmo modo, a colonialidade que é “constitutiva da modernidade, e não derivada” (Mignolo, 2005, p. 75), consiste na continuidade da propagação do pensamento colonial, expresso, essencialmente, em relações dominantes de *poder, saber e ser, e que* ainda se mantém, presente e vivo, nos textos didáticos, nos critérios de trabalho, na aceitação de outras culturas e nos comportamentos agressivos contra o negro, como no recente caso da ex-jogadora de vôlei que agrediu, verbal e fisicamente, um entregador. (Figura 17, adiante)

Figura 17 - Agressão em ato (2023)



Fonte: *YouTube*, 2023<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=1aHrSUhV&id=E5DD9EC03D396B3FEF02AA4D54A7B57D0424032A&thid=OIF.kNhkYeo8HFdmqHE2T0OWPQ&mediaurl=https%3A%2F%2Fstatic.sbt.com.br%2Fnoticias%2Fimages%2F244614.jpg&cdnurl=https%3A%2F%2Fth.bing.com%2Fth%2Fid%2FR.d5a1eb494855ef219e928e9540bc7c06%3Frik%3D%26pid%3DImgRaw%26r%3D0&exph=325&expw=474&q=eX-jogadora+de+volei+agride&simid=190684677711&form=IRPRST&ck=90D86461EA3C1C5766A871364F43963D&selectedindex=1&ajaxhist=0&ajaxserp=0&vt=0&sim=11>. Acesso em: 14 abr. 2023.

Apesar disso, cada vez mais, emergem denúncias do colonialismo ou de sua colonialidade, nas vozes, nas músicas, nos corpos, nas artes, nos filmes, em narrativas textuais, entre outros; um expressivo grito de “Não à escravidão!”. Um exemplo disso é a constatação da **praticante D**, durante um de nossos encontros:



**Praticante D:** *“Outro dia, vi uns seguranças seguindo, de forma ostensiva, um grupo de meninos negros em uma loja. Lembrei-me, imediatamente de nossas discussões sobre racismo, dado que o grupo não representava nenhuma ameaça à loja. Agora posso ter um olhar diferenciado para essas questões e entender a importância de assumirmos uma atitude antirracista.”*

Falas como essa nos faz entender a urgência de olharmos para o corpo negro e entender a estética negra como forma de resistência.

O vídeo a seguir, de 2009, trazido pela praticante G, levanta a grande dúvida dos tempos contemporâneos: “onde estaria o amor?” (Figura 18).

Figura 18 - Não à escravidão!!!!



Fonte: YouTube, 2009<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_37zV0SIG00](https://youtu.be/_37zV0SIG00). Acesso em: 28 abr. 2023.

Trata-se de uma canção-protesto, cuja letra aborda o combate ao racismo e as injustiças sociais, conforme mostra o excerto, no Texto 2 (Figura 19), a seguir.

Figura 19 - Texto 2: excerto da canção, 2009.

(...)

Mas se você tiver amor somente pela sua própria raça  
Então você apenas deixa espaço para a discriminação  
E quando você odeia  
então está impelido a ficar furioso, sim

Loucura é o que você demonstra  
E é exatamente assim que a raiva funciona e opera  
Cara, você tem que ter amor para se endireitar  
Tenha controle de sua mente e medite  
Deixe sua alma gravitar para o amor, todos vocês.  
(...)

Fonte: A autora, 2022.

Com efeito, todos esses movimentos antirracistas, no meio físico e digital, contribuem para o aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais e de suas relações, quebrando alguns padrões de opressão, discriminação e dominação social, como aponta a narrativa, a seguir:



**Praticante J** – *Sabemos que, desde os anos 80, sabemos que a guerra das drogas começou a eclodir no Brasil. O povo negro, sobretudo de baixa renda, tem sido totalmente marginalizado e ‘caçado’ pela polícia militar e pelos demais órgãos estatais. A gente teve, no ano passado, o massacre do Jacarezinho. Mais recentemente, os ataques ao Complexo do Alemão, onde moradores tiveram suas casas invadidas, por vários motivos. Todos os dias, a gente vê negros sendo agredidos pela polícia, sendo levados a delegacias e, muitas das vezes, sendo presos sem motivos. A gente tem o caso do Rafael na época das manifestações, (...) essa manifestação ela não acontece apenas pelo poder que esta regente no país, na cidade, ou no Estado. Ela é um problema de base, é um problema estrutural, onde o negro, mas não só o negro, o cidadão de classe baixa e negro, é marginalizado (...).*

*A gente pode ver isso não só aqui no Brasil, mas em diversos países. A gente ainda vê passeatas e pessoas se rendendo. O neonazismo ainda atua com um braço forte, mesmo não*

*sendo reconhecido e sendo considerado crime. O povo negro continua sendo esse grande alvo ambulante, não só na política, ou nas mãos dos governantes que têm o poder de repressão, mas também, na mídia, onde o sensacionalismo, continua pintando o negro como o monstro, como um ser inferior em vários campos, sejam eles sociais, cognitivos ou financeiros. Na minha opinião, essa música dá visibilidade a tudo que estamos discutindo. Assim podemos olhar essas plataformas como algo a ser usado a nosso favor, como expresso na canção:*

Eu tenho algumas histórias reais para contar [...]  
 Tire os frufus, tire a busca pela fama, tire o wi-fi.  
 Tire o dinheiro para o telefone, tire o empréstimo para o carro,  
 tire toda a tentativa de contar vantagem e as mentirinhas [...]  
 Tire todos os *streams* fabricados e todos os memes de micro-ondas.  
 Tem um mundo real lá fora [...]  
 Tire os ídolos, tire a passarela [...]  
 tire todas as decisões que eu não tenho  
 [...] tire os que se preocupam, pois estão quebrados [...]"

Madonado-Torres (2007, p. 131) enfatiza que “respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente”, razão pela qual é importante entendermos as potencialidades do currículo, tendo em vista a sua desconstrução. No lugar de conhecimentos sedimentados, fechados, cartesianos, considerados como universais e inabaláveis, que têm reforçado, afirmado e legitimado a história, a partir da ótica do colonizador branco, europeu, um currículo, aberto e flexível que, numa perspectiva multirreferencial, dialogue com outras pautas, e “rompa a hierarquia entre conhecimento científico e saberes comuns, considerando as diferenças, as desigualdades, a diversidade, incompletudes e ambivalências, além de possibilitar a interação entre certezas e incertezas, com vistas ao enfrentamento dessas últimas” (Amaral, 2014, p. 25-26).

O término das administrações coloniais (1530-1815) não significou, necessariamente, o término da colonização, nem da colonialidade do ser, do saber e do poder, ainda presente em nossa sociedade, como já mencionado, o que demanda refutar a visão universal de mulher negra, e outras identidades, pluralizando todas as vozes, mediante intensa participação e resistência à desumanização imposta a essas pessoas. Com efeito, o lugar dessas mulheres nos espaços de poder e de conhecimento sempre será marcado por uma ruptura com o patriarcado e o racismo. Nessa perspectiva, enfatiza Gomes (2020), quanto mais pessoas, com suas especificidades, ocuparem espaços de poder - no mundo do trabalho, nas diversas áreas do conhecimento e nos mais distintos campos profissionais -, mais plurais serão as narrativas e mais justas as decisões. Desse modo, a assunção da artista e ativista Margareth Menezes, uma mulher negra, como Ministra da Cultura do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva., além

de ser uma forma de exercer a democracia, representa uma ruptura com padrões já instituídos. Para ela, todos ganham com o desenvolvimento cultural, pois “educação sem cultura é ensino, segurança sem cultura é repressão, saúde sem cultura é remediação, desenvolvimento social sem cultura, é assistencialismo”<sup>38</sup>.

Entretanto, atingir esse patamar demanda ações afirmativas, como as que temos visto reverberar, com políticas sociais que vêm combatendo os diversos tipos de discriminação e exclusão, conferindo visibilidade às minorias.

### **3.1 O desafio da descolonização de currículos em favor de uma educação democrática, antirracista e intercultural**

Nas organizações educacionais, o currículo consiste numa construção socioeducacional que concebe, organiza, institucionaliza e implementa conhecimentos e atividades eleitos como formativos, por alguém ou por algum grupo social; o que implica relação de poder. Daí a importância de um olhar (inter) crítico para o currículo, que aqui entendemos como um direcionador das ações pedagógicas, na medida em que determina não apenas os conteúdos a serem estudados, mas todas as atividades, competências e aptidões necessárias ao aprendizado.

Assim, torna-se necessário deslocar essas propostas pseudodemocráticas para proposições que permitam a “construção de novos sujeitos históricos, como partícipes ativos e crítico-reflexivos da cena curricular-educacional (Macedo, 2012), descolonizando o currículo que é tão eurocêntrico e está presente em diferentes ‘*espaçotempos*’ educativos, com vistas a uma educação universitária democrática e antirracista.

A colonialidade como resultado da dominação imposta ao povo, atinge o que é mais subjetivo: suas crenças, seu eu, sua cultura. Tamanha é sua intensidade, que suas amarras persistem até os dias atuais. Como, então, descolonizar currículos em direção a uma educação democrática e antirracista, que possa quebrar essa corrente de pensamentos inferiores, desvalorizados e o sentido de não pertencimento presentes nos cotidianos escolares, desde a educação básica até a universidade?

O currículo, como uma prática social que agrega a diversidade humana, consiste num dispositivo educacional, cujo conceito é objeto de inúmeras discussões, pois adquire significados diversos em face das experiências prático-teóricas daqueles que o praticam nos diferentes ‘*espaçotempos*’ históricos, nas mais diversas redes educativas (Santos, E, 2012, p.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/02/margareth-menezes-assume-como-ministra-da-cultura.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2023.

9), não sendo “estranho encontrarmos sentidos tão diferentes, “seja na educação, propriamente dita, no social mais amplo, ou nos campos de lutas políticas e das práticas culturais”.

Geralmente entendido, no espaço escolar, como sinônimo de programa, sua concepção se fecha no institucional-legal (matriz curricular, fragmentação disciplinar, diretrizes curriculares, projeto pedagógico, entre outros), privilegiando a uniformidade e a homogeneização. Remete-nos, desse modo, como afirma Amaral (2014, p. 18) “à noção de trajetória, movimento programado, predeterminado, normativo, linear, sequencial, constituído por etapas e séries que apontam sempre um modo mais adequado e eficiente de se chegar ao objetivo pretendido, excluindo outras possibilidades de articulação com os elementos do vivido, presentes nos cotidianos escolares”.

Trata-se, portanto, de um campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder. Como enfatiza Macedo (2012, p. 5), “uma das mais autoritárias invenções da história pedagógica”, convidando-nos a exercitar a (inter) criticidade, a fim de nos deslocarmos dessas propostas supostamente democráticas, em prol de um currículo que privilegie diferentes dimensões e perspectivas do ato educacional, sem, contudo, ignorarmos “sua especificidade em termos de conceito, campo e história, acentua o autor” (p. 5).

Para Silva, (1995, p. 136),

O currículo não se restringe à transmissão de conteúdos, ideias e abstrações. Ele diz respeito a experiências e práticas concretas, construídas por sujeitos concretos, imersos nas relações de poder. O currículo pode ser considerado como uma atividade produtiva, é um processo de produção que pode ser visto em dois sentidos: Em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele faz de nós). [...] O currículo é também um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, participa do processo de constituição de sujeitos. [...] As narrativas contidas nos currículos explícita ou implicitamente corporificam noções particulares sobre conhecimento, formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais, sobre a sexualidade. Essas narrativas são potentes. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo, o que é errado, o que é moral, o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes estão autorizadas a falar e quais não o são. São silenciadas.

O currículo, portanto, configura-se como um território no qual emergem disputas culturais, e onde lutas conceituais são constantemente travadas, contribuindo, desse modo, para o processo de construção e produção de determinadas identidades, sejam raciais, sexuais e/ou nacionais, afetando, de modo significativo, a produção de diferenças, e evidenciando relações de poder hegemônicas de poder. Em consequência, o currículo instituído pela escola (oficial), acaba hierarquizando determinados saberes e, no mesmo sentido, definindo o que deve e o que não deve ser ensinado.

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 trouxe muitas conquistas para a área educacional como resultado das lutas da população negra no Brasil, nos últimos 20 anos. Um exemplo disso consiste na institucionalização da política de cotas nas universidades públicas, um importante avanço no combate ao racismo estrutural no País. Segundo dados do IBGE (2019), com a implementação dessa política, houve um aumento significativo no acesso das pessoas negras nessas instituições, dado que, em 2018, estudantes pretos e pardos compunham a maioria nas universidades públicas – cerca de 50,3%. Apesar disso, pontua Silva, L (2022), é preciso enfrentar a lógica eurocentrista e construir outras epistemologias na cultura universitária brasileira

Concordamos com Santos (2012, p. 9) quando afirma que o campo do currículo não pode ser tratado no singular, preferindo trabalhar com a noção de “currículos”, entendendo-os como “[...] práticas sociais que se estabelecem na complexidade das diversas e plurais redes educativas. Sendo assim, não se limitam às prescrições estabelecidas pelos programas e pelas políticas, mas estes dialogam, criam tensões entre os processos instituídos e instituintes.

Não há como negar o poder e os benefícios provenientes das tecnologias digitais, que além de conectar pessoas, tornou-se palco da luta contra diferentes questões sociais, como o machismo, a homofobia e o racismo. Um exemplo disso são os procedimentos que envolvem a utilização de algoritmos, automatização e inteligência artificial (IA).

Mas, o que podemos entender como algoritmo?

Um algoritmo consiste numa sequência lógica de instruções que descreve como realizar uma tarefa, ou resolver um problema específico, fornecendo o passo a passo de ações que, quando definidas e ordenadas, levam à resolução do problema em questão. Amplamente utilizados na ciência da computação, programação e em várias outras áreas, os algoritmos possibilitam a automatização de tarefas e a realização de cálculos complexos, com eficiência, sendo essenciais para o funcionamento de computadores e sistemas de *software*, desde os algoritmos básicos de ordenação e busca, até os algoritmos avançados de aprendizado de máquina e inteligência artificial.

Parisier (2012), estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas - abrigos de ideias, pensamentos, valores, informações e verdades similares, previamente acordados pela ideologia inteligente do algoritmo, ao invés de, como exige a democracia conhecermos pontos de vista outros, mediante relações interativas e compartilhamentos de informações, torna-se necessária a mobilização de letramentos que nos permitam transitar entre suas contradições, utilizando essa mesma inteligência artificial como recurso metodológico para se discutir a produção do conhecimento, assevera Almeida (2021).



Nossa nova existência nos ambientes em rede amplifica esse poder, também chamado de viés da confirmação, especialmente porque passamos a ser monitorados por algoritmos de inteligência artificial que, progressivamente, sabem mais de nós do que nós mesmos e só nos enviam aquilo que sabem e adivinham que queremos e gostamos. Basta um clique em uma informação e os algoritmos passarão a nos enviar, dia após dia, repetidamente, informações aparentadas àquilo que porventura nos interessou. E assim caminha a nossa participação nas redes. Pensar que possamos furar as bolhas ou nos livrarmos delas é ingênuo. Somos os signos que escolhemos e com os quais desejamos conviver (Santaella, 2020, p. 23)

Diante dessas possibilidades, uma questão se impõe: em que medida o algoritmo é **racista**, ou seja, até que ponto alguns *softwares* privilegiam pessoas brancas?

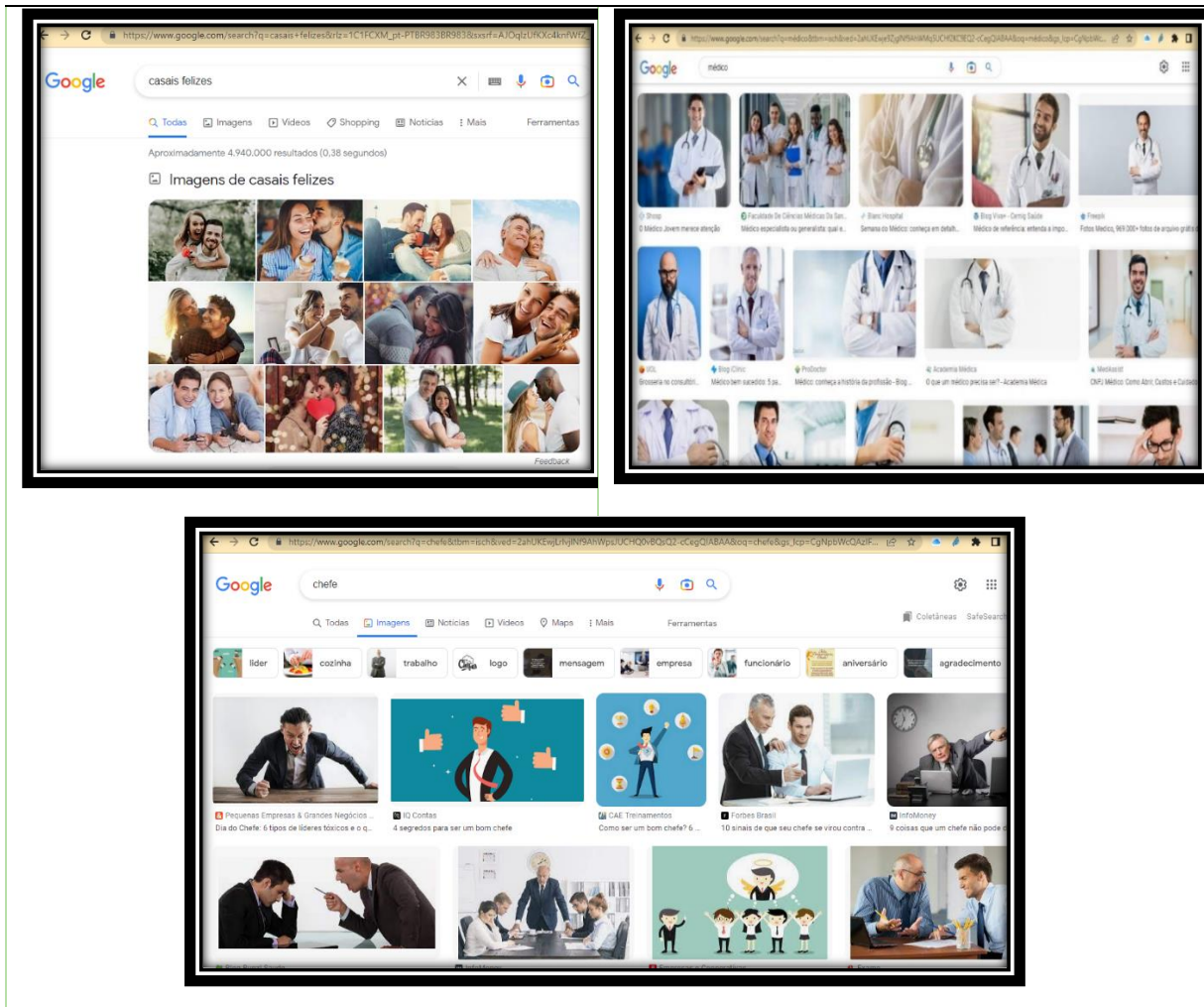
Convém reiterar que algoritmos não têm a capacidade de ser racistas. Desprovidos de opiniões, preconceitos e emoções, são tão somente sequências de instruções matemáticas. No entanto, dependendo do modo como são projetados, implementados e alimentados com dados, podem refletir e amplificar vieses racistas presentes na sociedade. Esses vieses podem surgir de diferentes maneiras, como treinamento inadequado do modelo, conjuntos de dados enviesados ou preconceitos implícitos dos desenvolvedores, acarretando efeitos indesejados, incluindo viés e discriminação.

Nessa perspectiva, um algoritmo pode ser considerado "racista" se suas instruções, ou a maneira como é treinado para tomar decisões, discriminam pessoas com base em sua raça. Isso acontece quando o conjunto de dados utilizado, para treiná-lo, for projetado inadequadamente, incorporando, de modo implícito, preconceitos existentes na sociedade. Por exemplo, se um algoritmo de reconhecimento facial for treinado predominantemente com imagens de pessoas de um determinado grupo étnico, certamente terá dificuldade em reconhecer e classificar corretamente pessoas de outros grupos étnicos. É fundamental, portanto, assegurar que os algoritmos sejam desenvolvidos de maneira ética e justa, levando em consideração a diversidade e a inclusão.

A partir da discussão do texto “Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas”<sup>39</sup>, utilizado em um de nossos encontros, os praticantes realizaram uma pesquisa na *Internet*, utilizando termos/expressões, como chefe, médicos, casais felizes (Figura 20), adiante.

Figura 20 - Casais felizes, médico e chefes (2022)

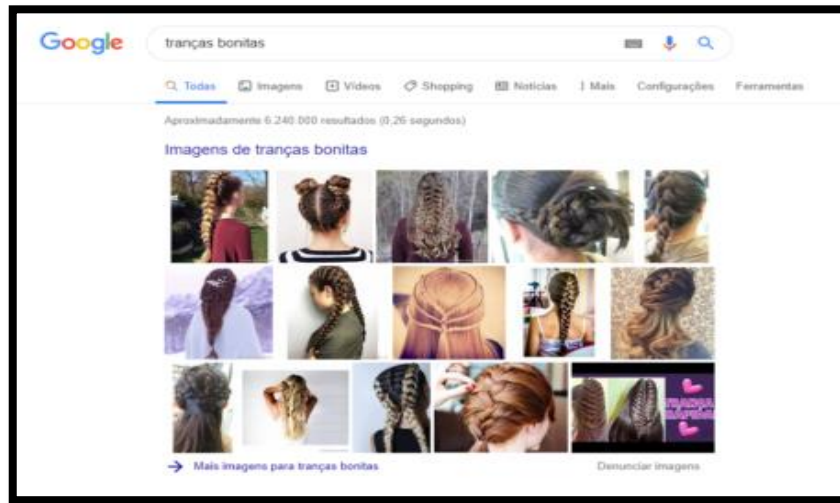
<sup>39</sup> Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6043>. Acesso em: 05 maio 2023



Fonte: Google, 2022.

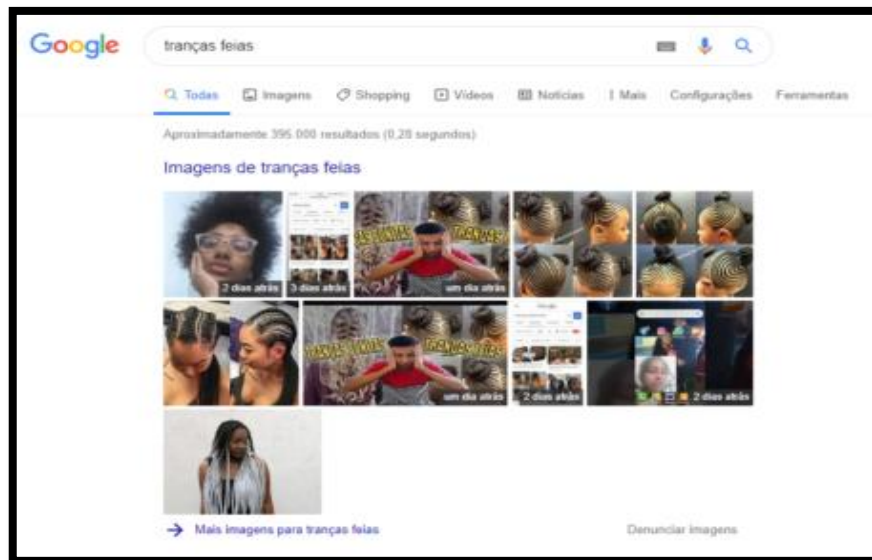
Os resultados demonstraram o quanto a Inteligência Artificial, por meio de seus algoritmos, é responsável pela manutenção estrutural das desigualdades raciais, uma vez que não só é alimentada por elas, mas também as alimenta, como se pode ver na matéria do *Google* sobre tranças, que revelou como esse buscador está condicionado a entender que cabelo crespo é algo negativo e cabelo liso é algo positivo (Figuras 21 e 22).

Figura 21 - Tranças bonitas, 2022.



Fonte: Catraca Livre<sup>40</sup>

Figura 22 - Tranças feias, 2022.



Fonte: Catraca Livre<sup>41</sup>



**Praticante G** – “Constatamos, na hora, que os algoritmos do Google são racistas. Ao pesquisarmos “casais felizes”, só aparecem casais brancos. Como estamos

<sup>40</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/trancas-bonitas-e-trancas-feias-algoritmo-do-google-tende-ao-racismo/>. Acesso em: 05maio 2023.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/trancas-bonitas-e-trancas-feias-algoritmo-do-google-tende-ao-racismo/>. Acesso em: 05maio 2023.

*utilizando isso o tempo todo, estamos aprendendo com isso também; o que nos possibilita ser futuros profissionais diferenciados.”*



**Praticante C** – *“É chocante ver como o fator do algoritmo racista pode nos influenciar.”*

É preciso, portanto, compreender como as tecnologias incorporam tais lógicas de discriminação, para que não venhamos reproduzir essas microagressões digitais. Concordamos com Silva, T. (2020) quando ressalta a importância de termos discussões como as que temos feito, ao longo dessa pesquisa, dado que as tecnologias não são neutras.

Pensar a questão curricular em nossas pesquisas pressupõe levar em conta a importância das estruturas curriculares instituídas, sem perder de vista a necessidade de desconstruir o caráter hierarquizante e linear cultivado por essa perspectiva de currículo, considerando a importância das estruturas curriculares instituídas. O que nos interessa é a ação socioeducacional instituinte – configurada em atos de currículo - espaços constituídos por redes de *‘fazeressesaberes’*, nos quais conhecimentos são tecidos por meio de conversas e narrativas, possibilitando-nos melhor retratar os cotidianos escolares, para além dos discursos do que neles não existem.

Adiche (2017) compartilha conosco um texto por ela escrito no formato de uma carta a uma amiga que acaba de se tornar mãe de uma menina sobre como educar a filha como feminista. Nela, a autora elenca alguns conselhos, ressaltando alguns aspectos que, em geral, não aparecem em nossos currículos, que se dizem *‘formativos’*. Afirma que o que usamos são estratégias, não havendo um manual a ser posto em prática, algo fechado e único. Argumenta que a formação de nossas crianças deve ser baseada na igualdade, no respeito e no amor às origens e à cultura, ressaltando o quanto é importante rejeitar estereótipos, abraçar o fracasso e lutar por uma sociedade mais justa. Chimamanda aconselha à amiga a em lugar de ensinar a filha a agradar, ensine-a a ser sincera, amável e valente; que a incentive a dizer o que pensa, a expressar sua opinião, a falar a verdade, a queixar-se e a gritar, se algo a incomodar.

Especificamente em relação ao racismo, mais do que repudiar atitudes e discursos que emergem no interior do espaço escolar é necessário delinear caminhos práticos com vistas a uma transformação mais profunda nas relações e no *‘processo de aprenderensinar’*; o que demanda rever os currículos, a representação de grupos estigmatizados, a discussão crítica e permanente de temas sociais complexos, entre outros.

Como Gomes (2020) acentua, a discussão sobre a descolonização do currículo numa perspectiva negra não é nova. Está presente no cenário nacional há décadas, resultado da organização de um grupo ligado ao movimento negro que, ao se posicionar de forma crítica sobre o mundo em que vivemos (Mignolo, 2014), clama por emancipação, pois enxerga na educação a possibilidade de transformação.

Isso nos faz pensar que só é possível descolonizar os currículos, se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e as formas como produzem e fazem seu caminhar (Gomes, 2020), estratégias essas traduzidas por meio de políticas públicas que visam descolonizar e reduzir a discriminação racial. Daí a importância de criarmos atos de currículo que façam realmente sentido para os sujeitos no processo de ‘*aprendizagem*’, considerando a realidade, os conhecimentos, os modos como os sujeitos operam em seus cotidianos e, sobretudo, as relações sociais.

Com efeito, precisamos questionar a lógica hegemônica e, numa perspectiva decolonial, imprimir mais abertura e flexibilidade aos currículos universitários, particularmente nos cursos de formação de professores, dada a necessidade de estarmos comprometidos com a construção identitária de nossos praticantes de pesquisa, futuros docentes.

### **3.2 A formação de professores numa perspectiva decolonial**

Como abordado, ao longo dessa pesquisa, uma educação que se proponha feminista, antirracista, democrática e plural tem como pressuposto o reconhecimento das opressões e desigualdades que afetam as mulheres negras, e seu permanente combate, mediante a valorização de suas histórias, seus saberes e culturas; uma educação que, em sendo interseccional, leva em conta as múltiplas dimensões da identidade dos sujeitos, como raça, gênero, classe social e orientação sexual, tendo em vista a desconstrução de estereótipos e preconceitos, com vistas ao desenvolvimento da reflexão e crítica e à transformação social, que desafiam os limites impostos pelo poder hegemônico.

Pensar a formação de professores, nesse contexto, tendo como cenário a colonialidade, com seu caráter dominante de controle de recursos, capital, trabalho e conhecimento, constitui é uma tarefa desafiadora para o processo de ‘*aprendizagem*’. Isso ocorre, pois se de um lado, desvencilhamo-nos do modelo convencional de ensino, pautado na transmissão de conteúdos e informações - a que Freire (2020b) chamou de “educação bancária -, ao problematizarmos, desconstrutivamente, a forma como a própria estrutura educacional brasileira concebe a ‘sala de aula’ - de massa, centrada no mercado e eurocêntrica, assumimos um compromisso com

relações mais horizontalizadas, dialógicas, interativas e colaborativas com nossos praticantes.

Sem que perdêssemos de vista as tensões existentes entre poder e saber, dado que nos cotidianos e currículos escolares convivem valores, ideologias, símbolos, interpretações, vivências e preconceitos, reafirmamos a necessidade de, mediante o diálogo entre diferentes culturas, descolonizar o currículo, tendo em vista a construção de uma escola de mundos plurais

Implementar uma pedagogia decolonial em prol de uma educação antirracista, democrática e intercultural não significa apagar o conhecimento oficial, ou substituí-lo, mas possibilitar que outros conhecimentos com ele dialoguem, contemplando diversos olhares. Isso exige não apenas uma mudança no currículo, mas, também, nos discursos, nos raciocínios, nas lógicas, nas atitudes e nos formas de tratar as pessoas negras . Ela também pode ser combinadas com a interculturalidade crítica com vistas à promoção de uma educação mais justa e igualitária.

Sobre a descolonização dos currículos, seguem algumas reflexões dos praticantes:



**Praticante L** - *“O maior desafio é o reconhecimento da pluralidade. Sem esse reconhecimento é impossível pensar em descolonização de currículos ou educação democrática”.*



**Praticante C** - *“Eu acredito que os currículos são formados por pessoas (...), logo, as pessoas precisam se descolonizar para que então aconteça uma educação democrática. E sim, esse é o principal desafio!”.*



**Praticante E** - *“Para mim, eu acho que a maior dificuldade é a falta de acesso ao conhecimento de algumas pessoas que acabam possuindo pensamentos retrógrados. Inclusive dentro da educação!”*

Nessa perspectiva, países latino-americanos voltaram-se para a expropriação de riquezas e o fomento de um sistema mundial de mercados, e para a exploração do trabalho e acumulação e concentração de riqueza que impactaram a composição de sociabilidades hierarquizadas pela ideia de raça; violentaram os povos originários ao romperem com seus sistemas de representação

simbólicos, estruturas de poder sociopolíticas, costumes e tradições, silenciando, desse modo, suas cosmologias, padrões de expressão e referências de conduta e de identidade, além de imporem a epistemologia do eurocentrismo que, travestida de universal e neutra, impôs padrões analíticos, morais e estéticos, reprodutores e legitimadores da dominação (Mignolo, 2017).

Não há dúvidas sobre o quanto a colonialidade, particularmente no que se refere a sua dimensão epistêmica (eurocentrismo) impactou muitas das práticas e padrões de avaliação da educação em nossas instituições de ensino, amparada no mito de que existe uma história ou um sentido da civilização (evolucionismo); e no mito do dualismo, ao demarcar as diferenças (como, por exemplo, entre homem/mulher, branco/preto, civilizado/não civilizado, sem contudo, deixar explícitas as relações de poder que lhe davam sustentação, e que, ainda presentes na atualidade, atingem diretamente a vida do colonizado, confundindo sua identidade, desestabilizando sua autoestima, reforçando a ideia de dependência e reverência ao outro, entre outros.

Um exemplo da força desses mitos é o fato de, ainda hoje nossos currículos privilegiarem disciplinas como Português e Matemática em detrimento de saberes relacionados à história, à política, à cultura, à arte, ao trabalho de nossos corpos, vistos como categoria inferiores. Da mesma forma, a avaliação, representada por uma nota, não considera os demais fatores que envolve o ser, e não leva em conta as desigualdades sociais.

Escapar dessa armadilha pressupõe recompor o lugar de fala e de pertencimento, a partir de um olhar transversal à modernidade colonial, no qual esses sujeitos, sentindo-se violados se reconheçam inocentes, e passem a construir uma compreensão positiva de si, negando esse lugar de subalternidade, no qual se sustenta e se perpetua a relação colonial (Fanon, 2008; Arroyo, 2012, entre outros).

Neto (2018, p. 6) afirma que a pedagogia decolonial, que visa uma reflexão crítica sobre a educação e os conceitos a ela associados, “incita possibilidades de estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar, escutar e saber de outro modo”, o que demanda envolver, englobar e abraçar as mais diferentes perspectivas formativas. Hooks (2020, p. 63) alerta-nos da importância de um olhar crítico sobre nossas práticas pedagógicas, tendo em vista o combate às opressões de um sistema baseado no capitalismo, na cultura machista e no racismo estrutural.

O racismo é apenas um dos sistemas de dominação perpetuados e mantidos por educadores. Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser ‘grandes’ escritoras. Felizmente, tive uma professora branca que nos ensinou a reconhecer os preconceitos do patriarcado e a desafiá-los. Sem esse ensinamento contra-hegemônico, quantas mulheres teriam o desejo de

escrever esmagado, quantas se formariam pensando: por que tentar, se você jamais poderá ser boa o suficiente? (Hooks, 2020, p. 63)

Corroboramos o pensamento de Bell Hooks, mas, entendendo que, apesar da relevância de todos os aparatos legislativos voltados para essa questão – marcos na educação antirracista, muito ainda precisa ser debatido e praticado, cotidianamente, desde os primeiros anos escolares, para assegurar que todos e todas tenham garantido o direito ao desenvolvimento integral.

Hooks (2020, p. 64) defende que o desenvolvimento do pensamento crítico requer constante aprendizado, não sendo possível mudar as salas de aula “se os professores não estiverem dispostos a admitir que ensinar sem preconceitos exige que a maioria de nós reaprenda, que voltemos a ser estudantes”.

Ainda que concorde com o fato de sermos bombardeados, diariamente por uma mentalidade colonizadora, ‘dentrofora’ da escola, hooks afirma que, em nossas lutas para acabar com o racismo, o machismo e a exploração de classe seríamos muito mais bem-sucedidos se tivéssemos aprendido que a libertação é um processo contínuo, asseverando que a educação como prática da liberdade (Freire, 1967) deve ter como propósito a humanização e a criação de uma comunidade de aprendizagem em sala de aula, com vistas à justiça social. Nessa perspectiva, os discursos dos educadores devem ser coerentes com suas práticas, dado que a “[...] A integridade está presente quando há congruência ou concordância entre o que pensamos, dizemos e fazemos” (Hooks, p. 64).

Nesse ponto, resgato uma notação feita em meu Diário de campo.

**Professora -pesquisadora (DC)** – *“Estou lembrando de uma experiência vivenciada na sala dos professores, que deveria ser um ambiente de troca. No entanto, acaba por se transformar num ambiente tóxico, quando recebemos de colegas comentários, como: “Estou exausto!”, “aquele menino não tem controle”, “aquela criança é mal educada”, “Claro, que ele não sabe nada, não pára quieto”, “fazer diferente pra quê? Eles não querem nada!” e por aí vai, relatos compartilhados, que nos fazem refletir sobre o que estamos estudando, nesse momento, para pensar a formação de professores numa perspectiva decolonial.*

Hooks (2020), em consonância com o pensamento de Freire, entende a educação como um ato político, transformador e emancipatório. Sob essa perspectiva, afirma que o verbo ‘esperançar’ tem um efeito de ação, dada a possibilidade de, coletivamente, superarmos o sentimento de dominação, reagindo à violência e à opressão proveniente das demandas de grupos favorecidos pelo colonialismo, tendo em vista uma educação transformadora. Desse modo, a ‘sala de aula’ configura-se como um lugar de resistência, no qual essas temáticas são



abordadas, refletidas e problematizadas, mediante *'fazeressesaberes'*, que dão visibilidade às lutas e às diferentes culturas.

Para Freire (2020, p. 45) o diálogo possibilita uma reflexão ativa sobre a maneira como os homens produzem sua existência, mediante a ação-reflexão transformadora do mundo; uma exigência existencial que requer um pensamento crítico, não podendo ser reduzido “a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Caminhar nessa direção é fazer um movimento de ruptura com o universalismo, rumo a um novo modo de *'fazerpensar'*, que nos possibilite novas condições sociais, políticas e culturais.

A partir dessas reflexões, e alinhados ao pensamento dos interlocutores dessa pesquisa, propusemos aos praticantes que assistissem ao vídeo “Nunca me sonharam” (Figura 23), o que possibilitou o surgimento de debates, que deixaram evidente o quanto somos levados a acreditar sempre no ‘pior’ de nós mesmos, devido estarmos inseridos num contexto social que nos desacredita, como mostra o documentário. Nas rodas de conversa que criamos, as falas individuais, “eu não consigo” ou “eu não sei”, muitas vezes repetidas, ratificavam esse sentimento.

Figura 23 - Nunca me sonharam (2017)



Fonte: *YouTube*, 2017<sup>42</sup>

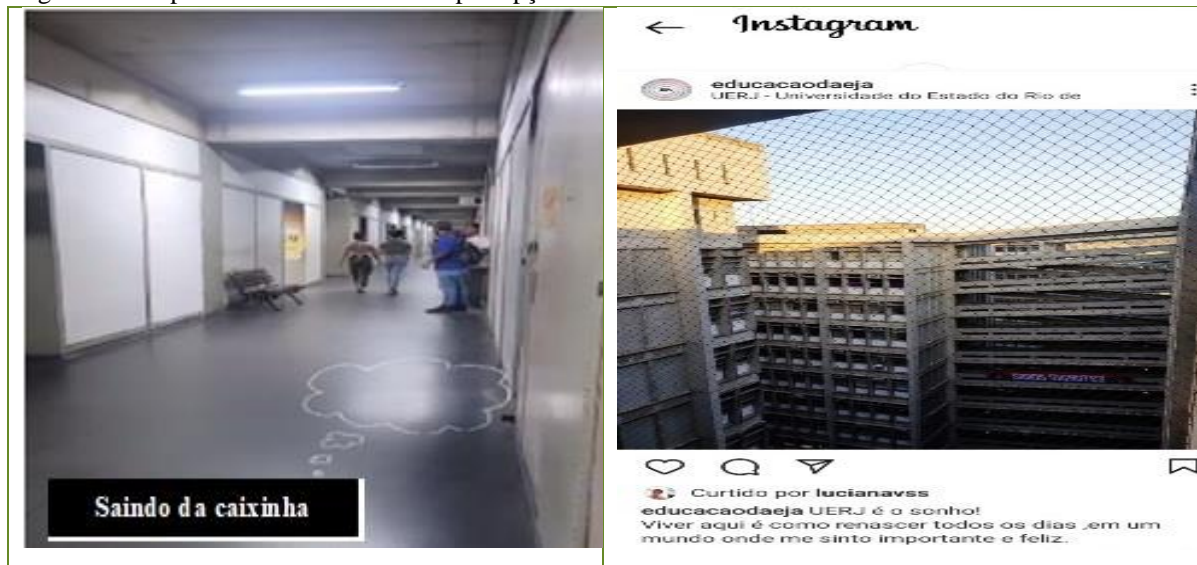
Esse vídeo, em forma de documentário, apresenta questionamentos sobre a educação brasileira, na atualidade. Ao longo de 90 minutos, por meio de depoimentos de estudantes, educadores, gestores e pais discutem a educação no Ensino Médio, dissociada, segundo eles, de seus sonhos e demandas.

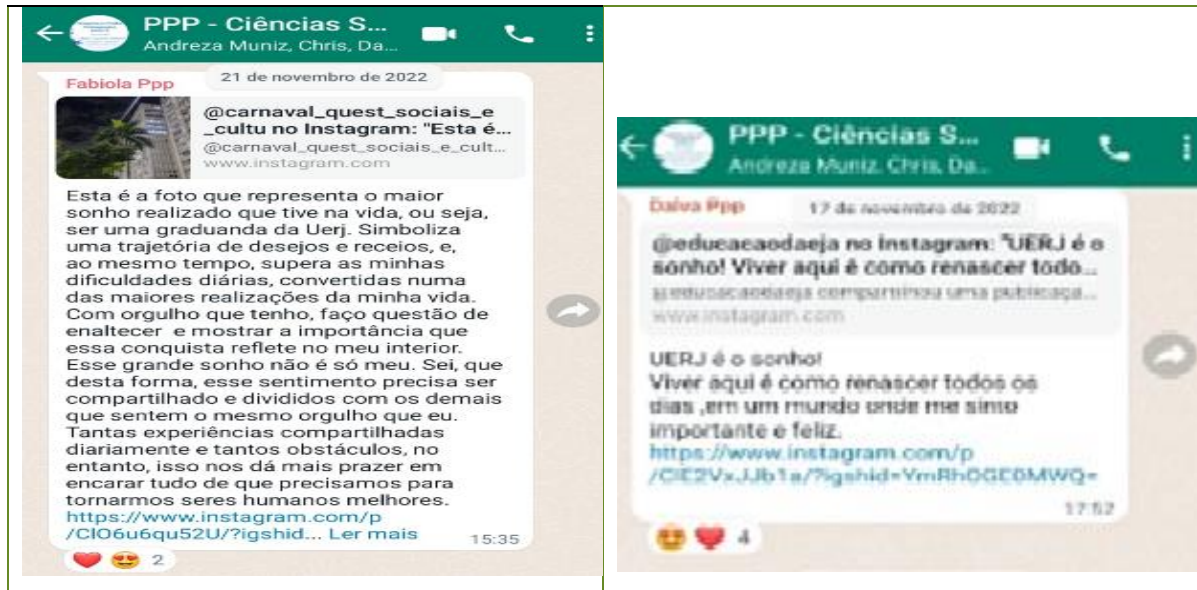
<sup>42</sup> Documentário brasileiro, de 2017, dirigido Cacau Rhoden. Disponível em <https://www.YouTube.com/watch?v=KB-GVV68U5s>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Nesse cenário, o papel do educador é de extrema relevância para a formação de professores, cuja pauta deve: privilegiar o convívio e a aceitação das diferenças e a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados à raça, gênero e classe social, que tanto sofrimento traz às pessoas expostas a esse tipo de prática; possibilitar, aos estudantes, novos olhares, perspectivas e experiências que amplie sua crítica da sociedade; firmar um compromisso com essa pauta, considerando relações igualitárias, que rompam com a estigmatização do potencial intelectual a partir da cor de pele; além de estabelecer uma relação de confiança, numa ambiência de positividade.

Sob esse olhar e, tendo em vista nos afastarmos do poder disciplinar ainda presente em nossos cotidianos escolares, refletido nas representações de tempo (horários rígidos) e espaço (carteiras dispostas em fileiras), propusemos que os praticantes deixassem a sala de aula e circulassem pela Universidade, para fotografar, fazer anotações e refletir sobre o que encontraram/observaram/descobriram e os *'sentidosignificações'* que emergiram dessa experiência (Figuras 24 e 25, adiante).

Figura 24 - Explorando a Universidade - percepções





Fonte: a autora.

Figura 25 - Trocando ideias, dialogando, interagindo



Fonte: a autora.

Como nos ensina Hooks (2020), o desejo de compreender o funcionamento da vida constitui o cerne do pensamento crítico; o que demanda uma educação significativa; isso é, uma educação humanizada e libertadora, na qual o processo de *'aprenderensinar'*, baseado no amor e no afeto, possibilite a circulação do conhecimento, de modo horizontalizado, considerando diferentes presenças no ambiente escolar, mediante um processo dialógico, colaborativo e interativo. Com efeito, é essa comunidade de aprendizagem engajada que nos permite, enfrentar o racismo e acreditar em nosso potencial, legitimando a subjetividade desses sujeitos,

fazendo ecoar vozes que protagonizam seus espaços de pertencimento e que, quase sempre não têm seus discursos ou produções valorizadas.

A autora afirma que foram as experiências dolorosas que a incentivaram a lutar para ensinar de modo humanizado, que animasse o espírito de seus estudantes, de modo que eles se elevassem na direção de sua peculiar completude de pensar e de ser.

Como mencionado, anteriormente, no início de nossas atividades de campo, nossos praticantes de pesquisa permaneceram calados, por um bom tempo. Ninguém desejou um ‘bom dia’, imperava o medo, o receio do desconhecido. No entanto, à medida que nossa proposta pedagógica se materializava, esse ‘gelo’ ia sendo quebrado, e a preocupação inicial dos estudantes com a frequência, dava lugar às discussões, reflexões expressões de pensamento, interesses e sonhos. Isso demonstra o quão importante e necessário é trabalharmos a descolonização dos pensamentos, transformando-os em ações, a partir de atos de currículo que possibilitem que os sujeitos se livrem das amarras da dominação, valorizando-se como seres humanos, como aborda o vídeo, a seguir, apresentado por Xongani (Figura 26).

Figura 26 - A verdadeira história do cabelo crespo (2023)



Fonte: *YouTube*, 2023<sup>43</sup>

Xongani conta a verdadeira história do cabelo crespo, que envolve questões políticas, sociais e até mesmo religiosas, e traz algumas curiosidades e fatos sobre suas experiências pessoais, reiterando a importância do processo de autoconhecimento do cabelo crespo e da necessidade de termos cada vez mais referências.

<sup>43</sup> Disponível em: [https://youtu.be/ncLmZWot\\_tw](https://youtu.be/ncLmZWot_tw). Acesso em: 16 jun. 2023

Não há dúvidas de que o cabelo crespo representa resistência às formas de opressão que foram impostas aos negros da diáspora. Desse modo, o combate ao racismo e a difusão de uma consciência racial por meio de mobilizações dos movimentos ativistas negros incentivou o uso dos cabelos crespos em sua textura natural em destaque, o que fortaleceu o sentimento de ‘retorno à cultura africana negra’ - uma verdadeira ação de caráter político. Nesse sentido, essas *influencers* têm regatado o apelo ao penteado crespo natural, contando com o auxílio de mídias sociais como o *YouTube*. Mas não apenas isso: valorizam a beleza negra, de modo geral, e promovem a autoestima da mulher negra e de sua cultura, combatendo o racismo, incentivando negras, a aceitarem e se orgulharem de sua negritude, o que não as isenta de sofrerem racismo.

Essa não é uma tarefa simples, mas como nos ensina Mário Quintana (1951), em seu poema “Das utopias”,

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!

Desse modo a formação de professores numa perspectiva antirracista, democrática e intercultural, ao privilegiar a produção de novas narrativas, possibilita-nos legitimar nossa existência e nossas aspirações, tendo em vista o resgate de nossa ancestralidade, de nossa história, a reconstrução de nossa identidade e o desenvolvimento de nossa autonomia, como um coletivo. Nessa perspectiva, o principal papel do educador é estimular o pensamento crítico dos estudantes, estabelecer o diálogo entre a educação e a realidade que os cerca, possibilitando-nos novas perspectivas.

#### 4 ATIVISMO FEMINISTA NEGRO NO DIGITAL EM REDE: SOBRE O QUE NOS MOVE, INSPIRA E MOTIVA NA VIDA

[...] o mundo é um lugar dinâmico, no qual o objetivo não é apenas sobreviver, ajustar-se ou ir levando; o mundo, ao contrário, é um lugar do qual devemos nos apropriar e pelo qual devemos nos responsabilizar.

*Patricia Hill Collins*

Na busca por resposta à questão “*Como as temáticas, personagens e narrativas veiculados nos canais do YouTube pelas ativistas negras têm reverberado e mobilizado processos formativos na educação universitária?*” este capítulo traz a noção de ‘lugar de fala’, ressaltando a importância das *youtubers*, como protagonistas de lutas e movimentos feministas negros, e as implicações desse contexto para o processo de ‘*aprenderensinar*’. Ressalta, ainda, a importância do desenvolvimento do letramento crítico-racial, tendo em vista uma educação feminista antirracista. Nesse contexto, destaca a importância do digital em rede e seus impactos nas formas de os indivíduos pensarem, e agirem no mundo, e o poder das redes sociais no combate ao racismo.

Nos últimos anos, o surgimento do feminismo impulsionou a discussão de pautas negras anteriormente ausentes dos debates acadêmicos. Nessa perspectiva, ainda que haja certa carência de análises histórico-políticas acerca da trajetória do ativismo feminista negro no país e sua interconexão com fenômenos semelhantes em outras partes do mundo, o ativismo de mulheres negras brasileiras ganhou visibilidade, seja nas mídias sociais digitais, em programas televisivos ou, ainda, no debate sobre déficit democrático e representatividade de negros na política nacional. É nesse contexto de luta diária que a *Internet* se apresenta como alternativa para a continuidade da propagação desse debate e de outras pautas identitárias, além de um ‘*espaçotempo*’ de denúncia, de diálogo e de resistência, instrumento de fortalecimento da luta feminista negra por reconhecimento do seu papel na sociedade.

No poema, a seguir, Victoria Santa Cruz, escritora peruana, traz uma reflexão sobre a experiência de se tornar negra (o). Num primeiro momento, há toda uma negação da negritude. O segundo passo é sair do lugar de vítima e assumir sua identidade, entendendo-se digno e respeitado. Desse modo, ergue a cabeça e luta contra o racismo (Figura 27).

Figura 27 - Poema 'Me gritaram negra' (2014)



Fonte: *YouTube*, 2014<sup>44</sup>

Este poema, intitulado “Me gritaram Negra”, é de autoria da compositora, coreógrafa e desenhista, expoente da arte afroperuana, Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra. Denuncia como os discursos que circulam nas mídias e nas falas das pessoas influenciam e tolhem liberdades. No decorrer do poema, Victoria assume sua cor e raça, afirmando que de hoje em diante não quer alisar seu cabelo e que negra, soa como lindo.

Kilomba (2019, p. 14) entende a linguagem como um campo de disputa, no qual o racismo vai sendo inscrito na dinâmica social. “Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem”, pondera a autora. “Um vocabulário no qual nós possamos todas/xs/os nos encontrar na condição humana”, tornando--nos sujeitos de nossas próprias histórias, dado que as palavras que usamos definem o lugar de uma identidade.

Por meio das palavras escrita ou falada, seja nas entrelinhas, suspiros, gestos e/ou silenciamentos, podemos expressar os impactos do colonialismo em nossas vidas, reflexos das desigualdades e violências diversas praticadas contra a mulher de pele negra, inserida nessa sociedade, que foi e ainda faz parte de uma grande parcela invisibilizada da população, principalmente ao trazer suas histórias, como nos relata Conceição Evaristo. No vídeo, a seguir

<sup>44</sup> Disponível em: <https://youtu.be/RIjSb7AyPc0>. Acesso em: 25 abr. 2023.

(Figura 28), a autora fala sobre a função das mulheres escravizadas, as “mães pretas<sup>45</sup>”, que contavam histórias para que as crianças pudessem adormecer, acentuando que, hoje, os escritos de mulheres negras não têm essa função; ao contrário, “escrevemos para acordá-los de seus sonos injustos”. São escritas que incomodam e que perturbam ao trazer as vivências.

Figura 28 - Escrevivências (2017)



Fonte: *YouTube*, 2017<sup>46</sup>

Entrevista de Conceição Evaristo, mulher negra e de origem pobre. É desse lugar que a escritora, poetisa, romancista e contista fala e escreve seus livros. Assim, a ancestralidade e a crítica social permeiam todo seu trabalho no que denomina de "escrevivência", uma escrita que nasce de suas vivências, na qual ela narra o que vive e vive para narrar.

Kilomba aponta para a urgência de combatermos, de forma incisiva, discursos como o acadêmico, que legitima toda uma sociedade capitalista e o modelo epistemológico eurocêntrico, presente nas academias, a fim de que essa naturalização do racismo não se propague.

Desse modo, não basta que os estudantes comemorem datas específicas, como, por exemplo, o Dia da Consciência Negra. É preciso que as instituições de ensino assumam o

<sup>45</sup> As “mães-pretas” a que Conceição Evaristo se refere no vídeo, são as mulheres escravizadas que tinham por obrigação, deixar seus filhos para cuidar dos filhos dos senhores brancos.

<sup>46</sup> Disponível em: [https://www.YouTube.com/watch?v=6pCq9E-d8\\_o](https://www.YouTube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o). Acesso em: 10 abr. 2023.



compromisso de buscar mudanças, flexibilizando seus currículos e ressaltando a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas no contexto educacional, a fim de combater o preconceito racial na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, cresce em importância o desenvolvimento do letramento racial, conceito proveniente da Teoria Racial Crítica (*Critical Race Theory* - CRT (Ladson-Billings, 1998), nos Estados Unidos, que toma a raça como parâmetro para analisar uma série de questões sociais (Santos, M.; Amorim, 2021, p. 4-5). O Letramento Racial consiste numa prática de leitura do mundo, que nos possibilita refletir sobre os privilégios que o branco detém como raça mantenedora do sistema racial, a partir de mecanismos de opressão à população negra.

A afirmação de Davis (2016), “Não basta ser contra o racismo, é necessário ser antirracista”, a cada dia ganha mais sentido. As recentes manifestações contra violência policial em relação à população negra nos Estados Unidos e no Brasil abriram espaço para debates e discussões mais amplas sobre o racismo no nosso país, com ênfase na construção de uma educação antirracista.

Com efeito, a luta contra o racismo é um compromisso político que deve ser assumido por todos - brancos e negros, dado que “[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar e em todas as disciplinas do currículo escolar” (Ferreira, 2014, p. 250), particularmente na formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Para Silva, (2022, p. 96), “o mercado editorial e a escrita de autoria negra são indispensáveis para transformar a consciência racial brasileira, no sentido de o país reconhecer-se negro e afirmar-se negro, valorizando a negritude”. Isso exige a adoção de uma bibliografia plural, com a inclusão de autorias negras, para além dos cânones europeus.

A obra ‘Menina bonita de laço de fita, publicada em 1996, e de autoria de Ana Maria Machado – um clássico de nossa literatura, conta a história de uma linda menina negra, com cabelo trançado e amarrado com fitinhas – e, de um coelhinho que gosta muito dela e adora sua cor.

“Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.

A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva”.

Na época de seu lançamento e, nos anos seguintes, essa publicação gerou muitas discussões: algumas pessoas a viam como uma grande aliada na construção de uma sociedade

de respeito à diferença, na medida em que aborda a interracialidade e a miscigenação racial, outras, a vê como fomentadora do racismo (Figura 29).

Figura 29 - A falta de representatividade negra na literatura infantil (2022)



Fonte: *TikTok*, 2022<sup>47</sup>

O vídeo postado no *Tik Tok*, por Fernanda Azevedo, em 2022, intitulado “A falta de representatividade negra na literatura infantil, traz uma severa crítica a essa obra, o que gerou uma série de críticas, em sua página.



**Praticante T** - “Foi a primeira vez que eu vi uma personagem negra sendo representada em livros de história; e é uma memória afetiva que eu carregava. Nem me lembrava mais da história, até ver esse vídeo. Que é isso! Que absurdo. Levando em conta a época em que foi escrito, não havia esse olhar questionador; ninguém criticava o fato de o coelho querer ter filhos pretos, como a menina”.

Silva, L. (2022) ainda acentua que a tradução de obras de autoras feministas negras, pelo mercado editorial, é mais um aspecto da luta pela democratização do acesso a outras narrativas, não eurocentradas ou produzidas exclusivamente por pessoas brancas.

Nessa direção o ativismo feminista negro vem ocupando outros ‘*espaçostempos*’ com suas narrativas, denunciando essas questões, como na canção entoada por Elza Soares: “A

<sup>47</sup> Disponível em <https://www.tiktok.com/t/ZM2FBKG9F/> Acesso em: 26 maio 2023.

carne”<sup>48</sup> - na qual o negro é comparado a um produto desvalorizado -, confirmando, dessa forma, os dados sobre a violência contra essa população, no Brasil, ou, ainda, abordando temáticas relacionadas às políticas do corpo, do cabelo, do modo de falar ou de se portar (assuntos que passam pelos insultos raciais). Desse modo, movimentam-se, inspiram, motivam, empoderam, propagando outros modos de pensar, de viver e de se relacionar na vida, como forma de resistência e (re) existência, como expressa Ana Paula Xangoni, em entrevista sobre a relação entre blogueiras pretas e marcas, no canal Cortes *Black People* (Figura30).

Figura 30 - Blogueiras Pretas X Marcas (2022)



Fonte: *YouTube*, 2022<sup>49</sup>

Xongani fala sobre a relação entre Marcas e Blogueiras Pretas. Afirma que, com ajuda de *influencers* as marcas podem incrementar a sua credibilidade, junto ao seu público-alvo, pois esta é confrontada com o impacto que a empresa tem, na ‘vida real’, por meio de suas redes sociais.

Para a *youtuber* Gabi Oliveira, não foram as marcas que se mobilizaram para atender ao mercado negro, mas, as consumidoras que, ao entenderem o seu lugar, o quanto poderiam reivindicar produtos de qualidade para a pele negra, para o cabelo crespo, cacheado,

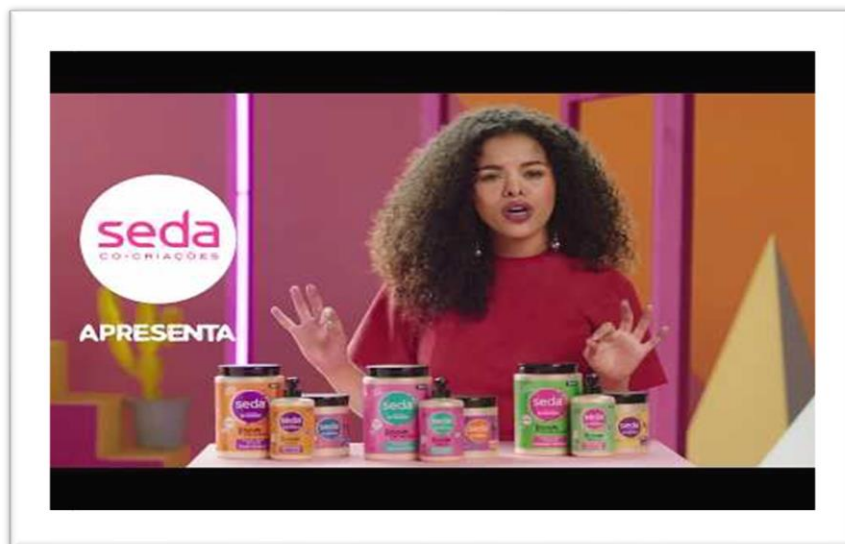
<sup>48</sup> Composição de autoria de Jorge Mario Da Silva, Pedro Aznar, Marcelo Fontes Do N. V. De Santana, Ulisses Cappelletti Tassano. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>. Acesso em: 09 abr. 2023.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://youtu.be/pvPKIM65suk>. Acesso em: 19 abr. 2023.

conseguiram fazer pressão para que as marcas produzissem. “*Se a gente fala de cabelos naturais, por exemplo, o movimento começou com mulheres passando por transição capilar, se juntando, fazendo receitas caseiras, e só mais tarde as marcas começaram a caminhada delas para criar produtos específicos para cabelo crespo e cacheado, porque elas entenderam que existe um espaço no mercado que elas não estavam ocupando. Quando a gente olha pro setor da maquiagem, é a mesma coisa....*”<sup>50</sup>, enfatiza Gabi.

Nos últimos anos, acompanhamos um movimento acelerado de influenciadoras que emergiram não apenas como embaixadoras de grandes marcas, mas também criadoras de suas próprias marcas (Figura 31), como o fez Gabi. Ao seu ver, esse é um lugar de grande representatividade, mas, também, de grande responsabilidade, dado que o empoderamento estético não pode ter um fim único. Ele deve ser uma das ferramentas para uma emancipação muito maior que é intelectual, econômica, psicológica, entre outras.

Figura 31 - Nova linha Seda Boom (2018)



Fonte: *YouTube*, 2018<sup>51</sup>

Vídeo sobre a nova linha Seda BOOM de cremes para pentear, cocriada por blogueiras para juntas arrasarem nos CRESPOS e nos CACHOS.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/26/gabi-oliveira-fura-bolha-da-internet-e-leva-beleza-negra-ao-horario-nobre.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 abr. 2023.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://youtu.be/tFADWHmEyko>. Acesso em: 01 abr. 2023.

## 5 A EMERGÊNCIA DE ‘SENTIDOSSIGNIFICAÇÕES’ NO PROCESSO DE PESQUISA

Conhece para além dos limites da tua ciência...  
As ideias novas estão na fronteira,  
porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros.  
António Nóvoa

Para responder a nossa última questão de estudo - *Que ‘sentidossignificações’ emergem das conversas e narrativas dos praticantes, ao longo do processo investigativo?* – apresentamos, neste capítulo, os achados de nossa pesquisa; ou seja, as noções subsunçoras, advindas de um processo de criação e autorização responsável e auto-organizado, numa perspectiva experiencial, vivida no campo, no qual todos os atores envolvidos no ato de ‘*aprenderensinar*’ estabelecem uma parceria ativa.

O desenvolvimento de processos dialógicos, interativos e colaborativos foram favorecidos pela criação de ambiências *online* que possibilitaram, aos praticantes, interagir, discutir com o coletivo, manipular e criar seus próprios conteúdos/artefatos, convidar o outro para dialogar e colaborar com o produto criado, além de compartilhar a (co) autoria em rede. Desse modo, produziram ‘*sentidossignificações*’, ao expressarem seu pensamento, oralmente, ou por escrito, sob o formato de texto, áudio, imagens estáticas ou em movimento, *performances*, entre outros, ancorando-se em suas memórias e em vozes que lhe antecederam. Ao fazê-lo, atualizaram esses discursos, criando seu próprio espaço do dizer, de forma responsiva e responsável, como enfatiza Amaral (2014).

É preciso, portanto, compreender que a autoria no digital em rede é, ao mesmo tempo, produtora de conhecimento e aprendizagem. É também propulsora de inclusão digital, ao possibilitar que os sujeitos não só consumam como produzam conhecimentos nesse ‘*espaçotempo*’; e é representativa de um protagonismo político, na medida em que a contemporaneidade, cada vez mais, requer dos sujeitos o desenvolvimento da leitura e da escrita e sua participação no mercado, além do exercício da autonomia e da cidadania, como enfatiza Jenkins (2006). Mas, o que entendemos como autoria nessas ambiências?

Corroboramos o pensamento de Amaral (2014, p. 68), assumindo como autoral,

toda criação intelectual que se manifesta na obra, sob a forma de texto escrito (palavra), imagens e formas, escrita cênica, *performance*, entre outros, a partir da realidade sócio-histórica em que nos inserimos, na qual o sujeito deixa-se atravessar pelas diversas vozes que ecoam na cultura em que se insere, sem que se perca em meio a elas; lança um novo olhar sobre o objeto analisado, de forma responsável e responsiva, num processo de recriação, atualizando-o. Atribui,

assim, a cada uma dessas vozes o que lhes cabe por direito, enquanto legado cultural, consciente de que nenhuma delas é absoluta, e cria seu próprio espaço do dizer.

Entendemos, desse modo, que as autorias além de se apresentarem sob forma de textos, sons, imagens, entre outros, também podem se manifestar em diferentes níveis, como proposto por Backes (2012), que as categoriza como:

- Pré-autorias - nas quais as narrativas pós-leitura estão baseadas em referências teóricas, e seguem a lógica de semelhança e concordância com o texto lido, vídeo assistido, ou mesmo com os relatos dos demais praticantes;
- autorias transformadoras – nas quais os praticantes adotam posicionamentos críticos e estabelecem uma relação direta entre o conhecimento construído e novos elementos da realidade que os circunda. Eles começam a questionar e refletir sobre as informações recebidas, buscando uma compreensão mais profunda; e
- autorias criativas - nas quais os praticantes se autorizam, de forma criativa, deslocando-se em relação às representações existentes, permitindo, que o novo emerge, como por exemplo, a partir de um vídeo, criar uma canção, uma *storytelling*, uma dança, ou vice-versa. Isso promove diferenças na rede de relações estabelecidas com o grupo, incentivando a originalidade e a inovação.

Nesse sentido, assevera a autora, representa uma progressão no seu desenvolvimento, desde a simples reprodução de informações até a produção de novos conhecimentos e perspectivas.

Com efeito, ao nos afastarmos da ideia de ‘coletar dados’, juntamente com nossos praticantes, produzimos esses dados, potencializados pelos atos de currículo que criamos, apoiados em dispositivos diversos, que foram analisados e sistematizados, a partir triangulação dialógica entre teoria, empiria e a autoria do pesquisador. Desse modo, as seções que seguem apresentam essas noções, a partir de sua organização, compreensão, descrição e anunciação. São elas:

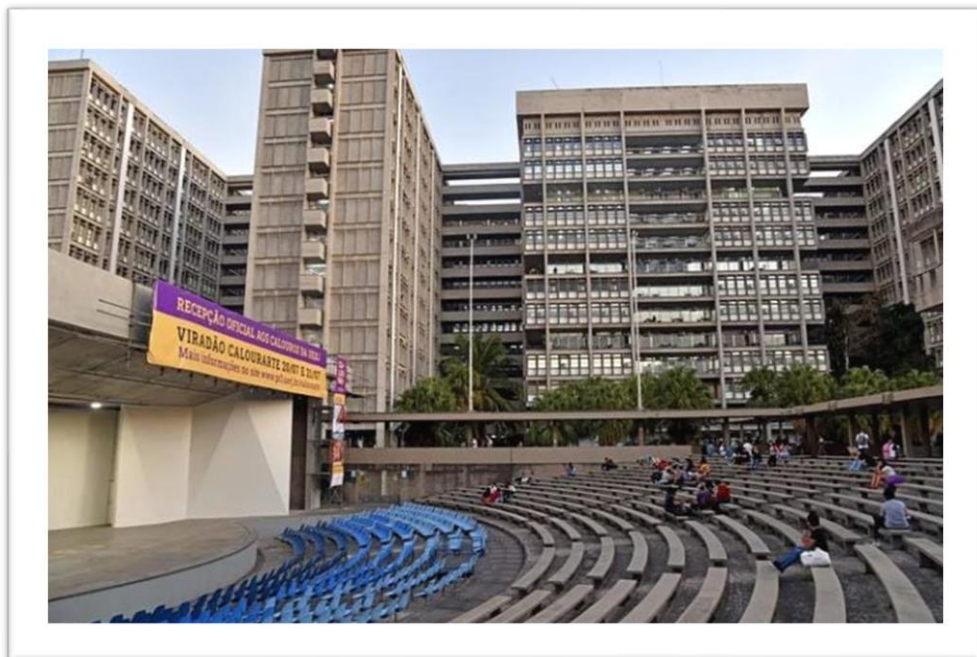
### 5.1 Descolonização do pensamento: uma forma de resistência e (re) existência

Descolonizar o pensamento pressupõe desconstruir ideias e conceitos, há muito impostos por colonizadores, e naturalizados pela sociedade. A afirmação de que “não basta ser contra o racismo; é necessário ser antirracista” (Davis, 2016), ainda, ecoa em nossas mentes, intensificando-se em nossos dias.

Se pretendemos desenvolver, em nossos estudantes, uma educação feminista antirracista, temos, primeiramente, de descolonizar o currículo, oferecendo-lhes a oportunidade de estar em contato com leituras e histórias pouco estudadas, de autores oriundos de grupos vistos socialmente como marginalizados, como os negros e os indígenas, como nos lembra Kilomba (2019).

Em um de nossos primeiros encontros com a turma PPP, ao conversarmos sobre a prática do Yoga, tema abordado por uma professora-pesquisadora, com quem dividíamos o campo de pesquisa, uma das praticantes comentou que, em meio à pandemia, pesquisou, no *Google*, aulas de Yoga a distância, tendo encontrado poucas mulheres negras desenvolvendo essa prática, muito elitizada e direcionada a um determinado público. E, vejam que curioso e simbólico! Refletíamos sobre a questão racial na Concha Acústica Marielle Franco, na UERJ (Figura 32), mulher negra, defensora dos Direitos Humanos, brutalmente assassinada.

Figura 32 - Aula na Concha Acústica Marielle Franco, na UERJ, 2022.



Fonte: a autora, 2022.

Como parte de nossas atividades, convidamos Marcelle Medeiros para conversar com a turma sobre *Fake News* e Memes, objeto de sua pesquisa de Mestrado (Teixeira, 2022), que investigou as *Fake News* e o fenômeno da pós-verdade no contexto da pandemia da COVID 19, no Brasil. Esse encontro foi realizado, de modo *online*, suscitando muitos debates. Nesse encontro, pudemos ter contato com notícias e memes, carregados de ódio e não verdades, que buscavam desqualificar a imagem de Marielle, ridicularizando a vida de uma mulher, preta, mãe, favelada e ativista. (Figuras 33 e 34).

Figura 33 - Meme (1)



Fonte: O Globo, 2019<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/assessor-de-flavio-bolsonaro-faz-piada-com-morte-de-marielle-em-grupo-de-whatsapp-no-senado-24043548>. Acesso em: 09 abr. 2023.



Figura 34 - Meme (2)



Fonte: Blog do Fumanchú, 2022.<sup>53</sup>

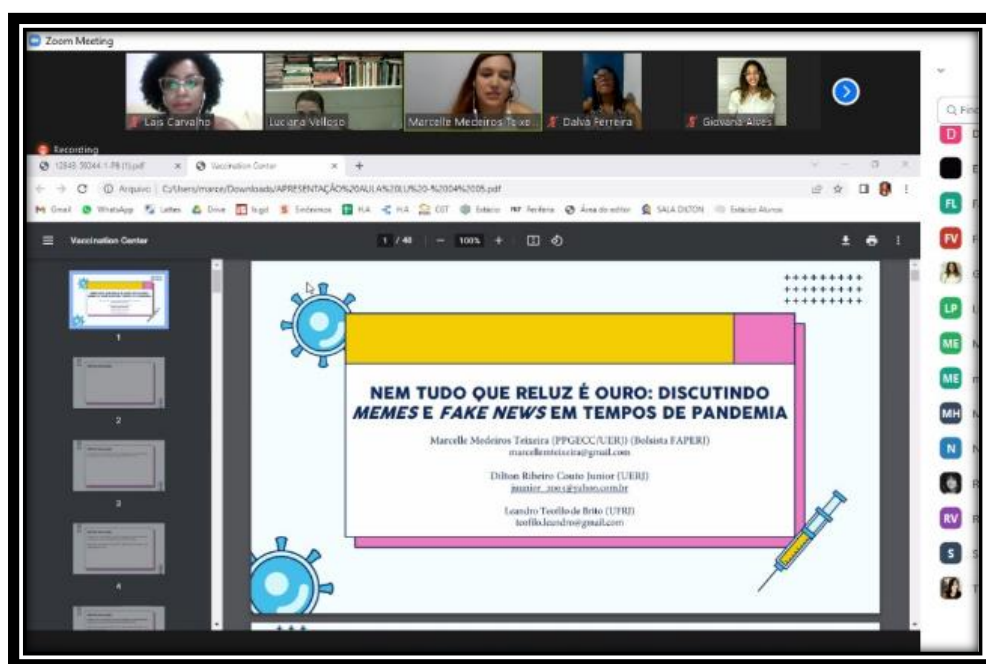
Convém ressaltarmos que os memes, consiste num enunciado discursivo manifestado em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos, publicados na *Internet*, referem-se a qualquer informação que se propaga, sob vários formatos, sendo copiada ou imitada na rede, de modo viral. Ao retratar momentos cotidianos de vidas/personagens que representam as chamadas ‘minorias’ sexuais, de gênero e étnico-raciais, os memes podem nos alertar para algumas estratégias de resistência que denunciam o processo de desumanização dos grupos colocados na condição de precariedade/vulnerabilidade. Para Couto Junior, Oswald e Pocahy (2018, p. 136), os memes podem contribuir para “que brechas sejam pensadas e colocadas em prática por alunos e seus professores com o objetivo de se planejar/executar ações que desconstruam olhares (hetero)

<sup>53</sup> Disponível em: <https://blogdofumanchuphb.blogspot.com/2018/03/trate-bandidos-como-vitima-um-dia.html>. Acesso em: 09 abr. 2023.

normativos.”, especialmente quando exalam discursos de ódio e ‘personagens’ da vida cotidiana que colocam em funcionamento o ato irresponsável de hierarquizar/desqualificar grupos de sujeitos, como asseveram os autores.

Após termos lido o texto produzido por Teixeira, Couto Junior e Brito (2021)<sup>54</sup> sobre como analisar os memes e os comentários produzidos e disseminados por internautas, tivemos a oportunidade de nos reunir, em uma conversa *online* com a autora e pesquisadora, por meio do *Zoom* (Figura 35).

Figura 35 - Roda de conversa com Marcelle Medeiros.



Fonte: a autora, 2022.

Na ocasião, Marcelle nos convidou a olhar, criticamente, para as repercussões sociais da atualidade, marcadas por intensas disputas políticas, inclusive no que se refere às questões raciais. Essas iniciativas visam deslegitimar não apenas quem é atacado, mas toda a discussão sobre as questões raciais pautadas pela negritude. Nesse sentido, torna-se necessário a criação de um ‘filtro’, que nos permita entender que nem tudo o que está na *Internet* tem seu lado bom. Por meio de compartilhamentos como esses, há a reprodução de discursos de ódio que são extremamente racistas, como nos mostra a canção que segue (Figura 36).

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/359000684>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Figura 36 - Negro drama, por Edi Rock



Fonte: *YouTube*, 2023<sup>55</sup>

A música fala sobre a dificuldade enfrentada nas favelas hoje em dia; de como a miséria afeta a vida de seus moradores; como uma negra e seu filho estão convivendo nessa floresta feita de concreto e aço.

Nesse sentido, é preciso descolonizar o pensamento, a favor de um currículo que estabeleça o diálogo entre diferentes saberes. Ao comentarem as *lives* ciberfeministas, realizadas durante a Covid 19, Fernandes, Santos e York (2022), ressaltam que:

nesse espaço de potência é possível reconhecer práticas culturais de ativismos, engajamentos, protagonismos e ações de alteridade, produção coletiva, dinâmica, “inter-ativa”, “recre-ativa” e profundamente criativa. Essa abertura ao debate, em que tensões, resistências e lutas são travadas nas pautas sociais e políticas, a interpretação e a atribuição de sentidos críticos às expressões ideológicas plurais são disparadoras da construção de contradiscursos ante as narrativas hegemônicas. (Fernandes; Santos e York, 2022, p. 141)

Com efeito, esses espaços multirreferenciais de aprendizagem e pesquisa de campo, juntamente como os canais do *YouTube* ocupados pelas mulheres negras, são propícios à emergência de novos coletivos, práticas e metodologias interativas, fortalecendo os afetos,

<sup>55</sup> Canção de EdyRock e Mano Brown. Disponível no link: <https://www.YouTube.com/watch?v=TzsGBsjW2Dk>. Acesso em: 26 abr. 2023.

pertencimentos e identidades, consistem em ambiências *online*, ou seja, espaços físicos e virtuais que se entrelaçam, tornando a sala de aula mais flexível, e promovendo processos formativos, autorias e partilhas, com desdobramentos e operações conceituais geradoras de novas perguntas de vida e de pesquisa. Constituem, portanto, ‘*espaçotempos*’ de resistência e re (existências).

Além de facilitarem a criação e publicação de conteúdo em diversos formatos, como texto, áudio imagens estáticas e em movimento, permitem explorar diferentes formatos multimídia para contar histórias, criar arte interativa ou desenvolver experiências imersivas. Mediante o acesso a informações e o aprofundamento de conhecimentos diversos, essas ambiências possibilitam a colaboração, a dialogicidade, a interatividade, e o compartilhamento de ‘*fazeressesaberes*’, o que enriquece a experiência educacional, potencializa e estrutura novas sociabilidades, e fomenta o pensamento crítico, tendo em vista a construção coletiva do conhecimento.

## **5.2 Identidade estética como propulsora de empoderamento negro**

No que se refere à estética, o empoderamento negro envolve a identidade e a autoafirmação, conectando os sujeitos com sua cultura e história. Desse modo, a luta do homem negro contra o racismo faz parte de uma luta coletiva, um ato político que une o povo negro, haja vista a necessidade de acabarem com esses estigmas históricos sobre seus corpos, num esforço conjunto de romper com os padrões estéticos brancos, orgulhosos de sua cultura e identidade negra, marcas de sua ancestralidade. Mas, é preciso mais: é necessário quebrar paradigmas, estereótipos e crenças negativas que colocam pessoas negras em situação de submissão.

Bem sabemos que as representações negativas dos negros no Brasil foram construídas por meio de um imaginário, levando em conta os longos anos de escravidão. A charge, a seguir (Figura 37), mostra a face velada do racismo brasileiro, ou seja, o comportamento de uma parte da sociedade, na qual o indivíduo, mesmo sabendo que o racismo existe, não se assume racista; possivelmente, respaldado na ideia de que vivemos numa democracia racial, que presume que as relações existentes no país são harmoniosas.

Figura 37 - O racismo velado, 2015.



Fonte: A face oculta do racismo<sup>56</sup>

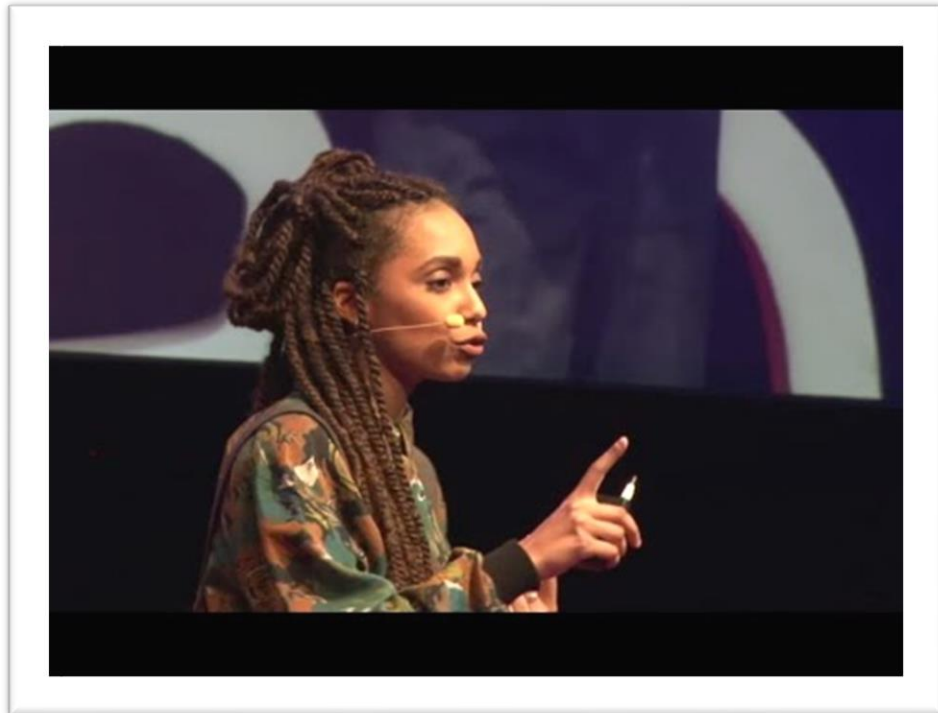
Na mídia, mais precisamente nas redes sociais, identificamos conteúdos racistas - como é o caso da pesquisa no *Google*, que maculam as imagens de uma parcela da população, buscando associá-las a contextos de crimes e violências.

Como mencionado, anteriormente, para refletirmos sobre a identidade estética negra, durante um de nossos encontros, assistimos ao vídeo disparador “Tour pelo meu corpo no canal Gabi De Pretas”. A partir desse ponto, temáticas como corpo, traços, transição capilar foram bastante ressaltados, nos encontros e, sobretudo, a estética que é um ponto central e unânime nos canais das *youtubers* pesquisadas.

A *youtuber* Nataly Bery, do canal Afro e Afrins no vídeo “A mulata que nunca chegou” (Figura 38), nos faz refletir sobre a expectativa que a sociedade impõe à gente, e como isso lhe impactava: “*a mulata me colocava na poesia, a mulata me colocava na bossa nova [...]*” – um lugar muito distante de sua realidade: era apenas uma criança de oito ou nove anos.

<sup>56</sup> Charge, muito utilizada em nossas instituições de ensino, de autoria de Quino (1932-2020), cartunista e humorista argentino, autor das famosas tiras da personagem Mafalda, uma menina inteligente e contestadora, que ganhou grande repercussão no cenário mundial. Ainda que sua origem seja argentina - uma realidade diferente da nossa, seu conteúdo reproduz um comportamento cada vez mais presente na sociedade brasileira. Disponível em: <https://afaceocultadoracismo.wordpress.com/category/atividades/>. Acesso em 03 mai. 2023.

Figura 38 - A mulata que nunca chegou, 2019.



Fonte: *YouTube*, 2019<sup>57</sup>

Nátaly, estudante de Ciências Sociais na Unifesp, em São Paulo, digital *influencer* e responsável pelo canal no *YouTube* Afros e Afins, fala sobre preconceito e a coisificação da mulher negra.

**Professora-pesquisadora (DC)** – “*Sempre me julgaram por ser preta e não saber sambar. Afinal, toda mulher preta periférica, deve saber sambar? 😞 Será que eles quando olham para as mulheres pretas e gordas, querem saber se elas sabem sambar? Penso que ainda existe um padrão inventado do corpo ideal, mesmo sendo preto*”.

A mulher negra continua sendo tratada, pela mídia, como objeto de sedução, especialmente nos festejos carnavalescos, nos quais seu corpo é exposto ao público para milhões de expectadores. Isso nos remete à ideologia colonialista brasileira, na qual essa mulher era estuprada por seus senhores; comportamento aceito pela sociedade, em geral.

Quanto à representação estética, o corpo da mulher negra traz as marcas da exclusão social dado que ser negro, no Brasil, é conviver com o preconceito racial. A pele negra não é a

<sup>57</sup> Disponível em: <https://youtu.be/02TBfKeBbRw>. Acesso em: 29 abr. 2023.

cor de pele vendida nas revistas e na televisão; ao contrário, a pele negra raramente aparece nesses veículos de comunicação.

A esse respeito, praticantes N e A, assim se expressam:



**Praticante N** - *“Abrindo parênteses, queria contar uma história, que, infelizmente vivenciei, na escola em que trabalho, na Gávea, onde não há crianças pretas.*

*Em uma sala de aula, havia duas bonecas: uma branca e outra preta. Notei que duas meninas estavam discutindo, brigando muito. Fui ver o que estava acontecendo e a ‘Teté’ (nome fictício) estava disputando a boneca branca. As duas só queriam a boneca branca.*

*Aí, eu pensei: “Ah! Elas não viram a outra boneca, ali - a boneca preta. Fui lá, peguei a boneca, e falei que havia outra; que não precisam brigar, e tudo mais...E ai, uma das meninas falou que não queria, porque aquela não era bonita. E, falou, aos prantos: “essa não é bonita”. Ai eu falei: “Tá, porque vc não acha que ela é bonita? Por quê? Me conta?” Ai, ela apontou para cor da pele. “Ela não é bonita! Ela não é bonita!”*

*Isso mexeu muito comigo; foi um choque, porque a gente nunca espera isso de uma criança. Foi um choque de verdade, pois eu nunca tinha vivenciado algo parecido. Fiquei nervosa, pois não sabia lidar com aquilo. Eu olhava para os lados e não havia ninguém para intervir, para falar com mais propriedade. Eu consegui reverter a situação e falar com ela: “Teté, mas isso não importa! Olhe, ela vai ficar triste. Vamos brincar com ela. Vamos fazer uma comidinha? Vamos dar banho nela?”. Daí ela acabou se distraíndo, e brincou.*

*Mas, porque eu estou contando isso? Porque vejo que é muito importante que o ciberativismo chegue a todos, para que mudem seus olhares, já que estamos imersos nisso.”*

A narrativa de Nicole evidencia que na escola - um ‘espaçotempo’ frequentado cotidianamente por crianças, jovens e adultos, os sujeitos vão aprendendo, desde cedo, a estabelecer relações consigo mesmos e com os outros. Gomes (2002, p. 45) ressalta que a escola é um dos locais em que essa inferiorização inicia, na medida em que a convivência entre brancos e negros, nesse cotidiano favorece a percepção das diferenças entre eles, particularmente em relação à cor da pele e ao tipo de cabelo. Ressalta, desse modo, a diferenciação entre ser negro e ser branco na sociedade brasileira, considerando que “uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos”.

E, qual é o lugar da questão racial e da diversidade étnico-racial na escola? Como já mencionado nesse estudo, os currículos oficiais, são fortemente impregnados da presença das culturas hegemônicas, enquanto as culturas e vozes de grupos sociais marginalizados ou minoritários, quase sempre continuam a ser silenciadas, negadas e ridicularizadas. Nessa mesma direção, Hooks (2013) afirma que a escola não somente deixa de acolher e motivar a construção de identidades e subjetividades não brancas, como também contribui, significativamente, para o silenciamento das mesmas.

Compreender os modos como a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, “tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla, e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos, pode ser considerado um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional”, assevera Gomes (2012, p. 104).

Nessa perspectiva, torna-se necessário que a escola, juntamente com a sociedade combata o preconceito e a discriminação racial, criando estratégias outras que possibilitem que as crianças lidem com a diversidade e com a pluralidade que se apresenta em seu entorno. Nicole ela mostrou-se atenta a essa urgência. Sua narrativa evidencia essa preocupação, quando, ao tentar reverter a situação criada pela disputa da boneca, *fala: “Teté, mas isso não importa! Olhe, ela vai ficar triste. Vamos brincar com ela. Vamos fazer uma comidinha? Vamos dar banho nela?”*, permitindo, dessa forma, que a menina se acalmasse e voltasse a brincar.

Com efeito, mais do que a implantação e a implementação da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (Brasil, 2008), que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, a Resolução CNE/CP 01/2004, que institui diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; e a Resolução CNE/CP 04/2018, com essa mesma finalidade, os desdobramentos deles advindos nos processos de formação de professor, na pesquisa acadêmica, na produção de material didático, na literatura, entre outros, deverão ser considerados como mais um passo no processo de descolonização do currículo.



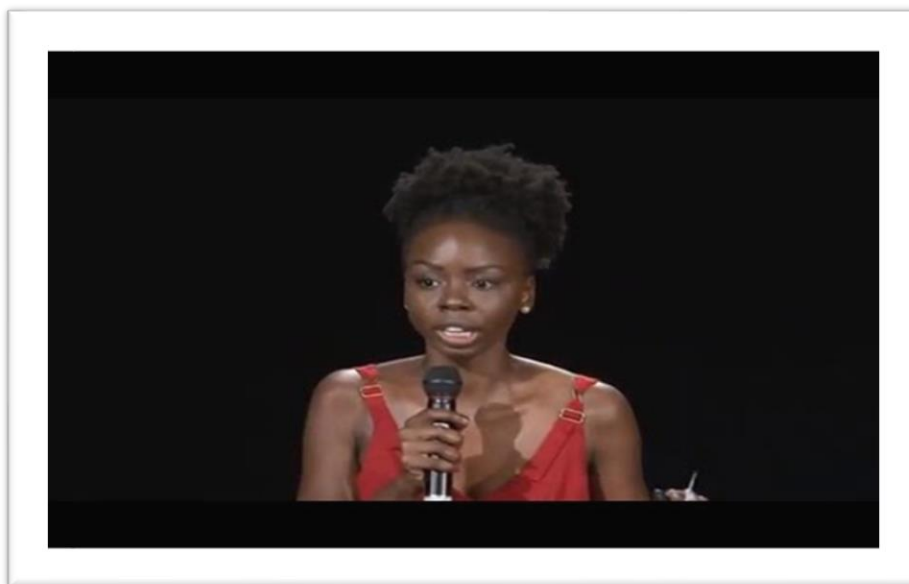
**Praticante A** - *“É interessante ver o preto sendo protagonista da sua história, da sua vivência, do seu conteúdo, e para além disso, poder passar essa conscientização para todos nós. E isso se mostra essencial pois durante décadas e décadas tivemos um padrão imposto- o branco é o aceito, é o bonito. É importante, e também, para o*



*autoconhecimento, para que a pessoa negra possa se ver e se sentir bonita e se aceitar como é”.*

Uma questão recorrente é o autoódio e a auto-aversão identificados pelas *youtubers*, ao trazerem como eixo central a mulher negra e suas características fenotípicas. Muito dos comentários que surgiram em nossos encontros era como iniciaram o alisamento do cabelo na infância, e somente na idade adulta passaram pela transição capilar e, por vezes, desistiram. Seria o alisamento, então, uma estratégia da tentativa de apagar esse estereótipo, na busca por aceitação? No vídeo, a seguir, Gabi Oliveira questiona se teria alguma forma de mudar esse estereótipo carregado de subjetividades negativas sobre o corpo negro (Figura 39).

Figura 39 - Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam (2019)



Fonte: *YouTube*, 2019<sup>58</sup>

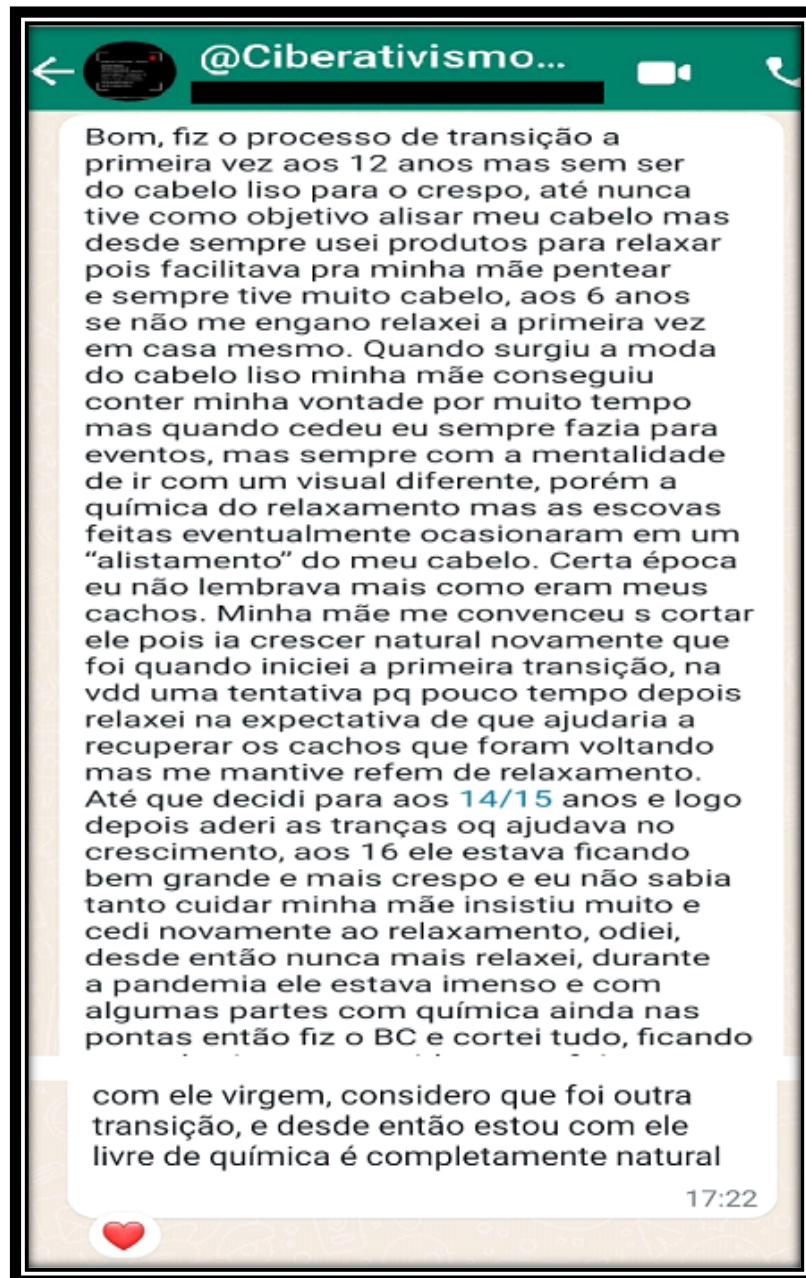
Nesse vídeo, Gabi Oliveira questiona se teria alguma forma de mudar esse estereótipo carregado de subjetividades negativas sobre o corpo negro. Reafirma a necessidade de descentralizarmos narrativas e refletirmos sobre como são construídas as histórias presentes, ainda hoje, no imaginário de marginalidade fomentado pela colonialidade; uma visão racista e classista na defesa da centralização de poder.

Para Gomes (2019), o cabelo é considerado como um sinal crítico, marca da negritude nos corpos; um elemento que materializa a identidade negra. Nesse sentido, ele é parte constitutiva do corpo individual e biológico, mas é, principalmente, corpo social e linguagem, como forma de expressão e símbolo de resistência cultural.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=FYg-vQwm3Lo&t=37s>. Acesso em: 20 abr. 2023.

A reflexão em forma de relato sobre o processo da praticante M nos mostra sobre sua transição (Texto 3, figura 40).

Figura 40 - Texto 3: transição capilar, 2022



Fonte: *WhatsApp* da turma, 2022.

Grosfoguel (2009) propõe que as relações de poder que estão na trama dessas estruturas sejam reconhecidas e subvertidas mediante a descolonização da linguagem. Nessa perspectiva, é preciso ir além das bases do patriarcado, do capitalismo, da colonialidade e da modernidade eurocentrada, presentes na formação das culturas de nossas sociedades; buscar outras possibilidades criadas pelos próprios grupos subalternizados, a partir de suas próprias práticas, cujas relações redimensionadas em parâmetros outros, se alicerçam em eixos não centralizados.

Ainda sobre o cabelo, **praticante O** se expressa: “Eu deixei meu cabelo crescer.”, afirmando não ter problemas com o seu estilo *Black Power*; que o problema é o outro e não ele; ou seja, como a sociedade o vê, pois é só um cabelo.

O movimento negro no Brasil, desde os anos 70, luta pela valorização e respeito às pessoas que exibem seus *black powers* para a sociedade, sem medo de críticas. Assim, o cabelo *black power*, como instrumento de aceitação e identidade cultural, visa desconstruir a imagem do padrão de beleza eurocêntrico, e promover o real empoderamento, afirma Berth (2019, p. 141), quando ressalta que “entender a autoavaliação de si mesmo e, principalmente, conseguir detectar aquilo que o sistema conseguiu adulterar em nós mesmos, é um ato político importante, sendo preciso romper com práticas de silenciamento de estruturas opressoras

Ao pensamos sobre o fenótipo socialmente aceitável ou inaceitável da população negra, identificamos referências ao corpo negro, ao formato dos lábios, ao nariz, aos olhos, às tranças e à cor da pele, e percebemos a tentativa histórica de colocar brancos no lugar de pretos quando é conveniente, inclusive se tratando de marcas famosas. Nesse contexto, as mídias são representações das relações sociais existentes de nossa sociedade, que impactam nossas subjetividades.

Nessa perspectiva, as influenciadoras negras, por meio de seus canais no *YouTube*, têm trazido representatividade às mulheres negras, debatendo situações cotidianas, trazendo suas experiências, apresentando produtos de beleza, mostrando como cuidar dos cabelos, da pele, e como se vestir, o que se reflete no aumento de cabelos naturais, na criação de produtos para cabelo crespo e maquiagem, conforme relatos das praticantes, a seguir.



**Praticante B** - *“Uma ocasião, ao passar produtos fortíssimos em meu cabelo, cheguei a ferir minha cabeça. Depois disso, passei a usar outras químicas e, hoje, tenho orgulho do meu cabelo natural.”*



**Praticante A** - *“Estava comentando com minha colega, que alisa o cabelo há muito tempo, que quando eu era criança todo mundo usava henê, pois nem pensar deixar natural. E, hoje olho assim, o cabelo de vocês tão bonitos.”*

No vídeo, a seguir, Xan (Soul Vaidosa) fala sobre como o volume de seu cabelo incomodava. Afirmar que, como consequência do racismo, “geralmente a mulher precisa passar por um processo de aceitação para se descobrir bonita, descobrir que seus traços são perfeitos, seu cabelo é maravilhoso e que não tem nada de errado”. Xan conta que descobriu esse processo ao pesquisar no *YouTube* (Figura 41).

Figura 41 - Tudo sobre meu cabelo – volume e aceitação (2018)



Fonte: *YouTube*, 2018<sup>59</sup>

Esse relato evidencia a força do movimento das mulheres negras, nesse processo de influenciar o público, como se pode observar, nos comentários que seguem, extraídos do *YouTube*.

😊 “Realmente o racismo impede que a mulher negra se ame logo de cara; tenho 29 anos e descobri ano passado que eu sempre fui bonita, coisa que eu nunca tinha reparado!”

😊 “Eu odiei meu cabelo pelo volume por mt tempo... hj é o que eu mais amo. A sua jornada é parecida com a minha transição, o *YouTube* me ensinou que não precisamos estar assim e podemos nos gostar... Um beijooo. Amo você.”

😊 “Admiro vc Xan eu sempre alisei o meu cabelo minha vida toda hj estou com o cabelo natural pq fui obrigada por questões de saúde por usar tanta química. Hj está 100% natural mas odeio volume. Vivo em um ambiente branco e racista, e todos os dias tenho que me esforçar em aceitar o meu cabelo para poder me relacionar com as pessoas. É muito difícil,

<sup>59</sup> Disponível em: <https://youtu.be/QC2y5Ej-Xg0>. Acesso em: 30 abr. 2023.

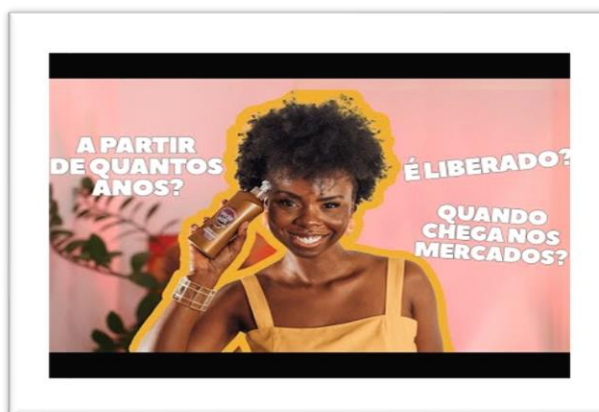
*mas graças as blogueiras, assim como vc, a cada dia tento arrumar melhor e realmente achar esse cabelo bonito. Obrigada pelo seu trabalho.”*

😊 *“Minha relação com o meu cabelo sempre foi de indignação por ser obrigada a relaxar desde os 5 anos, era como uma rotina (torturante) saber que mensalmente perderia uma tarde inteira pro procedimento... Desde minha primeira transição (sim, não tive só uma) aceitei super feliz o meu volume e pouca definição, afinal nunca gostei de cabelo "lambido"! As pessoas me perguntam o que eu faço pra ele ficar volumoso, mas acho que já é da própria natureza do meu black! (pensei que era o corte, mas agora tá completamente irregular e é só secar que assume o lugar kkkk).”*

Não há dúvida de que as mídias reverberam as relações existentes na nossa sociedade e, assim, mexem com nossas subjetividades. Ao ocuparem esses espaços, como influenciadoras negras, essas *youtubers* despertaram o interesse de grandes marcas, tendo em vista a comercialização de cosméticos específicos para a mulher negra brasileira.

No vídeo, a seguir, a *youtuber* Gabi de Oliveira relata a importância de desembaraçar os cabelos sem sentir dor, por exemplo, para demonstrar seu produto (Figura 42).

Figura 42 - Tudo sobre o Seda by Gabi (2021)



Fonte: *YouTube*, 2021<sup>60</sup>

Esse vídeo trata do lançamento do Seda By Gabi Oliveira, “Crespo force”, sua própria marca de produtos para cabelos crespos.

Seguem algumas reações de internautas a esse vídeo:

😊 *“É tão extraordinário ver uma crespa estampando marcas e, principalmente, uma das marcas de produtos que nos dão esse momento com nosso cabelo, de carinho e cuidado.*

<sup>60</sup> Disponível em: [https://youtu.be/FcpP8g\\_L0rU](https://youtu.be/FcpP8g_L0rU). Acesso em: 01 abr. 2023.

*Atualmente sou careca, mas quando eu tinha meu black, não querendo puxar sardinha, a Seda era uma das marcas em que eu consumia muito por costumeiramente já me entregar a maciez que eu curtia. Então vendo você Gabi, estampando a marca, é uma conquista que sabe...sem palavras, PARABÉNS demais, és muito merecedora (...)*”.

😊 “Eu sabia que esse tipo de iniciativa partiria de uma mulher crespa. Há muitos cremes para cabelo cacheados no mercado, que dizem servir para cabelo crespo, mas sabemos que só tapeia, pq no final o público-alvo são os de cabelo cacheados. Gabi pensou não só na gente, mas como as crianças que também são esquecidas. Obrigada por isso, parabéns pela conquista, pelo carinho no desenvolvimento desse produto, meu black money vai pra sua linha com muito orgulho!”

😊 “Os vídeos da Lívia Z. tiveram participação nesta vitória. Ela bate forte na seda por lançar produtos para cabelos crespos com imagem de pessoas que têm cabelos cacheados. E hoje, podemos comemorar essa vitória! Não esqueça de agradecê-la! Super feliz por você, por mim e por todas as (verdadeiramente) crespas do Brasil. Love U!”

😊 “Gente, olha o Brilho da Gabi; é contagiante. Essa sua conquista é de todas nós. Já queremos a linha toda com tudo que nosso cabelo tem direito”.

A maioria dos comentários relaciona-se a elogios quanto à iniciativa de investir, junto com a Seda, numa linha de produtos de beleza, própria, sugestões de temas para próximos vídeos, além de parabeniza-la por tão bem representar a mulher negra e atende-la em suas necessidades e demandas.

Após termos assistido a esse vídeo, fizemos uma roda de conversa para discutirmos seu conteúdo, ocasião em que, mais uma vez, a temática da transição capilar ganhou vulto, como mostra a narrativa da praticante.



**Praticante T** – “Como trabalho e estudo, o cabelo alisado me dava menos trabalho. Cabelos crespos embarçam muito e requerem mais cuidado, mais cremes. Mas, agora que vi que o alisamento enfraqueceu meu cabelo, que ficou ralo, com falhas, resolvi deixar ele voltar ao natural, só passando tinta sem química.”

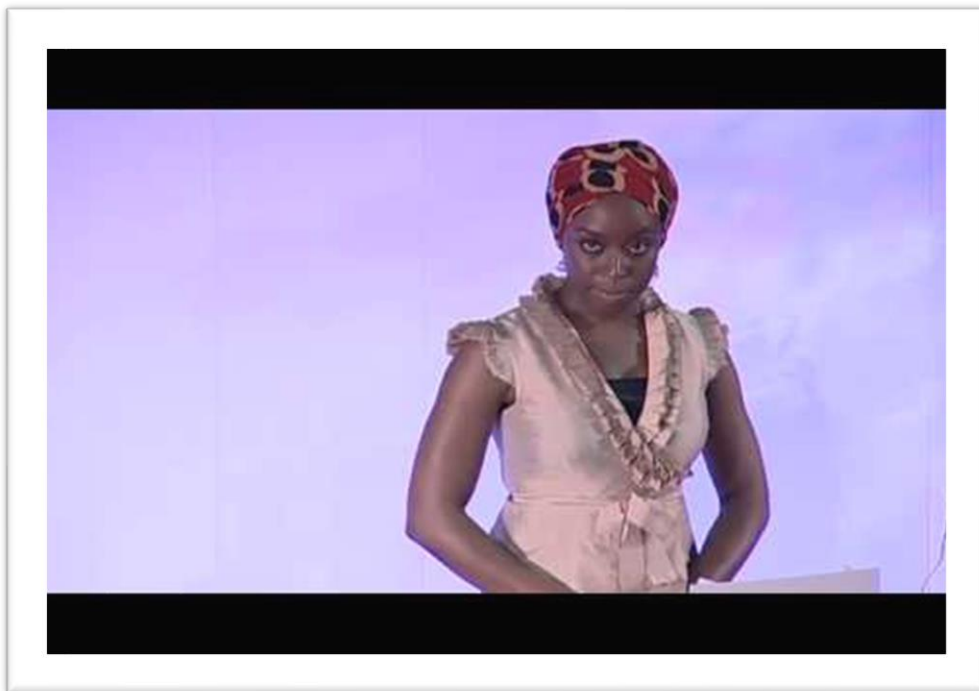
Nesses tempos de luta pela diversidade — humana, de gênero e cultural, representatividade importa, na medida em que essas influenciadoras digitais, criadoras de conteúdo negro, trazem à discussão questões relacionadas ao racismo, mas, também, temáticas

outras vinculadas à beleza, à estética e à própria vida, contribuindo para dar visibilidade e protagonismo às mulheres negras.

Sem dúvida, a parceria entre *youtubers* e grandes marcas traz benefícios para ambas as partes. Um deles se refere ao componente comercial, sobre o qual Gabi Oliveira adverte que é preciso estabelecer nosso preço, construir nossa marca, sempre atentos à credibilidade, para não nos transformarmos numa peça publicitária. O outro componente diz respeito ao valor simbólico que essa parceria carrega ao relacionar racismo à indústria da beleza, evidenciando pontos cruciais sobre a subjetividade da mulher negra e do que é considerado belo, o que é aceitável, o que é o padrão universal e como esse processo de embranquecimento adoce o ser.

Diante de tudo que lemos, vimos e ouvimos sobre a identidade estética como fator de empoderamento, impossível não lembrar da mensagem de Chimamanda Adichie <sup>61</sup>, quando nos alerta sobre “O perigo de uma história única (Figura 43).

Figura 43 - O perigo de uma história única (2011)



Fonte: *YouTube*, 2011<sup>62</sup>

De forma bem simples, Chimamanda fala sobre o perigo, constante (do qual ninguém está livre) de nos apegarmos a uma única narrativa, dando exemplos de sua própria trajetória.

<sup>61</sup> Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, é atualmente uma das maiores vozes da literatura africana. Suas obras já foram traduzidas para mais de trinta idiomas.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://youtu.be/qDovHZVdyVQ>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Desse modo, torna-se necessário checar o que nos é contado sobre terceiros, dado que narrativas tanto podem destruir a dignidade de um povo, desumanizando-o, como podem restaurar essa dignidade perdida. Nessa perspectiva, a descolonização do currículo propõe o comprometimento com os dois lados, a fim de promover “um equilíbrio de ‘histórias’”. Quando as praticantes se identificam com os vídeos das *youtubers* que tratam do processo de transição, da descoberta do seu corpo negro, de seus traços, vivenciam um momento de descoberta de uma outra história que, até então, não lhes fora contada - uma história de aceitação, na qual um corpo considerado fora dos padrões definidos por um pensamento, retrógrado e hegemônico, também é aceito.

### **5.3 Formação de professores para uma educação antirracista, democrática e intercultural**

Uma educação antirracista feminista, democrática e intercultural pressupõe reconhecer as opressões e combater as desigualdades que afetam as mulheres negras, valorizando suas histórias, seus saberes e culturas, tendo em vista a desconstrução de estereótipos e preconceitos naturalizados, a ampliação da diversidade de perspectivas, o desenvolvimento da reflexão e da crítica, além do fortalecimento das redes de apoio.

As relações raciais no Brasil são marcadas por profundas contradições. Ao mesmo tempo em que parcelas significativas da população negra se encontram em situação de desvantagem, no quadro de perversa desigualdade social, fruto de histórico processo de discriminação, o racismo é negado tanto oficialmente como no senso comum. Em muitos casos, evoca-se a mestiçagem do povo brasileiro como fator de unidade e ausência de conflito (Santana, 2001, p. 37).

Seja nos cotidianos escolares, nos currículos oficiais ou nos diferentes ‘*espaçotempos*’ de aprendizagem, valores, ideologias, símbolos, vivências, preconceitos e interpretações convivem, de maneira tensa. A discriminação racial se faz presente como fator de seletividade na instituição escolar, preponderando o silêncio e a invisibilidade da população negra nas práticas pedagógicas e nos recursos materiais utilizados nas instituições escolares.

Essa realidade exige a descolonização dos currículos, o que não significa apagar os saberes científicos neles presentes, ou substituí-los, mas possibilitar que outros saberes sejam incorporados, contemplando diversos olhares. “É evidente que um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teorias são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e



com referências obscuras (Hooks, 1994, p. 89).” Para a autora, o abismo entre a teoria e a prática na academia é intencional, com vistas a perpetuar o elitismo intelectual que produz teorias irrelevantes para o todo, e promove uma falsa dicotomia entre a teoria e a prática.

Nas relações estabelecidas entre os sujeitos da escola, pertencer ou não a um segmento étnico/racial constitui um diferencial nos momentos de avaliação, em relação as expectativas construídas em torno do desempenho escolar e na maneira como essas diferenças são tratadas. Ainda que, de forma gradativa, os currículos oficiais venham incorporando leituras críticas sobre a situação do negro, e alguns docentes se empenhem em trabalhar a questão racial no ambiente escolar, o cabelo e outros sinais diacríticos continuam sendo usados como critérios para discriminar negros, brancos e mestiços, enfatiza Gomes (2002).

Para a autora, a questão da expressão estética negra é um tema pouco explorado pela pedagogia brasileira. Desse modo, ao largo desse processo investigativo, criamos atos de currículo (Macedo, 2013) sobre essas questões, apoiados em dispositivos diversos, como textos, sons e imagens estáticas ou em movimento, que geraram diversas narrativas dos praticantes, em seus diferentes formatos.

Sobre a necessidade de descolonizarmos currículos, seguem as reflexões, a seguir:



**Praticante L** - *“O maior desafio é o reconhecimento da pluralidade.*

*Sem esse reconhecimento é impossível pensar em descolonização de currículos ou educação democrática.”*



**Praticante B** – *“Somente uma perspectiva decolonial será capaz de*

*formar professores que consigam compreender que os desafios enfrentados em nosso sistema educacional têm origem econômica e social.”*



**Praticante V** – *“Passamos por 4 anos de negacionismo, 4 anos de*

*pura barbárie! A repercussão disso se encontra nos materiais didáticos e nos conteúdos que são passados em sala de aula. Então, hoje consigo entender que olhar a formação dos professores na perspectiva decolonial implica a hipótese de que professores são essenciais nesse processo de construção de uma sociedade mais democrática.”*



**Praticante L** – “São os professores que irão ensinar novos alunos e para isso, é de extrema importância que, aprendam a ter uma visão ampla, com diversos sentidos e perspectivas, aumentando a pluralidade entre a sociedade.”



**Praticante H** – “Vejo que é através da educação que se orienta, se educa e se forma cidadãos “iguais”. É através da educação que entendemos sobre a igualdade ou a diferença racial, (...) é importante olhar e considerar a diversidade.”

Dado que a formação consiste num processo que se estende ao longo de nossa vida, e acontece em diferentes ‘*espaçostempos*’, propor atos de currículos (Macedo, 2013), que favoreçam o processo formativo de nossos estudantes, faz-se necessário para melhor compreensão da realidade. Nesse sentido, a família e a comunidade, juntamente com a escola, exercem papel fundamental no combate ao racismo, como destaca o vídeo, a seguir (Figura 44).

Figura 44 - Papel da escola e da comunidade no combate ao racismo (2022)



Fonte: *YouTube*, 2022<sup>63</sup>

Este vídeo apresenta trechos da jornada formativa "No Chão da Escola: Educação Antirracista", realizada pelo Instituto Alana em julho de 2021.

<sup>63</sup> Disponível em: <https://youtu.be/u3Z5G16954Q>. Acesso em: 03 mai. 2023.

evento que busca refletir sobre caminhos para fortalecer a pluralidade das infâncias e o combate ao racismo nas escolas e para além delas.

A esse respeito, a praticante G assim se expressa:



**Praticante G** – *“Na minha experiência, em relação a educação infantil, acho que o maior desafio são as famílias, pois sabemos que as crianças não nascem preconceituosas, elas aprendem em casa com o exemplo e atitude dos pais. Por isso, lidar com a reeducação das próprias famílias e das crianças, seria o maior desafio, já que uma parte da educação começa no ambiente familiar. Então, se na escola estamos trabalhando, consequentemente tem que ir para a família também.”*

Com efeito, os atos de currículo, como um sistema aberto ao diálogo, e o processo de formação, como uma atividade de sujeitos-atores coletivos, reconhecem a individualidade e as especificidades do outro ou de um outro grupo, modificando tanto o pesquisador como o seu entorno formativo.

Como nos ensina Macedo (2010), a formação como *práxis* traz em seu bojo a ideia de interformação e de transformação. Nesses termos, a experiência da aprendizagem social e existencialmente formativa, quando orientada por um contexto curricular, torna-se fundamental para compreendermos e medirmos a formação, fundante no processo educativo.

Em um de nossos encontros solicitamos aos nossos praticantes que pesquisassem, nas redes sociais, discursos de ódio, intolerância, sarcasmo e/ou *fake news*, de cunho racista, em charges, vídeos e comentários, em geral. A facilidade de escrever e compartilhar essas postagens, bem como a certeza da impunidade, facilitaram a pesquisa dos estudantes. As imagens, comentários e narrativas foram objeto de nossos debates, e reflexões apontando-nos para a necessidade de combatermos essas práticas. A maior parte das postagens selecionadas e que foram se relacionavam à morte de Marielle Franco e à ascensão da jornalista Maju.

Na Figura 45, adiante, um jovem se vale do sarcasmo para comparar a morte da vereadora com a de uma cadela, abatida por um segurança de um supermercado. No post, por meio de uma enquete, ele questionava quem faria mais falta.

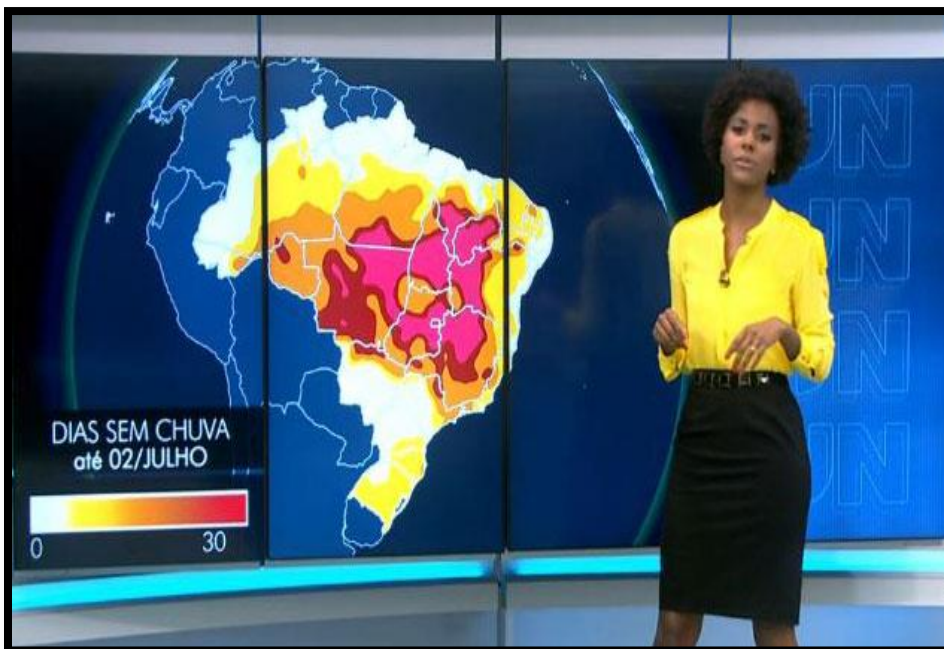
Figura 45 - Comparação de Marielle a uma cadela, 2018



Fonte: Esquerda Diário, 2018<sup>64</sup>

Outra vítima de comentários preconceituosos e racistas foi a jornalista Maju Coutinho: a moça do tempo: “*Vai tomar banho e tirar essa cor preta*”, “*projeto de escapeamento*”, “*a tela da minha TV está preta*” e “*o tempo está preto hoje*”, foram alguns dos ataques que a apresentadora sofreu (Figura 46).

Figura 46 - Previsão do tempo, 2022



Fonte: Veja São Paulo, 2022<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Eleitor-de-Bolsonaro-faz-piada-comparando-Marielle-Franco-a-cadela-morta-em-SP>. Acesso em: 04maio 2023.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/maria-julia-coutinho>. Acesso em: 05maio 2023.

Algumas narrativas acerca dessas postagens:



**Praticante L** – *“Sendo muito sincera, o que mais chamou a minha atenção foi o fato de haver tanta gente produzindo este e outros tipos de conteúdo audiovisual online. Como não acompanhava nenhum tipo de conteúdo, fiquei realmente surpreso.”*



**Praticante C** - *“Poder estudar mais sobre esses temas de uma maneira tão leve me fez perceber que vão em direção contrária aos livros de história que li no ensino médio. Eu sempre estudei na ótica do eurocentrismo e essa aproximação me trouxe vontade e garra para continuar lutando pelo antirracismo. Tem variados vídeos supereducativos no YouTube, que podemos utilizar na educação escolar”*



**Praticante G** - *“Todas as trocas ocorridas em sala de aula têm sido boas. Com exemplos tenho aprendido, olhando para as youtubers falando e com as pessoas contando sobre suas vidas e o que ocorreu com alguns da turma.*



**Praticante L** - *“A capacidade de refletir sobre as questões raciais e os vídeos produzidos pelos criadores de conteúdo certamente são excelentes e contribuem para a formação de cada um de nós”.*

Em sendo a educação um processo contínuo, a transformação, como nos alerta Macedo (2010), permite que reconheçamos se esse processo formativo alcançou sua finalidade. A partir da reflexão acerca de seus percursos pessoais - autoformação (Pineau, 1998), a praticante L se dá conta que não tem acompanhado a evolução das tecnologias e seus usos, surpreendendo-se com as postagens apresentadas e discutidas na turma. Leo, por sua vez, ressalta a contribuição dos debates e dos vídeos trabalhados para a formação de cada estudante. A heteroformação e a ecoformação também são trazidas nas narrativas seguintes, seja nas relações que a praticante G estabelece com os outros (colegas da turma e *youtubers*), na medida em que *‘fazeressaberes’* são construídos, num processo de coautoria, e por intermédio das coisas na inter-relação cidade-ciberespaço, e de sua compreensão crítica, como na narrativa da praticante C.

Alves (1998, p. 15) afirma que:

Não é possível se aceitar a idéia de que a formação docente se dá, exclusivamente, em cursos de formação (ela se dá em múltiplas esferas). Por outro lado, vai se percebendo que ao contrário de serem construídos linear e hierarquicamente, os conhecimentos teóricos e prático-políticos, epistemológicos, pedagógicos, curriculares, didáticos e outros – necessários ao exercício docente, são tecidos em redes.

Com efeito, o professor, como mediador da aprendizagem, desempenha um papel de grande relevância na tessitura desse conhecimento em/nas redes educativas, com vistas à formação de um indivíduo capaz de pensar de modo coerente e independente, dado ser impossível pensar a educação, em geral, em ‘*espaçostempos*’ de aprendizagem atravessados por indícios e vidências, que apontam para a desigualdade racial, para a discriminação e para o preconceito, sem que lutemos por uma educação antirracista.

#### **5.4 Ambiências *online* impulsionam autorias em formatos e níveis diversos**

Como vimos, ao longo da investigação, optamos por criar ambiências *online* que possibilitassem aos estudantes sentir, perceber e vivenciar um ‘*aprenderensinar*’ inspirado numa perspectiva de tessitura de conhecimento na qual todos colaboram, interagem, medeiam, sugerem e se autorizam.

Essas ambiências, além de oferecem acesso quase ilimitado a uma vasta quantidade de informações e dispositivos, possibilitando a realização de pesquisas, aprendizagem de novas temáticas, exploração de diferentes perspectivas e aprofundamento dos conhecimentos, permitem a colaboração entre os praticantes, e o compartilhamento de ideias, escritos e recursos, o que enriquece a experiência educacional e fomenta o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Propiciam, ainda, a explosão de diferentes formatos e estilos de expressão.

Nessa perspectiva, criamos atos de currículo que, associados a interfaces interativas, permitiram, aos praticantes, o exercício do pensamento e da escrita, de forma autoral, potencializando e estruturando novas sociabilidades. Desse modo, após assistirmos ao vídeo em que Emicida canta a canção “Boa Esperança” (Figura 47), abrimos uma roda de conversa, com vistas ao compartilhamento de nossas impressões sobre o que vimos/ouvimos, de onde emergiram narrativas autorais diversas, mostradas, a seguir.

Figura 47 - Boa Esperança (2016)



Fonte: *YouTube*, 2016<sup>66</sup>

Após termos assistido ao vídeo em que Emicida canta a música “Boa Esperança”, abrimos uma roda de conversa, com vistas ao compartilhamento de nossas impressões sobre o que vimos/ouvimos, emergiram narrativas autorais diversas. A praticante M destacou alguns trechos da letra e compôs sua narrativa:

Por mais que você corra, irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o xis da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
 E os camburão o que são?  
 Negreiros a retraficar  
 Favela ainda é senzala, Jão!  
 Bomba relógio prestes a estourar  
 (...)

Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis  
 Tipo campos de concentração, prantos em vão  
 Quis vida digna, estigma, indignação  
 O trabalho liberta (ou não)  
 Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu – extinção.

---

<sup>66</sup> Disponível em: <https://youtu.be/AauVal4ODbE>. Acesso em: 25 mai. 2023.



**Praticante M** – *“O autor traz um pouco da história da negritude - atual e antiga, para fazer uma crítica social muito forte, para um problema que continua sendo grave: o preconceito e discriminação, social e racial, enfatizando que o assunto deve ser debatido, para tentar promover cada vez mais o respeito ao próximo. Emicida chama a atenção o fato de os negros não conhecerem suas histórias porque não eram contadas nos livros. No entanto, querendo ou não a história das pessoas negras vem sendo contada, no espaço cyber. Tudo que acontece agora ao redor do mundo a gente ta sabendo em um segundo. O que acontecia a gente não ficava sabendo e agora a gente vai ficar sabendo sim. E eu fiquei impactada, pois nunca tinha parado para ver, pensar, mesmo que tivesse assistido a canais, e ouvido Emicida.”*

E, a praticante prossegue, destacando o trecho:



Cabulosa inversão, jornal distorção  
 Meu sangue na mão dos radical cristão  
 Transcendental questão, não choca opinião  
 Silêncio e cara no chão, conhece?  
 Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece  
 Vence o Datena, com luto e audiência  
 Cura baixa escolaridade com auto de resistência  
**Pois na era cyber, 'cês vai ler**

*“Depois disso, fui pesquisar outros vídeos e músicas, chegando na da Elza Soares, “O que se Cala”, na qual ela canta: ‘Minha voz uso pra dizer o que se cala. O meu país é meu lugar de fala’. E as youtubers estão usando seus corpos, suas vidas, suas vozes e seus canais sendo o seu lugar de fala”.*

Essas ambiências além de oferecem acesso quase ilimitado a uma vasta quantidade de informações e dispositivos, possibilitando a realização de pesquisas, aprendizagem de novas temáticas, e exploração de diferentes perspectivas e aprofundamento dos conhecimentos, permitem a colaboração entre os praticantes, a troca de ideias e o compartilhamento de ideias, escritos e recursos, o que enriquece a experiência educacional e fomenta o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Propiciam, ainda, o desenvolvimento de autorias, diferentes formatos, proporcionando novas oportunidades de expressão

Como podemos perceber, a narrativa de Maria aponta para o deslocamento de uma *pré-autoria*, na qual o texto elaborado segue a lógica da semelhança e concordância com o que é expresso textualmente, no vídeo, em direção a uma *autoria transformadora*, que vai sendo tecida pela praticante por meio de sua escrita. na qual já se percebe um posicionamento político e crítica sobre a realidade, ao estabelecer uma relação direta entre o conhecimento construído e a própria vida, ao dialogar com novos elementos do viver – a mensagem passada por Elza Soares. Desse modo, traz novos elementos à discussão para, enfim, retornar ao contexto que lhe foi proposto - a atuação das *youtubers*, como ativistas negras que emprestam seus corpos e suas vozes para demarcar o seu lugar de fala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago a minha banda, só quem sabe onde é Luanda  
 Saberá lhe dar valor, dar valor  
 Vale quanto pesa prá quem preza o louco bumbum do tambor  
 Do tambor  
*Gilberto Gil*

Chegamos as nossas considerações finais. Muitos foram os desafios enfrentados. Muito foram os atravessamentos, como, por exemplo, a pandemia do novo coronavírus, que impactou, sobremaneira, o processo de ‘*aprendizagemensino*’, além dos ataques sistemáticos à educação pública.

Nesse contexto, trazer a pauta do racismo à universidade e propor uma educação feminista antirracista, democrática e intercultural demandou a adoção de uma posição ético-política, da qual não abrimos mão. Resistimos, cotidianamente, comprometidos com a supressão da ideia de inferioridade e superioridade de raças, além de valorizarmos as diferenças.

Dado que nos ‘*espaçostempos*’ escolares se encontram diferentes culturas, etnias, valores e crenças e experiências, faz-se necessária a criação de uma ambiência saudável, que garanta os direitos de acesso, permanência e bem-estar de todos estudantes. A partir desse pressuposto, é urgente assumir uma posição antirracista, pois o silenciamento e a omissão acerca do racismo contribui para que essa estrutura racista se perpetue, ampliando a desigualdade racial, com consequências irreparáveis para aqueles que experenciam esse tipo de violência.

Sob esse olhar, promovemos discussões acerca do pensamento hegemônico, repensando o currículo, numa perspectiva decolonial, na busca por outras possibilidades e alternativas; o que nos exigiu um olhar multirreferencial, que considerasse produções de conhecimento distintas da modernidade ocidental – histórias e experiências subalternas, marcadas pela colonialidade, com vistas a um pensamento crítico *outro*.

A questão central “*Como, numa perspectiva decolonial, crítica e humanista, o ciberativismo feminista negro tem contribuído para uma educação universitária antirracista?*” nos guiou pelos labirintos do processo de investigação, possibilitando-nos compreender o papel das ativistas negras escolhidas – Gabi, Xan e Xongani, no contexto de suas redes, no *YouTube*, *contribuem* para uma formação universitária feminista e antirracista, ao dar visibilidade e protagonismo às mulheres negras.

Responder a essa questão implicou seu desdobramento em outras questões, trabalhadas, ao longo desta pesquisa, no movimento ‘*prácticateoriaprática*’.

Ao trazermos nossos percursos metodológicos, optamos por nos distanciar de modelos hegemônicos de se fazer pesquisa, buscando novos olhares epistemológicos crítico-plurais, que foram tecidos na bricolagem da ciberpesquisa-formação, com os princípios da multirreferencialidade e com a abordagem das pesquisas com os cotidianos, em busca de um rigor científico *outro*, que contempla que as desigualdades, as diferenças, as diversidades, as borras e as faltas, que nos configuram e identificam como seres inacabados, constituindo-nos.

Nessa perspectiva compreendemos que, no contexto brasileiro, questões raciais e de gênero, moldam a pirâmide social, na qual o racismo estrutural oferece a matéria-prima para a reprodução e manutenção das desigualdades e da violência. De tão arraigado no tecido social, torna-se praticamente invisível para aqueles que não pertencem a esses grupos. Como consequência, naturaliza-se a violência urbana (cresce, exponencialmente, o número de feminicídios, de mulheres negras), a falta de representatividade dessa população na política, nas mídias, no judiciário, entre outros.

Ao longo dessa pesquisa, no movimento ‘*prácticateoriaprática*’, procuramos descolonizar o currículo oficial, comumente praticado em nossos cotidianos, e dialogamos com os saberes científicos, refletidos em nosso quadro referencial-teórico, entrelaçados aos saberes da cultura, das tecnologias e dos cotidianos, em geral, presentes nas redes sociais, e às experiências de nossos praticantes, expressas em suas conversas e narrativas.

Nesse contexto, temáticas e narrativas veiculadas nos canais do *YouTube* pelas ativistas negras, em geral, e, em particular, por Gabi de Oliveira, Xan Ravelli e Ana Paula Xongani resgatam a história de desigualdade social que produz exclusão, como também dão protagonismo às mulheres negras, com vistas à ressignificação de suas próprias experiências e à criação de novos conhecimentos, celebrando e dando visibilidade ao legado de resistência política e cultural de famílias e comunidades negras.

Conscientes de que somos seres incompletos, em movimento, na busca permanente e desafiadora por novos conhecimentos, a partir de nossas experiências, ao longo da investigação, fomos identificando algumas pistas (indicadores/ações) que nos ajudaram a ‘*fazerpensar*’ uma educação feminista antirracista. São elas:

- *Desconstruir estereótipos e preconceitos* ligados à raça, gênero e classe social, alertando os estudantes para o perigo de uma história única, a fim de conscientizá-los sobre o racismo estrutural e a importância da diversidade e da inclusão;

- *Descolonizar o currículo*, mediante a ampliação da diversidade de perspectivas, rumo a uma ecologia de saberes, que lhes possibilite uma visão mais ampla e crítica da sociedade;
- *Promover discussões e reflexões* sobre questões raciais e sociais, como, por exemplo, representatividade negra na mídia, a importância da identidade, a cultura afro-brasileira e o ativismo negro, questionando normas e padrões vigentes a fim de favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico.
- *Redobrar a atenção com a representatividade das imagens*, a fim de identificar algoritmos racistas e não cair na armadilha de repetir padrões opressores que são naturalizados, buscando alternativas para combatê-los.
- *Fortalecer redes de apoio e solidariedade*, mediante conectividade com mulheres negras de diferentes áreas, na busca de suporte emocional e intelectual. Os laços que essas mulheres podem criar, entre si, muitas vezes invisíveis e distantes, podem culminar em parcerias que despertam debates políticos e sororidade, fortalecendo o movimento antirracista.

Com base nesses indicadores foi-nos possível compreender o papel relevante do ciberativismo feminista negro, no que se refere à luta contra as opressões raciais e de gênero, ainda presentes na atualidade. A partir de atos de currículo que criamos, apoiados em dispositivos materiais e intelectuais, especialmente vídeos e rodas de conversa, analisamos conversas e narrativas de nossos praticantes, o que nos permitiu identificar três noções subsunçoras, nomeadas, como: (a) Descolonização do pensamento: uma forma de resistência e (re) existência; (b) Identidade estética como fator de empoderamento negro; e (c) Formação de professores para uma educação antirracista, democrática e intercultural.

Todas essas descobertas nos fazem concluir que o ciberespaço tem proporcionado uma outra forma diálogo, interação e compartilhamento de informações e conhecimento, fortalecendo a consciência negra e impulsionando ativismos negros nas redes sociais. Nesse contexto, atuação das *youtubers* nos canais do *YouTube* assumem um papel político, na medida em que essas influenciadoras disputam com as mídias, de um modo geral, conteúdos sobre a análise social da condição de mulher negra, com base em suas percepções de padrões sociais, e de continuidades históricas. Ao enfatizarem suas experiências com o cabelo (racismo, beleza, transição capilar, maquiagem), essas ativistas deixam claro a necessidade de enegrecer esses espaços e viralizar a negritude, a fim de minimizar a dimensão coletiva dos conflitos relatados, resultantes do racismo estrutural.

Com efeito, nosso estudo não se esgota em si mesmo. Assume um caráter provisório, na medida em que o conhecimento científico pode ser, continuamente, testado, reformulado e

enriquecido, para melhor compreensão da realidade investigada. Desse modo, acreditamos que o estudo realizado acerca das contribuições do ciberativismo negro feminista antirracista constitui um campo profícuo para outras pesquisas engajadas, podendo ser enriquecido em investigações que enfatizem sua interseccionalidade com outros marcadores sociais.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2019.

ALMEIDA, Wallace Carriço de. **Fact-checking education: Identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes**. 2021. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço escolar como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 1998.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: OLIVEIRA, Inês B. de.; ALVES, Nilda. (org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008. p. 15-38.

ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. *In: ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, XVI, 2012, Campinas. Anais [...] Campinas: UNICAMP, 2012.*

AMARAL, Mirian M. do. **Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online**. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2014.

AMARAL, Mirian M. do; SANTOS, Rosemary dos; BARBOSA, Alessandra. Formação de sujeitos autores-cidadãos na cibercultura: um modo de resistir para re (existir). *Acta Scientiarum. Education* (online), v. 42, p. 1-14, 2020.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

ANDRADE, Nívea.; CALDAS, Alessandra.; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In: Oliveira, Inês B. de; Peixoto, Leonardo F.; Sussukind, Maria Luiza. (Orgs). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília, DF: Plano, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ASSIS, Priscila C. S. **Cabelo, identidade e empoderamento**: quebrando com padrões de beleza na escola. *In*: PINHEIRO, Bárbara; KATEMARI, Rosa (org.). *Descolonizando saberes: A Lei 10.639/2003 no Ensino de Ciências*. São Paulo. Livraria da Física, 2018.

AZEVEDO, Joanir G. de. A tessitura do conhecimento em redes. *In*: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002. p. 55-68.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAQUERO, Rute V. A. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. **Redes**, Santa Cruz do Sul, mai.- ago. 2006.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Liber livro, 2007.

BARBOSA, Alexsandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário Online no *WhatsApp: app learning* em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. *In*: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela G. (org.). **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: OMODE, 2018. v. 1. p. 111-132.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos**: das cruzadas ao século XX. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. E-book.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 4, de 17 de dezembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação Básica, nos termos do artigo 35 da LDB, completando o conjunto constituído pela BNCC da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com base na Resolução CNE/CP n.º 2/2017, fundamentada no Parecer CNE/CP n.º 15/2017. Brasília, DF, 2018

CAMPOS, Cristiane C. **Anastácias sem máscaras**: beleza negra e antirracismo no *YouTube* Brasil. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2020.

CASTILHO, Sueli. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Revista Olhar de Professor**, Ponta Grossa/Paraná, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

COUTO JUNIOR, Dilton R.; OSWALD, Maria Luiza M. B. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, jan.- abr. 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Leidiane. **A comunicação e feminismo: experiências ciberfeministas no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Salvador, 2015.

FERNANDES, Florestan. Prefácio. *In*: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa; YORK, Sara W. Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas. **Revista Docência e Cibercultura**, Online, 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera ou sobre as várias maneiras de sentir e inventar o cotidiano escolar. *In*: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008, p. 101.

FERREIRA, Aparecida de J. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1936.

GALEFFI, Dante A. **Prefácio**. In: MACEDO, Roberto S. **A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-19.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Nilma L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, Set/Out/Nov/Dez 2002.

GOMES, Nilma L. Relações étnico raciais e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan/abr.2012.

GOMES, Nilma L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GOMES, Nilda L. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES; Nelson; GROSGOUEL, Ramon (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

HOOKS, Bell. **Teaching to transgress: education as the practice offreedom**. Nova York/Londres: Routledge, 1994.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University Press, 2006.

JESUS, Carolina M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódio de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

JORNAL DO BRASIL. **Letrar é mais importante que alfabetizar**. Entrevista como Magda Backer Soares. [S.l: s.n], 2000. Disponível em:  
<https://pt.scribd.com/document/260382828/Letrar-e-Mais-Que-Alfabetizar>. Acesso em:

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como “bricolagem”. *In*: BARBOSA, Joaquim G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. São Paulo: Saraiva, 2009.

LEMOS, André. Ciberativismo. *In*: CORREIO Brasiliense, nov. 2003. Disponível em:  
<https://bit.ly/ciberativismolemos>. Acesso em: 17 jun. 2020

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón y Palabra**, n. 41, out./nov. 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. A construção do outro: o ator social não é um idiota cultural. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2006. p. 24-32.

MACEDO, Roberto S.; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro**: sobre a qualidade nas pesquisas qualitativas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto S. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto S. **Atos de currículo e autonomia pedagógica**: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes acontecimentos. Salvador: EDUFBA, 2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária**: experiências transingulares com o método em ciências da educação. Campinas, SP: Pontes, 2020.

MACEDO, Roberto S.; MACEDO, Silvia, M. Currículo: implicações conceituais. *In:* RAMAL, Andrea; SANTOS, Edméa (orgs.). **Currículos – teorias e práticas**. [S.l]: LTC, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In:* CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre editores; Universidade Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.

MANO, Marina L. R.; CRUZ, Dulce M. As práticas e linguagens da cultura digital na educação: uso do *Moodle* e letramento midiático de professores de uma universidade pública. **Novas Tecnologias na Educação**, CINTED, v. 14, n. 1, jul. 2016.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary J. P.; MÉLLO, Ricardo P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: Narrativas ficcionais implicadas. *In:* SPINK, Mary; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias globais/projetos locais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MIGNOLO, Walter. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Trad. André Langer. **Revista IHU**, São Leopoldo, jul. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo>. Acesso em: 05 dez. 2019.

MIGNOLO, Walter. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 01-18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 13 abr.2023.

MOREIRA Marco Antonio; MASINI, Elcie F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOTA NETO, João Colares. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, n. 48, p. 21-33, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/folios/n48/0123-4870-folios-48-00003.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.

NASCIMENTO, Élvio José Reis do. **Práticas docentes contemporâneas: apropriações docentes de tecnologias digitais na tessitura do conhecimento em rede.** Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, Luiz. F.; CANDAU, Vera. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

PAZ, Tatiana S. da; RODRIGUES, Eduardo S. J. Educação ativista na cibercultura: experiências plurais. **Revista Teias**, v. 20, 2019. (Edição Especial).

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na Internet. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 36, 2013, Manaus. **Anais [...]** Manaus: UFAM, 2013, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

REIS, Tamires E. B. **Letramentos digitais potencializados por narrativas audiovisuais na formação docente.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

RIBEIRO Djamila. **Lugar de fala: feminismos plurais.** São Paulo: Jandaíra, 2019.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney C.; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 1299-1312, jan. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 23-32, dez. 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Leila S. de. **Atos de currículo com o WhatsApp: o digital na Educação de Jovens e Adultos.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

SANTANA, Patrícia M. S. Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. *In*: **Ação educativa: Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro.** São Paulo, 2001.

SANTOS, Edméa. Educação *on-line* como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn. (org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SANTOS, Edméa. **Docência na cibercultura**: laboratórios de informática, computadores móveis e educação *online*. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

SANTOS, Edméa. Prefácio. In: RAMAL, Andrea; SANTOS, Edméa (org.). **Currículos**: teorias e práticas. [S.l]: LTC, 2012.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. [E-book].

SANTOS, Edméa. Formação de professores e pesquisadores no contexto de pandemia: possibilidades e limite. Webconferência. **Live FEUFF**, 23.set. 2020. 1 vídeo (2h34min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hdR3PED0kAY>. Acesso em: 05 fev. 2023.

SANTOS, Maxwell Souza dos; AMORIM, Marcel Alvaro. O letramento racial crítico em vestibulares: o caso da UNICAMP sob a ótica dialógica. In: CONEDU, VII, 2021, Maceió. **Anais [...]** Maceió, 2021.

SANTOS, Rosemary dos. **Formação de formadores e educação superior na cibercultura**: itinerâncias de grupos de pesquisa no *Facebook*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Cidinha da. **Parem de nos matar**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, Luciana A. **Flores de ébano**: escrita de si como prática de liberdade. Kitabu, 2022.

SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.190-207.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Redes de relacionamento e sociedade de controle. **VIRUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=3&item=2&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SPINK, Mary J.; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO Vanda; CORDEIRO Mariana (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

STREET, Brian; BAGNO, Marcos. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p465-488>. Acesso em: 14 abr. 2023.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. **Na pandemia, nem tudo que reluz é ouro: discutindo fake news e o fenômeno da pós-verdade em tempos de necropolítica no Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teófilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. **Comunicologia**, jan./jun. 2021. Disponível em: [portalrevistas.ucb.br > index > RCEUCB](http://portalrevistas.ucb.br/index/RCEUCB). Acesso em: 20 mai. 2023.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na roda: a formação humana nas escolas e nas organizações**. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

WEBER, A.; SANTOS, E. Educação online em tempos de mobilidade e aprendizagem ubíqua: desafios para as práticas pedagógicas na cibercultura. **Revista EDaPECI**, São Cristóvão (SE), v. 13, n. 2, p. 168-183, mai./ago. 2013.

**APÊNDICE**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, aceito

participar da

pesquisa intitulada, **Ciberativismo negro**: processos decoloniais articulados pelas *youtubers* negras e sua contribuição para uma formação universitária antirracista, realizada por Lais Carvalho da Silva Machado, Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), orientada pela professora Dra. Luciana Velloso.

Declaro que concordo com a divulgação das minhas narrativas e imagens apresentadas ao longo do processo de investigação, comprometendo-se o pesquisador a utilizar o material apenas para os propósitos dessa pesquisa.

( ) **Autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa\***

\*Nome do participante: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Documento de Identificação: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2022.

---